

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS – LEITURA E COGNIÇÃO
LINHA DE PESQUISA – PROCESSOS COGNITIVOS E TEXTUALIDADE**

**APRENDIZAGEM DA LEITURA:
CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES DOS MÉTODOS DE ENSINO
FÔNICO E GLOBAL NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS**

GREICI QUÉLI MACHADO
Mestranda

Prof^a. Dr^a. Rosângela Gabriel
Orientadora

Santa Cruz do Sul, 2008

GREICI QUÉLI MACHADO

**APRENDIZAGEM DA LEITURA:
CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES DOS MÉTODOS DE ENSINO
FÔNICO E GLOBAL NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Gabriel

Santa Cruz do Sul, 2008

Greici Quéli Machado

Aprendizagem da leitura: contribuições e limitações dos métodos de ensino fônico e global na alfabetização de crianças

Esta Dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.



Prof.ª Dr. Rosângela Gabriel

Professora Orientadora



Prof.ª Dr. Vera Wannmacher Pereira



Prof.ª Dr. Onici Claro Flôres

*Aos futuros aprendizes da leitura e
da escrita, que direta ou indiretamente
se beneficiarão deste estudo.*

AGRADECIMENTOS

Sou grata a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o êxito dessa pesquisa. Dentre tantas pessoas que cruzaram essa minha caminhada, um agradecimento especial:

Ao Roberto e aos meus pais, pelo apoio incondicional, compreensão e incentivo na realização deste trabalho.

À professora Rosângela Gabriel, pelo profissionalismo na orientação da pesquisa, sem o seu olhar crítico e desafiador este trabalho não teria assumido a presente forma. E, também aos professores do Mestrado em Letras da Unisc, pelas idéias e sugestões durante essa caminhada.

Às escolas que abriram suas portas para a realização da coleta de dados e, em especial, aos professores alfabetizadores que me receberam com muito carinho e voluntariamente dispuseram-se a colaborar com a pesquisa, expondo seus conhecimentos, suas dúvidas, seus anseios diante da caminhada alfabetizadora.

À direção, aos colegas professores e aos alunos das escolas Penedo e Guia Lopes pela colaboração, confiança e compreensão nas ausências.

Aos colegas do mestrado pelas novas amizades traçadas, pela troca de experiências e, especialmente, pelos momentos de descontração que vivemos juntos.

*O conhecimento é um bem muito especial:
quanto mais você dá, mais você tem disponível.*

Ditado Bengalês

RESUMO

Nos últimos anos tem havido um crescente interesse nos estudos sobre a aprendizagem da leitura. E, para que a aprendizagem transcorra de forma eficiente, a análise dos métodos de ensino é de fundamental importância. Conforme descrito por Soares (2003, 2007), para assinalar quais são as melhores estratégias a serem usadas na aprendizagem da leitura de crianças, de forma a oferecer todas as condições para o aprendiz iniciar-se no mundo letrado, é necessário analisar a alfabetização sob três pontos de vista. O primeiro diz respeito à questão técnica da língua, ou seja, o ato de decodificação e codificação, a representação grafema-fonema/fonema-grafema. O segundo, atém-se à questão do significado, da compreensão leitora. E o terceiro, considera a alfabetização um processo social, ou seja, a aprendizagem da língua escrita possui funções e fins conforme o contexto social em que está inserida. A partir disso surgiu este estudo, com o intuito de discutir quais são os argumentos favoráveis e contrários aos métodos fônico e global na alfabetização de crianças, com o objetivo de investigar qual a melhor forma de alfabetizar. Resumidamente, podemos caracterizar o método fônico como o defensor da consciência fonológica na aprendizagem da leitura, atribuindo, dessa forma, grande importância à decodificação, pois, de acordo com essa abordagem, é através da correspondência grafema-fonema que se constrói a aprendizagem da leitura. Já o método global distingue-se pela ênfase dada ao significado e ao contexto em que o aluno está inserido, caracterizando a leitura como um processo de identificação global das palavras. Nota-se que o ensino da leitura é uma atividade cognitiva complexa, em que se criam vínculos entre a cultura e o conhecimento, entre as atividades sociais e culturais, entre o homem e o mundo. Após a conclusão deste estudo, ficou confirmado que tanto o método fônico quanto o global apresentam argumentos convincentes para a alfabetização de crianças. Seguindo esse raciocínio, é sensata a busca por uma terceira alternativa que privilegie os aspectos positivos de cada método utilizando cada estratégia no seu momento certo. Para atingirmos uma alfabetização de qualidade é necessário respeitar o caminho dos alunos no desenvolvimento de suas hipóteses sobre a escrita, possibilitar o trabalho com textos, resgatar a importância do alfabeto, das relações entre sons e letras, respeitar os momentos de descobertas dos alfabetizandos, focalizando sempre o objeto da aprendizagem da leitura: a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: aprendizagem da leitura, alfabetização de crianças, método global, método fônico.

ABSTRACT

READING LEARNING: CONTRIBUTIONS AND LIMITATIONS OF THE PHONIC AND GLOBAL TEACHING METHODS IN CHILDREN'S LITERACY

In the last years, it has been occurring a growing interest for the studies on the reading learning. Moreover, in order to make that learning to happen in an efficient way, the analysis of the teaching methods is of fundamental importance. According to Soares (2003, 2007), to highlight which are the best strategies to be used on teaching reading to children, in order to offer all the conditions for the learner initiates himself/herself in the literate world, it is necessary to analyze the literacy under three points of view. The first one concerns to the technical subject of the language, that is, the decoding and coding action, the representation grapheme-phoneme/phoneme-grapheme. The second one, focus attention on the meaning, on the reading comprehension, and the third point, considers the literacy a social process, that is, the learning of the written language possesses functions and objectives according to the social context in which it is inserted. Starting from that this study has been thought, with the intention of discussing which are the favorable and contrary arguments to the phonics and global methods in the children's literacy, with the aim of investigating which is the best way of teaching to read and write. In short, we can characterize the phonic method as the defender of the phonological conscience in the learning of reading, attributing, in that way, great importance to the decoding, because, according to that approach, it is through the correspondence grapheme-phoneme that the learning of the reading is built. The global method, however, is distinguished by the emphasis given to the meaning and the context in which the student is inserted, characterizing the reading as a global identification process of the words. It is noticed that the teaching of the reading is a complex cognitive activity, in which bonds are created between the culture and the knowledge, among the social and cultural activities, between the man and the world. After the conclusion of this study, it was confirmed that the phonic method as well as the global method present convincing arguments for the children's literacy. Following that reasoning, it is wise to search for a third alternative that privileges the positive aspects of the phonic and global methods, using appropriate strategies in the right moment. In order to reach a literacy with quality it is necessary to respect the students' trajectory in the development of their hypotheses on the writing, to make possible the work with texts, to rescue the importance of the alphabet, of the relationships between sounds and letters, to respect the moments of discoveries of the learners, always focusing the object of the reading learning: the language. **KEYWORDS:** reading learning, children's literacy, whole language approach, phonics approach.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Diagrama da comunicação interneuronal (POERSCH, 2004).....	18
Figura 2	Modelo do sistema de leitura de palavras apresentado por J. Morais (1996, p. 131)	19
Figura 3	Anos de experiência do professor com alfabetização	58
Figura 4	Idade dos professores alfabetizadores	58
Figura 5	Formação dos professores alfabetizadores	59
Figura 6	Rede que pertence a escola a qual o professor está vinculado	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O PROBLEMA DA PESQUISA	15
1.1 Objetivos.....	15
1.2 Questões de pesquisa	16
1.3 Justificativa.....	17
2. DISCUSSÃO TEÓRICA: A ALFABETIZAÇÃO EM FOCO	19
2.1 Cognição e leitura	20
2.2 Alfabetização e letramento.....	26
2.3 Princípio alfabético e consciência fonológica na alfabetização.....	31
2.4 Métodos de ensino da leitura	33
2.4.1 Método fônico	36
2.4.2 Método global	43
2.4.3 Limitações dos métodos fônico e global em discussão.....	48
2.5 Situação brasileira: atualidade da discussão sobre alfabetização e letramento	51
3. A VISÃO DOS PROFESSORES	51
3.1 Metodologia da pesquisa empírica.....	56
3.1.1 Sujeitos da pesquisa.....	56
3.1.2 Procedimentos para produção de dados.....	57
3.1.3 Aplicação do instrumento e procedimentos específicos.....	57
3.1.4 Procedimentos para análise dos dados.....	58
3.2 Apresentação dos dados	58
3.2.1 Perfil dos professores alfabetizadores	58
3.2.2 Análise das aulas observadas dos professores alfabetizadores entrevistados	62
3.2.3 Apresentação dos resultados e discussão	64
CONCLUSÃO	80

REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	89
ANEXO A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	90
ANEXO B – Autorização do(a) professor(a) alfabetizador(a)	91
ANEXO C – Autorização do(a) diretor(a) de escola	92
ANEXO D – Entrevistas com professores alfabetizadores	93
ANEXO E – Transcrições das entrevistas com os professores alfabetizadores.....	95
ANEXO F – Anotações sobre as observações das aulas dos professores entrevistados...	146

INTRODUÇÃO

A leitura representa uma ferramenta primordial para a formação do sujeito, no aspecto social e cognitivo, visto que é através dela que se chega a uma fatia substancial do conhecimento construído pela espécie. A partir dos avanços das Ciências Cognitivas, a leitura passou a ocupar um espaço privilegiado nas pesquisas científicas e muitos pesquisadores interessaram-se (e continuam interessados) em desvendar os seus mistérios.

Conforme as informações fornecidas pelos órgãos que avaliam a educação, vê-se que o Brasil atravessa uma fase difícil, com resultados alarmantes. Dados estatísticos fornecidos pelo INEP mostram que a porcentagem de reprovação na primeira série do Ensino Fundamental aumentou de 15.1% no ano de 2000 para 16.1% em 2005 evidenciando, assim, que o sistema educacional vigente não está gerando bons resultados. De acordo com a avaliação do PISA, de 2006, o Brasil é um dos piores países na avaliação de proficiência em leitura, classificando-se em 49º lugar dentre os cinquenta e seis países participantes. No Brasil, apenas 1,1% dos estudantes atingiram o nível mais alto de proficiência em leitura e 44,5% alcançaram pelo menos o nível 2 em leitura, o que significa que “enfrentam dificuldades quando precisam de material de leitura para alcançar objetivos de aprendizado em qualquer área” (INEP). Os dados do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), de 2005, mostram que nos últimos dez anos a educação no Brasil piorou, ou seja, em todos os dados comparativos, o desempenho dos alunos na avaliação de 2005 é inferior ao de 1995. Os alunos de 4ª série do ensino fundamental em 1995 receberam a média em proficiência em língua portuguesa de 188 pontos e, em 2005 essa média caiu para 172. Evidencia-se, através desses dados, que grande parte dos alunos brasileiros chega à 4ª série do ensino fundamental sem ter desenvolvido as competências em leitura exigidas para esse nível.

Esta dissertação de mestrado tenta contribuir com os estudos acerca da aprendizagem da leitura e da escrita através da comparação entre os argumentos apresentados pelos métodos de alfabetização fônico e global. A motivação para essa comparação deriva de uma acirrada polêmica que nosso país enfrenta há muito tempo: qual a metodologia mais eficiente na alfabetização de crianças? O método fônico ou o global?

Soares (2007, p.24) salienta que, “a questão dos métodos, que tanto tem polarizado as reflexões sobre a alfabetização, será insolúvel enquanto não se aprofundar a caracterização de diversas facetas do processo e não se buscar uma articulação dessas diversas facetas nos métodos e procedimentos de ensinar a ler e a escrever”. Nesse sentido, para que a aprendizagem da leitura se efetive, a análise dos métodos de ensino é de fundamental importância, pois, cotejando processos cognitivos e métodos de alfabetização, espera-se que seja possível assinalar quais são as melhores estratégias a serem usadas no ensino da leitura de crianças, de forma a oferecer as condições para o aprendiz iniciar-se no mundo letrado.

Para Soares (2003, 2007), a alfabetização precisa ser observada sob três pontos de vista, os quais são tomados como referência neste estudo. Os dois primeiros consideram a alfabetização como um processo individual: o primeiro diz respeito à questão técnica da língua, ou seja, o ato de decodificação e codificação, a representação grafema-fonema/fonema-grafema. Aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras para codificar ou para decodificar, envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para a direita, enfim, envolve uma série de aspectos técnicos indispensáveis. O segundo, atém-se à questão do significado, da compreensão leitora. E o terceiro, considera a alfabetização um processo social, ou seja, a aprendizagem da língua escrita possui funções e fins conforme o contexto social em que está inserida.

A alfabetização deve ser considerada, sob esses três eixos centrais, como um processo individual ligado à questão da técnica da língua e ao significado das palavras e, como um processo social ligado às práticas sociais da leitura. Por isso, ela se torna um tema de interesse universal motivado pelos novos e crescentes desafios do desenvolvimento tecnológico, que requerem competências de leitura e interpretação de textos cada vez mais sofisticadas e democratizadas, estendidas a toda a população.

Este estudo tem como objetivo geral discutir os argumentos favoráveis e contrários aos métodos fônico e global na alfabetização de crianças, levando em consideração o estado atual das pesquisas em lingüística e ciências cognitivas. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, que teve como objetivos específicos: arrolar os argumentos favoráveis e contrários aos métodos fônico e global; comparar os processos envolvidos nesses métodos à luz das teorias em ciências cognitivas; debater a questão das dificuldades de aprendizagem da leitura, a fim de identificar a forma mais eficiente de alfabetizar crianças no contexto social brasileiro; verificar quais são os subsídios teóricos que os métodos de ensino oferecem para promover a alfabetização de crianças com dificuldades na aprendizagem da leitura. Em seguida, através de pesquisa empírica, foram coletados dados para averiguar quais os conhecimentos teórico-metodológicos dos professores alfabetizadores e como aplicam esses conhecimentos em sala de aula. No intuito de relatar os dados obtidos, este texto está organizado em três eixos principais que serão detalhados a seguir.

O primeiro capítulo tem como intuito apresentar o problema de pesquisa, ou seja, ele relata quais são os objetivos deste estudo (geral e específicos), as questões de pesquisa e, por último, a justificativa da importância da pesquisa neste tema para melhorar a qualidade na educação.

O segundo capítulo apresenta o quadro teórico utilizado neste estudo, dividido em seis seções que abordam os seguintes assuntos: cognição e leitura; alfabetização e letramento; princípio alfabético e consciência fonológica na alfabetização; métodos de ensino da leitura fônico e global – contribuições e limitações; situação brasileira: atualidade da discussão sobre alfabetização e letramento.

No terceiro capítulo descreve-se a metodologia de trabalho adotada no estudo empírico. Esse, por sua vez, está dividido sujeitos da pesquisa, procedimentos para produção de dados, aplicação do instrumento e procedimentos específicos e, por fim, procedimentos para análise dos dados. Ainda nesse capítulo, a apresentação dos dados: perfil dos professores alfabetizadores, apresentação dos resultados, análise das aulas observadas dos professores alfabetizadores entrevistados e discussão dos resultados obtidos em consonância com as considerações teóricas. Para finalizar, a conclusão, que traz uma avaliação deste estudo com o intuito de instigar novas pesquisas e descobertas na área da alfabetização.

1. O PROBLEMA DA PESQUISA

A leitura tem sido tema de discussão de muitos pesquisadores nas últimas décadas, sendo que um dos objetivos dessas discussões é a busca de soluções para melhorar o desempenho dos estudantes na leitura. Uma dessas soluções pode estar na metodologia usada no ensino da leitura, ou seja, na forma como o processo de alfabetização é conduzido.

Devido às controvérsias existentes entre os métodos de alfabetização fônico e global, esta pesquisa discute as especificidades desses dois métodos, levando em consideração o estado atual das pesquisas em aquisição da linguagem e ciências cognitivas. Para atingir o seu objetivo, este trabalho arrola as contribuições e as limitações desses métodos de ensino, compara os seus processos à luz das teorias em ciências cognitivas, debate a questão das dificuldades de aprendizagem da leitura e, então, verifica quais são as estratégias que esses dois métodos oferecem para promover a alfabetização de crianças.

Além disso, esta pesquisa investiga como a alfabetização está sendo desenvolvida nas escolas, através da realização de entrevistas com professores alfabetizadores, buscando averiguar como os professores alfabetizadores enxergam o embate teórico entre os defensores dos métodos fônico e global e suas implicações para o trabalho prático na sala de aula.

1.1 Os objetivos da pesquisa

O objetivo geral da presente pesquisa é discutir os argumentos favoráveis e contrários aos métodos fônico e global na alfabetização de crianças, levando em consideração o estado atual das pesquisas em lingüística e ciências cognitivas.

A fim de atingir esse objetivo geral, surgiram quatro objetivos específicos baseados em pesquisa bibliográfica e em sites da internet:

- Arrolar os argumentos favoráveis e contrários aos métodos fônico e global.
- Comparar os processos envolvidos nos métodos de ensino – fônico e global – à luz das teorias em ciências cognitivas.
- Debater a questão das dificuldades de aprendizagem da leitura, buscando identificar a forma mais eficiente de alfabetizar crianças no contexto social brasileiro.
- Verificar quais são os subsídios teóricos que os métodos de ensino oferecem para promover a alfabetização de crianças com dificuldades na aprendizagem da leitura.

Quanto à pesquisa empírica, efetivada através de entrevista presencial e observação de aulas, o objetivo específico foi:

- Averiguar quais são os conhecimentos teórico-metodológicos dos professores alfabetizadores e como aplicam esses conhecimentos em sala de aula.

1.2 Questões de pesquisa

Pelo fato de a questão da metodologia de ensino para a alfabetização ser tão discutida há anos, questionamos:

- Tanto o método fônico quanto o global apresentam argumentos convincentes para a alfabetização de crianças?
- O método fônico valoriza a consciência fonológica, a relação grafema-fonema, o trabalho com os sons no início da alfabetização, em contrapartida, o método global não prioriza essas características, é omissivo em relação à consciência fonológica. Então, essa seria a sua limitação em relação ao método fônico?

- E o método fônico fica em desvantagem pelo fato de ser pouco atrativo, mecânico, repetitivo em oposição às características lúdicas, recreativas, prazerosas do método global?
- Devido às lacunas na formação dos professores, à falta de cursos de atualização e de investimento do governo na formação continuada, a maioria dos professores alfabetizadores trabalham sem momentos de reflexão e estudo?
- Os professores alfabetizadores possuem bases teóricas insuficientes para categorizar os objetivos e princípios cognitivos envolvidos na aprendizagem da leitura, agindo, portanto, intuitivamente?

1.3 Justificativa

A alfabetização brasileira vive em constante tensão, certa apreensão generalizada no que diz respeito à sua qualidade, em virtude dos dados fornecidos pelos órgãos responsáveis pela avaliação em leitura. Devido aos baixos índices na proficiência leitora dos brasileiros, uma acirrada polêmica em torno da metodologia usada na aprendizagem inicial da leitura fortaleceu-se.

Este estudo justifica-se por focar um dos problemas prementes da sociedade brasileira – como ensinar a ler e a escrever, uma vez que os índices em leitura proficiente, se comparados aos de outros países, deixam muito a desejar. Como foram expostos no referencial teórico, esses índices são comprovados pelos dados estatísticos do INEP, do PISA do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), entre outros.

Os dois métodos de ensino da leitura mais conhecidos – fônico e global – divergem em relação às estratégias adotadas e os estudiosos envolvidos na disputa teórica dividem-se em dois grupos que seguem abordagens distintas para defender seus pontos de vista. É de extrema importância que sejam feitos estudos focalizando a questão dos métodos de alfabetização, uma vez que sua discussão pode trazer esclarecimentos para o universo alfabetizador. A partir dessa constatação, decidiu-se realizar uma pesquisa para sistematizar e discutir as contribuições e as limitações dos métodos de alfabetização fônico e global. Já o estudo

empírico com os professores alfabetizadores sobre a metodologia na alfabetização teve como objetivo avaliar o impacto que a discussão teórica tem tido na prática docente.

Logo, este estudo compõe-se de uma pesquisa bibliográfica paralela a um estudo empírico. Os dados obtidos nessas investigações serão correlacionados a fim de averiguar qual a opinião dos professores alfabetizadores em relação ao embate teórico entre os defensores dos métodos fônico e global, quais as maiores dificuldades enfrentadas no ato de alfabetizar e quais as melhores estratégias para que a aprendizagem da leitura se efetive com sucesso.

Consideramos a análise dos métodos de alfabetização de fundamental importância para o desenvolvimento de uma visão que comporte as diversas habilidades necessárias para a aprendizagem da leitura. Tendo em vista a abrangência do assunto e suas implicações, é indispensável estudá-lo em profundidade, pois através dele professores e estudiosos da área poderão tirar dúvidas e ampliar seus conhecimentos a respeito de uma etapa fundamental na vida intelectual do ser humano: a aprendizagem da leitura.

De acordo com a ordem já apresentada na Introdução, o próximo capítulo traz a discussão teórica acerca da polêmica da metodologia usada na alfabetização. Para chegar a esse propósito, o segundo capítulo relata desde as características cognitivas da leitura, o princípio alfabético e a consciência fonológica, a questão do letramento e dos métodos de ensino fônico e global até a atualidade da discussão sobre a alfabetização brasileira.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA: ALFABETIZAÇÃO EM FOCO

Alfabetizar [...] é um desafio diário.

Professor alfabetizador entrevistado (S17)

Devido à importância conferida à leitura na inserção do indivíduo na sociedade, e, também, à sua relevância no desenvolvimento das capacidades linguístico-cognitivas, evidencia-se o grande valor da pesquisa sobre aprendizagem da leitura. A pesquisa aqui relatada pretende discutir a alfabetização em pleno século XXI, a partir da perspectiva dos métodos de ensino fônico e global. É consenso a necessidade de se buscar novos conhecimentos que possam ser empregados no ensino-aprendizagem com a finalidade de tornar o processo de alfabetização mais eficaz.

Nessa perspectiva, o referencial teórico divide-se em seis seções que tratam acerca da aprendizagem da leitura. A primeira seção apresenta o conceito de cognição e leitura, definindo o ato de ler. Na sequência, são apresentados os conceitos de alfabetização e letramento, salientando a importância da união dessas duas práticas. O terceiro item esclarece a importância da consciência fonológica para a alfabetização de crianças num sistema de escrita alfabético. O quarto, *Métodos de alfabetização*, é dividido em três seções: as contribuições de dois métodos de ensino: o método fônico e o método global, e por último as limitações que esses dois métodos apresentam, na visão de diversos autores. A quinta seção apresenta a situação brasileira da alfabetização e destina-se a explicar os fundamentos do novo ensino fundamental de nove anos, com o ingresso das crianças de seis anos no sistema regular de ensino obrigatório.

2.1 Cognição e leitura

Através da leitura, estabelecemos vínculos com a cultura e o conhecimento, engajamos a atividades sociais e as culturais. Por isso, aprender a ler e a escrever pressupõe novas formas de uso da linguagem. Conforme os estudos de Carvajal e Ramos (2001), a leitura são atividades cognitivas que requerem o envolvimento do sujeito na busca de significados e na capacidade de produção que o dia-a-dia lhe determina.

Para Smith (1989, p. 361), a cognição, define-se como sendo “uma determinada organização do conhecimento no cérebro, ou o processo de organização de tal conhecimento”. E, conforme o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 342) cognição é “o conjunto dos processos mentais usados no pensamento, na percepção, na classificação, reconhecimento, etc.”, já o dicionário Houaiss (2004, p.167) diz que cognição é a “capacidade de adquirir conhecimento” e para o dicionário *on line* Wikipedia cognição é o ato ou processo de conhecer, que envolve atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem.

Pelo fato de a leitura ser um ato cognitivo, ela configura-se como um complexo processo que envolve os sujeitos na busca de conhecimentos. Para Vigotski (2005), o desenvolvimento cognitivo humano é um processo dinâmico, cheio de elevações, mudanças bruscas e inversões. Do ponto de vista cognitivo, Poersch e Amaral definem leitura como

[...] um processo ativo de comunicação que leva o leitor a construir, intencionalmente, em sua própria mente, a partir da percepção de signos gráficos e da ajuda de dados não-visuais, uma substância de conteúdo equivalente àquela que o autor quis expressar, através de uma mensagem verbal escrita. (1989, p.78)

J. Morais (1996, p. 109) conceitua a leitura como “a capacidade de reconhecimento das palavras escritas, isto é, a capacidade de identificar cada palavra como forma ortográfica que tem uma significação e atribuir-lhe uma pronúncia”. Já Smith (1989, p. 198) focaliza o objetivo da leitura na compreensão, pois “a leitura nunca é uma atividade abstrata, sem finalidade [...] os leitores sempre que lêem algo, lêem com uma finalidade; a leitura e sua memorização sempre envolvem emoções, bem como conhecimento e experiência. [...] não pode ser separada da escrita e do pensamento”.

Bomtempo (2002, p. 23) trata da questão da leitura observando que ela “confere um enorme poder à pessoa, na medida em que lhe permite manipular o próprio tempo, envolvendo-o em idéias e acontecimentos, e fazendo-o interagir com o mundo”, portanto “ler é abrir-se para outras culturas”. Já Cagliari (1996, p. 150) destaca que a leitura evidencia-se não só como um ato de decifrar a escrita, mas, também, na atitude do leitor, que deverá entender a linguagem encontrada no texto e decodificar as suas implicações para, então, “refletir sobre isso e formar o seu próprio conhecimento e opinião sobre o que leu”.

Kintsch (1998) assegura que a leitura pressupõe algum tipo de representação, ou seja, que a leitura envolve a memória. Isso fica evidente quando se observa que para atingir o objetivo primordial da leitura – a compreensão, o leitor necessita ancorar as informações novas nos seus conhecimentos prévios, fazer inferências, generalizações, relacionar informações, etc.

Alliende e Condemarín (2005) reforçam a idéia de que a memória é um pré-requisito para a aprendizagem, porque ela desempenha um papel decisivo no processamento da leitura. Para entender o seu papel é necessário rever os seus componentes: o armazenamento sensorial retém o material bruto da percepção, enquanto as informações são processadas; a memória de curto prazo ou memória de trabalho armazena a informação durante alguns segundos, contudo a capacidade dessa memória é limitada a poucos itens; e, se houver comprometimento emocional, a informação se instala na memória de longo prazo, que a mantém por um longo período. Essa parte da memória possui conhecimentos categorizados e integrados para facilitar a rápida compreensão. A leitura efetiva-se a partir do funcionamento dessas três fases da memória.

A informação visual é recolhida da página impressa e mantida por um espaço inferior a um segundo no armazenamento sensorial. Parte da informação é transferida para a memória de curto prazo, na qual é retida por alguns segundos enquanto se exige mais informação do armazenamento sensorial. Para obter informação das unidades ou *chunks* de informação, deve-se receber o apoio da memória de longo prazo, na qual estão armazenados os conhecimentos, as categorias ou os modelos necessários que tornam inteligível a informação do material impresso. (ALLIENDE E CONDEMARÍN, 2005, p.38)

A leitura depende, também, de capacidades biologicamente determinadas, pois o processo de aprendizagem da leitura depende do funcionamento de algumas regiões cerebrais. A área parieto-occipital processa os símbolos gráficos, as áreas do lobo parietal são responsáveis pelas questões visuo-espaciais da grafia, a área de Wernicke, pela compreensão da linguagem e a área de Broca é responsável pela expressão da linguagem escrita. J. Morais (1996, p. 137) ilustra o processamento da leitura no cérebro através da metáfora do enxame de vaga-lumes

[...] veríamos o enxame cintilar brilhar com uma luz sempre cambiante. Ele (cérebro) é constituído de uma multidão de vaga-lumes, vaga-lumes com mil bracinhos, dando as mãos uns aos outros. Cada um brilha um pouco, brilha medianamente, brilha muito, brilha intensamente, ou não brilha nada. Em determinado momento, alguns luzem muito, outros pouco, e em outros momentos aqueles que antes luziam muito não luzem mais, e vice-versa. Assim, a cada forma ortográfica corresponde um padrão de luzes. [...] com um número fixo de vaga-lumes – poderíamos dizer também de células – os leitores podem representar dez palavras, mil palavras, ou ainda cem mil [...] Não há limites para o aumento de vocabulário. [...] aparece uma palavra nova? Nada de pânico, basta que o enxame brilhe de uma maneira nova, diferente de todas as outras vezes. Isso é que é um conjunto de representações, e isso é que é um léxico ortográfico.

Na metáfora, o enxame de vaga-lumes brilhantes representa o funcionamento cerebral. O córtex cerebral é composto essencialmente por uma rede de neurônios interligados, tratados por Morais (1996) como “enxame brilhante”. Os neurônios, unidades básicas da estrutura do cérebro e do sistema nervoso, são os “vaga-lumes”. Esses, por sua vez, são constituídos de uma massa central e duas partes: os axônios, transmissores de eletricidade, e dendritos, receptores de impulsos elétricos. Os dendritos, que tomam a forma de vários ramos extensos que recebem sinais elétricos de outros neurônios, são comparados aos “mil bracinhos”. No espaço entre o dendrito de um neurônio e o axônio de outro é que acontecem as reações químicas, chamadas de sinapses (são os pontos em que as extremidades dos neurônios vizinhos quase se tocam e o estímulo passa de um neurônio para outro por meio de neurotransmissores), na metáfora chamada de “luzinha brilhante”. Essas reações são responsáveis pela aprendizagem. Dessa forma, os dendritos conduzem impulsos nervosos para o núcleo da célula nervosa. Um impulso nervoso é a transmissão de um sinal codificado de um estímulo dado ao longo da membrana do neurônio, que pode passar de uma célula a outra, criando uma cadeia de informação dentro de uma rede de neurônios. Sendo assim, todos os nossos pensamentos, ações, sentimentos, aprendizagem dependem dessa comunicação entre as

células nervosas. Algumas "personagens" desse processo estão presentes na Figura 1, que segue.

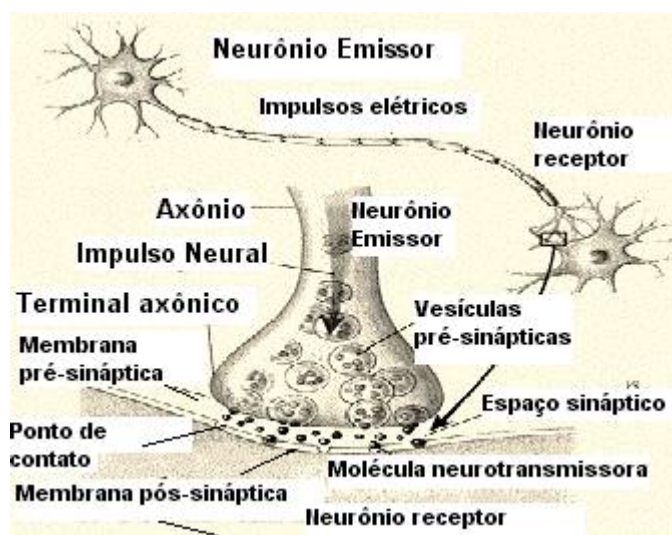


Figura 1 – Diagrama da comunicação interneuronal (POERSCH, 2004)

Baseando-se nesse enfoque biológico, J. Morais (1996) apresenta uma representação mental do sistema da leitura, o qual está subordinado ao conjunto das funções lingüísticas. Nesse sistema, primeiramente a palavra escrita sofre uma análise visual, depois são categorizadas as letras que a constituem. Então, dois subsistemas são ativados: um de extração das unidades ortográficas e outro de conversão grafema-fonema. As unidades ortográficas ativam as formas ortográficas das palavras e, em seguida, as representações semânticas e fonológicas. Na via fonológica, as letras (grafemas) são convertidas em fonemas. As representações ortográfica, fonológica e semântica das palavras, no modelo, estão interligadas por flechas duplas porque sofrem mútua interação. Portanto, como qualquer outra capacidade cognitiva, a capacidade de leitura é uma transformação de representações (entrada → visual) em outras representações (saída → fonológica). E, assim o significado da palavra é alcançado.

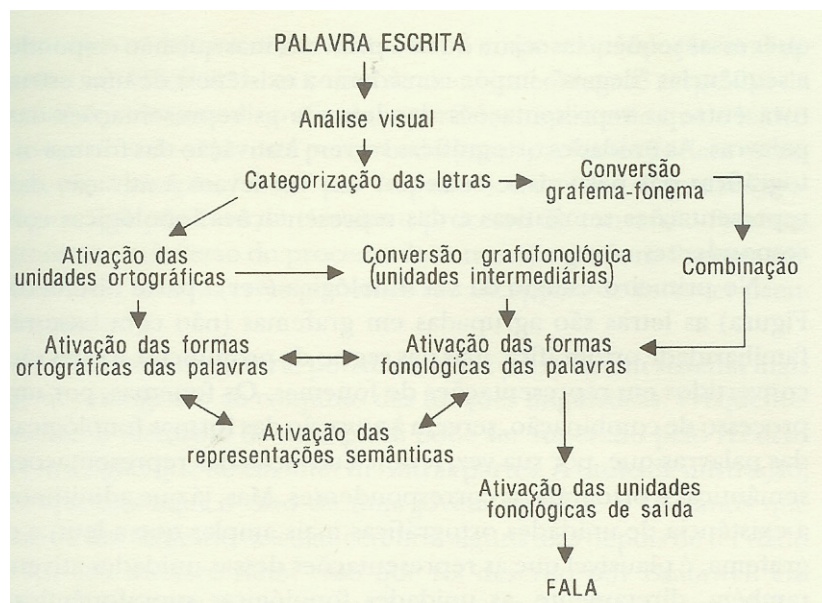


Figura 2 - Modelo do sistema de leitura de palavras apresentado por J. Morais (1996, p. 131).

Apesar de as crianças adquirirem a leitura em diferentes ritmos e caminhos, Capovilla e Capovilla (2004b) e J. Morais (1996) apresentam as três fases pelas quais a criança passa durante a aprendizagem da leitura, propostas pela pesquisadora Uta Frith, em 1985: estágio logográfico, estágio alfabético e estágio ortográfico.

Analisando esses estágios, vê-se que no primeiro, o estágio logográfico, a criança trata a palavra escrita como se fosse um desenho, uma representação visual do referente. Nesse período, a criança reconhece visualmente uma série de palavras frequentes em seu dia-a-dia, como o seu nome, rótulos de alimentos, de bebidas, de lojas. Dessa forma, ela atenta ao contexto, às formas, às cores, e não à decodificação grafema-fonema.

Em seguida, no estágio alfabético, a criança começa a ter consciência dos sons que compõem a fala. Portanto, nessa segunda fase, a criança aprende o princípio da decodificação na leitura e da codificação na escrita, e em consequência disso logo ela será capaz de ler pseudopalavras (palavras inventadas). Quando ela passa a processar agrupamentos de letras cada vez maiores, chegando a memorizar palavras inteiras, já está passando para o próximo estágio.

Por último, no estágio ortográfico, ela é capaz de analisar as palavras em unidades ortográficas – letras-morfemas – sem o auxílio fonológico. Nessa fase, como a criança já está

com seu sistema processamento cognitivo de leitura mais amadurecido, ela consegue ler de forma rápida e fluente, através do reconhecimento visual, ou seja, usando a estratégia lexical e não mais exclusivamente a estratégia fonológica. Nesse período, a concentração do leitor volta-se para a memorização das exceções, para a análise morfológica, para apreender o significado das palavras e para o processamento da sintaxe do texto.

Outra questão pertinente quanto ao processamento da leitura diz respeito às estratégias *botton-up* e *top-down*. Na estratégia ascendente, *botton-up*, o leitor processa a informação a partir da decodificação, do reconhecimento das unidades mais simples até chegar às mais complexas, isto é, letras, sílabas, palavras, frases e por último, texto. Já na estratégia descendente, *top-down*, a ênfase no processo da leitura reside na interpretação e no conhecimento prévio do leitor (ZIMMER, 2006). Conforme Zimmer (2006, p.51), “o uso quase que exclusivo de uma ou de outra estratégia restringe a concepção do processo. [...] a utilização das duas estratégias atuam conjuntamente durante o processamento do texto, o que enseja uma formulação mais equilibrada”.

Admite-se que a integração das estratégias ascendentes e descendentes cooperam para que o leitor realize uma leitura hábil, pois enquanto uma faz uso de habilidades cognitivas que integram o nível básico de processamento (identificação e decodificação de palavras), a outra utiliza as habilidades de compreensão e raciocínio (interpretação e realização de inferências). Dessa forma, segundo os argumentos de Zimmer (2006), os leitores compensam as deficiências encontradas em um nível através dos conhecimentos construídos em outros níveis.

Segundo J. Morais (2004), a aprendizagem da leitura envolve componentes cognitivos e lingüísticos, enfatizando que os componentes motivacionais são imprescindíveis para que se proporcione uma alfabetização eficaz, devido ao amplo comprometimento emocional do aluno com a aprendizagem quando ele está motivado.

Por outro lado, o fato de os seres humanos terem em comum aparato cognitivo semelhante não implica que todos os membros da espécie dominem sistemas de escrita similares. A escrita é um produto cultural, possível graças à cognição humana, mas que requer aprendizagem. A próxima seção dará continuidade a esse assunto tratando acerca da

alfabetização e do letramento, duas aprendizagens distintas, mas interdependentes que, necessariamente, complementam-se a fim de formar um leitor apto.

2.2 Alfabetização e letramento

A alfabetização é uma árvore, e nem todos os galhos estão brotando ao mesmo tempo ou crescidos no mesmo lugar...

Professor alfabetizador entrevistado (S17)

Esta seção procura definir os conceitos de alfabetização e letramento, termos indissociáveis na formação leitora dos indivíduos. Além disso, a busca da relação entre essas duas ações é apresentada aqui através do olhar atento de pesquisadores que se preocupam em qualificar a formação de leitores letrados.

O conceito de alfabetização, em Cagliari (1996), é apresentado de forma bastante ampla como “a aprendizagem da leitura”, enquanto que Lembe (2006) e Capovilla e Capovilla (2004a) conceituam a alfabetização em seu sentido estrito, como um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e grafemas em fonemas (ler). Leal *et al.* (2006) complementam essa definição afirmando que, para dominar esse processo é necessário compreender o funcionamento do alfabeto, memorizar o traçado das letras e as convenções letra-som.

Para Ferreiro e Teberosky (1985), a alfabetização é um processo longo, em que o aprendiz observa, interioriza conceitos, duvida deles, reelabora, até chegar ao código alfabético usado pelo adulto. Esse código possibilita que a criança desenvolva consciência da relação entre pensamento e linguagem, a qual será expressa através da escrita. Nessa perspectiva, a alfabetização é tomada como um amplo processo reflexivo que se configura pela reconstrução da língua escrita, cuja abordagem se explica através das variáveis sociais, culturais, políticas e psicolinguísticas, chamando a atenção para a complexidade da escrita como um sistema de representação.

A Unesco (2003) disserta a respeito da influência das transformações societárias na alfabetização, da influência da globalização na linguagem, na cultura e nas identidades, e também a expansão das comunicações eletrônicas. Devido a esses fatos, a alfabetização é considerada, pela Unesco, como ambígua, nem positiva nem negativa, e seu valor depende da maneira como ela é adquirida ou transmitida e do modo como é usada. Conforme essa visão, o processo alfabetizador pode ser um fator de libertação ou, na linguagem de Paulo Freire, de domesticação. Uma outra consequência do pensamento de Freire (1990) foi o desenvolvimento do conceito de alfabetização crítica, entendida como a capacidade de participar, como cidadão atuante, de uma democracia, de criticar as práticas institucionais, de reivindicar direitos e de desafiar as estruturas de poder. Assim sendo, nessas perspectivas, a alfabetização se vincula a um vasto espectro de práticas sociais de comunicação, só podendo ser tratada paralelamente aos demais meios de comunicação, como rádio, televisão, computadores, mensagens de texto em telefones celulares, imagens visuais, etc.

Para Kramer (1982, p.62), a “alfabetização seria um processo de representação que envolve substituições gradativas (“ler” um objeto, um gesto, uma figura ou desenho, uma palavra) em que o objetivo primordial é a apreensão e a compreensão do mundo, desde o que está mais próximo à criança ao que lhe está mais distante, visando à comunicação, à aquisição de conhecimento... à troca.”

Já o conceito de alfabetização apresentado por Soares (2003, 2007) ramifica-se em três facetas. A primeira trata da importância da representação grafema-fonema/fonema-grafema e das questões técnicas da leitura: aprender a segurar um lápis, que se escreve de cima para baixo e da esquerda para a direita, etc. A segunda, prioriza a compreensão leitora, o significado das palavras e do texto. E, a terceira, considera que a aprendizagem da leitura possui funções e fins conforme o contexto social em que está inserida, ou seja, uma alfabetização contextualizada.

Vinculado ao conceito de alfabetização, o letramento é considerado como o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais, isto é, o processo de inserção e participação na cultura escrita (BATISTA *et al*, 2007). Soares (2000, 2002), Marcuschi (2005), Kleiman (2002), comprometidos em definir e discutir o termo letramento, explicam que o letramento é o uso da

leitura em práticas sociais, articulando-as conforme as situações, como fios condutores para a apropriação da linguagem.

Letramento é o estado ou condição de que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive conjugando-as com as práticas sociais de interação oral (SOARES, 1999, p.3).

Soares (2000) explica que a alfabetização e o letramento são ações que embora distintas, processam-se de forma complementar e simultânea, a fim de que o aluno torne-se, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. Enquanto a alfabetização dedica-se ao ensinar/aprender a ler e a escrever, o letramento consiste em não apenas saber ler e escrever, mas em cultivar as atividades de leitura que estão presentes no nosso dia-a-dia. Exemplos dessas práticas seriam: escrever/ler bilhetes, cartas, e-mails, notas fiscais, relatórios, contratos, agendas, receitas... E ainda, ler livros, jornais, panfletos, placas, etc.

Soares (2000) ainda esclarece que os dois termos, alfabetizar e letrar, não são sinônimos, mas duas ações distintas e inseparáveis, pois o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever inserindo o leitor no contexto das práticas sociais da leitura que o rodeiam. Na sociedade em que vivemos, não basta apenas decodificar as letras do alfabeto, é preciso imergir num universo com múltiplas informações. Como ressalta Soares

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para a superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão alternativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita. (2004, p. 22)

Assim sendo, não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar, muito menos de categorizar esses processos como seqüenciais, como se o letramento fosse uma preparação para a alfabetização ou a alfabetização uma condição para o letramento. O desafio é, pois, conciliar esses dois processos, assegurando aos alunos a aprendizagem da leitura consignada ao uso da língua em práticas sociais.

Desse modo, para que se consiga alfabetizar letrando “é necessário democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e ajudar o aluno, ativamente, a reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética” (LEAL *et al*, 2006, p. 71). Somente assim o desafio proposto pelo letramento será alcançado, de não apenas ler e repassar o que leu, mas ler, compreender e produzir os textos que compartilhamos socialmente como cidadãos imersos no contexto cultural.

Em virtude disso, como a alfabetização é um processo complexo, longo e contínuo, permeado pela troca de conhecimentos, em que a experiência é a base para as novas aprendizagens e indispensável para a formação de um leitor autônomo, Scliar-Cabral (2003b, p.41) afirma que

Aprender a ler e a escrever depende de muitos fatores tais como condições reais para que as crianças se tornem motivadas, experiência funcional prévia com material impresso, exposição a contextos narrativos e um contexto de ensino-aprendizagem inteligente, onde professores e crianças possam em conjunto construir o letramento.

A partir desse enfoque, alguns pesquisadores selecionam elementos indispensáveis na alfabetização. Então, Rego (2006) defende que para ter uma alfabetização de qualidade deve-se eleger um conjunto de pré-requisitos, privilegiando-se a maturidade, aspectos perceptuais e motores aliados a um domínio da linguagem oral. Além disso, a alfabetização deve considerar a importância das práticas sócio-culturais da leitura, a compreensão da língua escrita como forma de comunicação e a descoberta do princípio alfabético e das convenções ortográficas.

Já Leal *et al.*(2006) selecionam um conjunto de competências e habilidades indispensáveis no processo alfabetizador composto pela consciência fonológica, pela familiaridade com textos impressos, pela metalinguagem, pelo princípio alfabético, pela decodificação, pela fluência, pelo vocabulário e pelas estratégias de compreensão de texto.

Outra categorização é feita por Lembe (2006, p. 9), que apresenta cinco conhecimentos básicos que as crianças precisam atingir para alfabetizar-se. Os três primeiros conhecimentos são “as partes componentes da capacidade de fazer uma ligação simbólica entre sons da fala e

letras do alfabeto”. O primeiro conhecimento é a relação de simbolização entre as letras e os sons da fala. Em todo sistema alfabético de escrita os segmentos gráficos representam segmentos de som. O segundo, é que cada letra equivale a um som e tem características próprias. Além disso, a criança precisa aprender a discriminar as letras do alfabeto, apesar delas serem muito parecidas (por exemplo, *p* e *b*, *q* e *p*, *d* e *b*, *m* e *n*). O terceiro, é a conscientização dos sons, isto é, a criança precisa notar que “as letras simbolizam sons da fala, é preciso saber ouvir as diferenças lingüisticamente relevantes entre esses sons, de modo que se possa escolher a letra certa para simbolizar cada som (LEMBE, 2006, p. 9). Assim, na alfabetização em um sistema alfabético, “é preciso saber exatamente o que é o alfabeto, como ele se tornou capaz de representar a linguagem no nível dos fonemas, de que capacidades nós precisamos para apreender essa relação, e como a representação alfabética pode ser modulada por convenções ortográficas (J. MORAIS, 1996, p. 50). O quarto conhecimento é a criança captar o conceito de palavra. O importante, nesse conhecimento, é a relação simbólica sobreposta, ou seja, a representação de conceitos através de sons e a representação de sons através de letras. E, o quinto e último conhecimento a ser estabelecido é a compreensão da organização espacial da página. É importante ensinar às crianças que a ordem das letras é da esquerda para a direita na linha e que a ordem das linhas é de cima para baixo na página.

Além de todas essas habilidades e competências a serem observadas no processo alfabetizador, a constituição da criança como sujeito social deve fazer parte do planejamento escolar nessa fase, gerando atividades em que possam debater, brincar, pesquisar, conversar, perguntar, dramatizar, vivenciar as novas formas de ampliar o universo em que vivem. A escola deve mobilizar seus alunos pelo afeto, fortalecendo essa nova dimensão humana: o aprender a ler. Logo, todo esse conjunto auxilia o sujeito a formar-se como leitor.

Gabriel (2006) argumenta que o ensino, na alfabetização, deve combinar o uso de estratégias cognitivas e metacognitivas, assessorar o aluno levando-o a produzir significados e auxiliá-lo na construção das várias representações mentais desde os níveis lingüísticos mais básicos, como a relação grafema-fonema, até os mais elevados, como a compreensão da idéia que o autor quer transmitir através do texto, a fim de concordar ou discordar delas, atingindo, assim, o propósito do letramento.

Dessa forma, a alfabetização deve estar inserida em um contexto mais amplo, que se preocupe com a capacidade de questionar, selecionar, escolher, sempre voltada para os valores

e crenças do indivíduo e da comunidade, considerando as situações comunicativas do dia-a-dia, a fim de formar leitores letrados, pois como diz Scliar-Cabral (2003a, p.20), “é nos primeiros anos de escola que se decide fundamentalmente quem será um bom leitor ou redator”.

A fim de levar adiante a discussão iniciada nesta seção, é fundamental nos debruçarmos sobre as características do sistema de escrita que queremos que as crianças brasileiras dominem. Para tanto, a próxima seção enfocará o princípio alfabético e sua relação com a consciência fonológica.

2.3 O princípio alfabético e a consciência fonológica na alfabetização

Em nosso país, a cultura escrita foi desenvolvida por meio de sistema alfabético que mapeia a língua falada através de letras que representam as unidades fonológicas – os fonemas. Nesse sistema é tão forte a relação entre a língua falada e a escrita alfabética que diversas pesquisas descritas por J. Morais (2004), Capovilla e Capovilla (2004c) e Scliar-Cabral (2003b) comprovam que a alfabetização e a consciência dos sons da fala estão reciprocamente relacionadas, influenciando uma a outra.

Existem vários sistemas de escrita diferentes do nosso sistema alfabético, exemplos deles são a escrita logográfica que é composta por logogramas – grifos que representam elementos fonéticos. Um exemplo dessa escrita é chinesa, em que os grafemas não transcrevem fonemas, mas significados (exemplo: 学 - estudar). O sistema *abjad* é uma escrita segmental contendo apenas símbolos para consoantes ou onde vogais são opcionalmente escritas com diacríticos ou apenas escrevendo-as no início da palavra, como a escrita árabe (exemplo: **الكتب صغيرة** - os livros são pequenos), etc. Ainda existem alfabetos não-lineares: *braille* (desenvolvido para cegos e deficientes físicos), código internacional de sinais (desenvolvido para surdos), código morse (código trinário de linhas e pontos transmitido por eletrecidade, luz ou som), sinalização de trânsito, etc.

Conforme Rayner e colaboradores (2002), aprender a falar é automático para maioria das crianças que crescem em circunstâncias normais, mas aprender a ler requer instrução elaborada e um esforço consciente. Vigotski (2005) também enfatiza que, por a linguagem

escrita exigir um trabalho consciente, há a necessidade de a criança desvincular-se do concreto para compreender a abstrata representação simbólica que é a escrita alfabética. O princípio alfabético, segundo J. Morais (2004), é definido como a relação entre fonemas (sons) e grafemas (letras), ou seja, as palavras escritas possuem combinações de unidades visuais que são sistematicamente relacionadas às unidades sonoras das palavras.

Dessa forma, o princípio alfabético se refere à descoberta das regras que regem o código alfabético, isto é, do princípio de que cada letra corresponde a pelo menos um som. O ensino do princípio alfabético objetiva que as crianças compreendam que a linguagem escrita funciona em consonância com a linguagem falada, mas há várias sub-regras que a criança precisa identificar, pois a correspondência fonema-grafema/grafema-fonema não implica sempre em uma equivalência um a um, há algumas peculiaridades e exceções.

O conceito de princípio alfabético também é descrito por Capovilla e Capovilla (2004a, p.34) a partir do relatório francês *Apprendre à lire*: “o princípio alfabético corresponde ao fato de que os caracteres do nosso sistema de escrita, as letras, correspondem, isoladamente ou em seqüência, a entidades fonológicas abstratas que chamamos de fonemas”. Segundo esses pesquisadores esse relatório define o princípio alfabético como motor da aprendizagem de palavras, pois é através dele que o aprendiz tomará consciência do funcionamento do código escrito.

A consciência fonológica, definida por Scliar-Cabral (1999) como uma habilidade metalingüística que decorre da capacidade do ser humano de refletir sobre a linguagem de forma consciente e utilizando a própria linguagem, pressupõe a capacidade de identificar que as palavras são constituídas por sons que podem ser manipulados conscientemente. Essa habilidade pode ser caracterizada como a representação consciente das propriedades fonológicas e das unidades constituintes da fala.

Alliende e Condemarín (2005, p.39) também conceituam consciência fonológica como uma “habilidade metalingüística que permite às crianças refletir sobre algumas características da linguagem”, e salientam que a consciência dos fonemas não é uma conquista fácil, e não é adquirida espontaneamente. Para aprender a ler e a soletrar palavras, as crianças devem entender que as palavras faladas são compostas de fonemas que podem ser combinados e, que

esses fonemas correspondem às letras no alfabeto escrito. Conforme Adams *et al* (2006, p. 16), é “a consciência dos sons que compõem o sistema de uma certa língua”.

A manipulação da linguagem escrita exige que a criança seja capaz de analisar e refletir sobre as unidades que compõem as palavras, por isso o reconhecimento da relação grafema-fonema é importante para que a criança identifique o princípio alfabético e se alfabetize. Sendo assim, a condição para que a criança internalize procedimentos de um sistema alfabético implica a capacidade de lidar com fonemas, de chegar à noção de que as palavras são compostas por sons e que esses correspondem a letras que se empregam para escrever, ou seja, a criança que se torna consciente dos fonemas tenta estabelecer uma correspondência entre eles e as letras, buscando representar cada fonema através de uma letra.

A próxima seção apresenta as contribuições e as limitações dos métodos de ensino fônico e global, visto que a metodologia usada na alfabetização inicial de crianças pode auxiliar ou atrapalhar a formação de leitores.

2.4 Métodos de ensino da leitura

O método pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar [...].

Emília Ferreiro e Ana Teberosky

É consenso entre pesquisadores, governantes, pais e professores a importância da formação de leitores competentes. Por outro lado, há uma acirrada polemica quanto a forma mais eficiente para se chegar a esse objetivo, ou seja, em torno da metodologia a ser usada no ensino da leitura. Dois métodos de alfabetização – fônico e global – divergem em relação às estratégias de ensino adotadas, e os estudiosos envolvidos na disputa teórica dividem-se em dois grupos que seguem abordagens distintas para defender seus pontos de vista.

Mortatti (2006) sintetiza a história dos métodos no Brasil em quatro momentos cruciais. O primeiro – a metodização do ensino da leitura – buscava atingir a alfabetização através do método fônico. Na segunda metade do século XIX aconteciam as primeiras

tentativas de alfabetizar em ordem crescente de dificuldade – letras, sílabas, palavras, frases e, por último, textos, sempre enfatizando a caligrafia e a ortografia.

Já o segundo momento é representado pela institucionalização do método analítico no início do século XX, através do qual o ensino era introduzido do todo para as partes. Nessa época, surgiram as questões didáticas – como aquelas relacionadas ao modo de ensinar, iniciando assim os estudos em torno das questões psicológicas da criança.

O terceiro momento – a alfabetização sob medida – de 1920 até 1970, tentava conciliar os métodos sintético e analítico, mesclando-os. A partir desse período se passou a considerar “o como ensinar subordinado à maturidade da criança a quem se ensina; as questões de ordem didática, portanto, estão subordinadas às de ordem psicológica” (MORTATTI, 2006, p. 10).

No quarto momento – alfabetização: construtivismo e desmetodização – a partir da década de 1980, o ensino foi permeado de propostas para mudar a educação a fim de enfrentar o fracasso escolar. Então, introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas de Ferreiro e colaboradores. Nessa concepção, o eixo das discussões se deslocava dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem.

A partir dessa nova visão, iniciou-se uma batalha pela conscientização de que o método global era superior ao método fônico, devido à contextualização das palavras, à ludicidade e à memorização de palavras. As pesquisas que mais se salientaram na divulgação desse método foram as de Ferreiro e Teberosky (1985) sobre a psicogênese da língua escrita. A partir dessa perspectiva teórica, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (de agora em diante, PCNs) em 1997, para que o professor utilizasse o método global em suas aulas, identificando os níveis psicogenéticos dos alunos. Essa constatação é comprovada pela citação que segue, que trata acerca do nível silábico da psicogênese da língua escrita, descrito por Ferreiro e Teberosky (1989).

Estudos em diferentes línguas têm mostrado que, de uma correspondência inicial pouco diferenciada, o alfabetizando progride em direção a um procedimento de análise em que passa a fazer corresponder recortes do falado a recortes do escrito. Essa correspondência passa por um momento silábico – em que, ainda que nem sempre com consistência, atribui uma letra a uma sílaba – antes de chegar a compreender o que realmente cada letra representa. (PCN, vol.2, Língua Portuguesa, 1997, p.83-84)

Apesar de toda a busca por um método eficaz para a aprendizagem da leitura, as falhas ainda são evidentes, pois os alunos chegam ao final do ensino básico sem dominar a leitura, conforme comprovam os dados apresentados na Introdução dessa dissertação. Onde está o problema? Novamente a alfabetização é foco do debate e surgem estudos argumentando que o método global apresenta debilidades que só o método fônico pode suprir. Então, será o caso de modernizar o método fônico? Ou o método global ainda não teve tempo de mostrar sua eficácia? Haveria outra alternativa a essas duas propostas?

Consciente dessas dificuldades, Rayner e colaboradores (2002) afirmam que muitos estudiosos têm dado uma grande atenção sobre qual a melhor forma de ajudar as crianças a ler. Ele ratifica que nenhum método único tem triunfado e o debate, sobre a forma mais apropriada sobre como ensinar a ler, continua a polarizar a comunidade de professores.

Adams *et al.* (2003) sugerem que os métodos de alfabetização devem basear-se em conhecimentos científicos acerca da escolha das unidades de ensino (grafema/fonema, sílabas, palavras, sentenças, textos), bem como aqueles relativos às regras elementares para auxiliar o aluno a decifrar o código alfabético, as estruturas lingüísticas e as regras mais complexas com as quais ele terá de lidar ao ler, ou ao ouvir textos lidos em classe pelo professor, além de entender como se desenvolvem os padrões ortográficos e como a decodificação contribui para o desenvolvimento desses padrões. Kato (1995, p. 6) complementa essa questão afirmando que “qualquer método para ser eficaz deve ter a ele subjacentes hipóteses claras sobre a natureza da aprendizagem desse objeto”.

Grossi (1995, p. 113) discute esse tema focalizando outro ponto, ela ressalta que “uma nova abordagem do aprendizado deveria estabelecer uma correspondência entre as descobertas no campo da psicologia cognitiva, no que tange à alfabetização, e o desempenho do professor em sala de aula”. De acordo com a autora, um método de alfabetização deve sempre atualizar-se quanto às novas descobertas da psicologia cognitiva e, ao mesmo tempo, ambientar os professores alfabetizadores a fim de que possam usufruir dessas novas descobertas. Por isso, a análise dos métodos de ensino é de fundamental importância para o desenvolvimento de uma visão que comporte as diversas habilidades necessárias para que a aprendizagem da leitura ocorra sem tanta dificuldade.

[...] é preciso pensar o quadro escolar em termos de ambientes de alfabetização [...] É fundamental refletir sobre os tipos de práticas através das quais as crianças são introduzidas no mundo da leitura/escrita, bem como sobre a maneira com a qual a linguagem escrita é representada pelo intermédio dessas práticas. (FERREIRO, 1995, p. 34)

Cumprido observar que tanto Adams e colaboradores (2003), quanto Kato (1995) e Grossi (1995), apesar de defenderem métodos de alfabetização distintos, concordam que a escolha do método deve ser pautada pelos conhecimentos científicos nas áreas da lingüística, psicologia, educação, etc.

De acordo com Rayner e colaboradores (2001, 2002), a controvérsia criada em torno dos métodos de alfabetização é baseada, também, em diferenças filosóficas, em uma abordagem tradicional (relativa ao método fônico) e outra progressista (relativa ao método global). Nessa visão, de um lado, os progressistas acreditam numa aprendizagem centrada no estudante e desafiam os resultados dos testes de laboratórios e estudos em sala de aula baseados numa abordagem filosófica, num ceticismo filosófico sobre a validade dessas pesquisas. E, do outro lado, a abordagem tradicional ratifica, através de seus estudos, a importância da instrução fônica explícita para uma alfabetização eficaz.

As duas próximas seções delineiam as características dos métodos fônico e global no ensino da leitura, apresentando as peculiaridades dos métodos fônico e global de alfabetização. A terceira seção oferece um exercício de contra-leitura, em que se busca apontar as limitações de cada um desses métodos.

2.4.1 Método fônico

Conforme J. Morais (1996, p. 262), o método fônico nasceu na Alemanha no século XVI, com o propósito de ensinar as correspondências entre sons e letras. Esse método “nasceu de uma constatação: a criança sente dificuldades em passar da associação entre o nome das letras para a fusão dos ‘sons’ das letras a fim de obter a pronúncia das palavras”. As pesquisas sobre o método fônico investigam a importância do domínio do sistema alfabético através de

uma metodologia voltada para a consciência fonológica, a fim de que, durante a aquisição da linguagem escrita, a criança internalize padrões regulares entre som e letra.

De acordo com esse pensamento, a compreensão só será atingida depois que a criança dominar a correspondência grafema/fonema, porque, nessa visão, a escrita representa graficamente a fala. Esse método atribui grande importância à decodificação, pois é através dessa correspondência que se constrói a aprendizagem: os elementos são introduzidos de forma gradual, primeiro unidades mais simples – letras e sílabas – para depois as mais complexas – palavras, frases e textos.

Rego (2006) afirma que essa “proposta se baseia em modelos cognitivistas de processamento da informação na leitura de orientação ascendente, segundo os quais o reconhecimento automático de palavras é o fator que melhor explica a compreensão na leitura”. Entende-se por orientação ascendente a alfabetização através da sistematização das unidades, partindo dos elementos simples aos complexos, ou seja, nesse enfoque, ensinam-se letras, sílabas, palavras, frases e textos, nessa ordem. Defendendo essa idéia de que a alfabetização deve ser iniciada pela aprendizagem das letras e seus sons, McGuinness (2006, p. 20) afirma que “qualquer pessoa que tenha de aprender um sistema de escrita alfabético deve ser ensinada a reconhecer fonemas nas palavras a fim de compreender como tal sistema funciona”.

Em decorrência, nessa proposta de aprendizagem da leitura, o aprendiz é levado a combinar letras para formar sílabas e daí produzir palavras, o que chamamos de estratégia alfabética. Essa estratégia é utilizada no começo da aprendizagem e, após algumas experiências com a leitura, estabelecem-se unidades de reconhecimento para as palavras. Reforçando a hipótese da superioridade do método fônico, Capovilla e Capovilla argumentam que:

Crianças de primeiro ano do Ensino Fundamental que recebem instruções fônicas sistemáticas mostram melhoras significativas nas habilidades de decodificação, de escrita, e de compreensão de texto. [...] Esse tipo de instrução fônica beneficia tanto estudantes com distúrbios quanto estudantes com atraso ou dificuldades de leitura, mas que não chegam a ter um distúrbio de leitura. Além disso a instrução fônica sintética sistemática é significativamente mais eficaz em melhorar o conhecimento do alfabeto e a leitura de crianças de nível socioeconômico baixo. (2004^a, p.22-23)

Capovilla e Capovilla (2004b) identificam duas habilidades inerentes ao método fônico: habilidade de perceber os sons da fala e habilidade de manipulá-los. Enquanto que a primeira é puramente perceptiva, automática, involuntária e independente da alfabetização, a segunda é metacognitiva e intencional, voluntária e dependente do ensino formal. Essas habilidades objetivam auxiliar a criança a compreender o princípio alfabético e a desenvolver a rota fonológica, na qual a pronúncia da palavra é construída segmento a segmento por meio da aplicação de regras de correspondência grafofonêmicas. O acesso ao significado é alcançado mais tarde, quando o sistema semântico é ativado. Logo, a pronúncia é construída por meio da conversão de segmentos ortográficos em fonológicos, e o acesso ao significado é alcançado pela mediação da forma fonológica da palavra. Com o uso da rota fonológica, o leitor será capaz de ler palavras novas, desenvolver seu léxico ortográfico e, posteriormente, realizar a leitura lexical.

Pelo fato de as crianças terem necessidade desde muito cedo de discriminar os sons da fala para utilizá-los corretamente, tanto ao ingressarem na escola, como enquanto aprendizes conscientes da língua, os estudiosos que defendem esse método valorizam a correspondência grafema-fonema, pois atribuem grande importância à consciência fonológica desde o início do processo da aprendizagem da leitura e da escrita.

Conforme Valente e Martins (2004), Capovilla e Capovilla (2002), J. Morais (1996), nos estudos atuais, a consciência fonológica é reconhecida como uma causa e uma consequência da aprendizagem da leitura, ou seja, a criança necessita de um nível mínimo dela para aprender o código escrito com sucesso e, assim, a consciência fonológica irá aperfeiçoar-se paralelamente à formação do leitor. É através da correspondência grafema-fonema que “as crianças tornam-se capazes de usar o seu conhecimento fonológico para construir uma rota direta para o acesso ao léxico” (PINHEIRO, 1994, p. 82).

Pesquisas recentes, principalmente as de Capovilla e Capovilla (2002; 2004a; 2004b; 2004c), demonstram que “a fonologia é tão importante para a alfabetização que os distúrbios fonológicos estão por trás de pelo menos 67 por cento de todos os quadros de dislexia do desenvolvimento em crianças ouvintes, e que distúrbios de processamento auditivo central [...] prejudicam significativamente a aquisição de leitura e de escrita”.

Além disso, esses estudiosos têm demonstrado que consciência fonológica e alfabetização se desenvolvem através de uma influência recíproca, pois a consciência fonológica auxilia a criança no início da alfabetização, ao passo que a alfabetização contribui para o aprimoramento da consciência fonológica. Sendo assim, é preciso inserir atividades de consciência fonológica em sala de aula que façam com que as crianças escutem as semelhanças, diferenças, quantidade e ordem dos sons da fala (os fonemas) para que descubram sua existência e a possibilidade de separá-los e analisá-los, pois é assim que se compreende como o alfabeto funciona, compreensão essa fundamental para aprender a ler e a escrever (ADAMS *et al*, 2006).

Nesse sentido, Rayner e colaboradores (2002) asseguram que os professores devem reconhecer que as pesquisas realizadas por décadas mostram que as crianças que são ensinadas sobre consciência fonológica se transformam em melhores leitores, que compreendem melhor seus textos e as próprias regras de ortografia da língua. Assim sendo, os educadores que não levam em consideração essa realidade estão negligenciando essas evidências e, também, estão negligenciando as necessidades dos seus alunos.

J. Morais (2004, p. 56) sustenta a afirmação de que os programas que exercitam a consciência fonológica permitem progressos mais significativos em leitura do que aqueles que não o enfatizam e esse progresso é evidente “tanto entre as crianças que adquirem a leitura normalmente quanto entre aquelas que apresentam um risco ou mesmo sintomas de dificuldades”.

As pesquisas indicam que, sem o apoio de uma instrução direta, a consciência fonêmica escapa a cerca de 25% dos estudantes de primeira série do ensino fundamental de classe média e a uma quantidade consideravelmente maior daqueles com origens menos ricas em termos de letramento. Mais do que isso, essas crianças acabam apresentando sérias dificuldades para aprender a ler e a escrever.[...] que fazê-lo (desenvolver a consciência fonológica) significa acelerar a posterior aquisição da leitura e da escrita por parte da criança. (ADAMS *et al*, 2006, p. 19-21)

Através de suas pesquisas Adams e colaboradores (2006, p.16), comprovaram que “as crianças que têm consciência dos fonemas avançam de forma mais fácil e produtiva para a

escrita e para a leitura criativas”, porque é “a consciência dos sons que compõem o sistema de uma certa língua”, devido ao fato do nosso sistema de escrita ser alfabético e as letras do alfabeto representarem os fonemas. Seguindo esse raciocínio, é preciso tornar-se consciente das estruturas fonológicas da linguagem para compreender o princípio alfabético, pois “diante de uma escrita alfabética, o nível de consciência fonológica de uma criança ao entrar na escola é considerado o indicador individual mais forte do êxito que ela terá ao aprender a ler – ou, ao contrário, da probabilidade de que não o consiga” (Adams *et al*, 2006, p. 20).

Alliende e Condemarín (2005, p.47) confirmam que “as atividades que promovem a consciência fonológica ajudam as crianças a perceberem a sua linguagem como séries de sons que podem segmentar e categorizar”. Nunes, Buarque e Bryant (2003) também focalizam a importância da consciência fonológica argumentando que, quanto mais ela for desenvolvida na criança, maior será o seu progresso na aprendizagem da leitura, independente da fase em que ela se encontra. Focalizando a mesma questão, Alliende e Condemarín (2005, p. 40) descobriram que, “ensinando consciência fonológica aceleram o crescimento de toda turma em termos de leitura, ao mesmo tempo em que reduzem a incidência de crianças com atraso na leitura”. Dessa forma, esses pesquisadores enfatizam que crianças que apresentam um bom desempenho em consciência fonológica normalmente apresentarão um bom desempenho em leitura e, por isso, a consciência fonológica deve ser considerada uma ferramenta indispensável na alfabetização de crianças.

É preciso considerar que a consciência fonológica é uma competência primordial para a compreensão do sistema alfabético, exigindo um intrincado raciocínio da criança para compreendê-lo. Ela exige muito mais a habilidade de manipular a estrutura sonora da palavra, do que a compreensão do seu significado. Nessa perspectiva, Freitas explica que

A capacidade metafonológica pressupõe o conhecimento não do que significa uma palavra, mas de que ela é um todo formado por sons individuais. Pode-se tomar, então, consciência fonológica como a habilidade de refletir sobre os sons da fala e sua organização na formação das palavras. (2002, p. 166)

Além do mais, é através da decodificação fonológica que a criança atinge o autoensino, ou seja, ela cria as condições para a realização de uma leitura autônoma. É assim que o

leitor desenvolverá os pré-requisitos necessários para as habilidades de leitura, necessitando somente da prática para alcançar fluência e automatismo.

Capovilla e Capovilla (2004a, p. 22-23) apresentam trechos do relatório do Comitê Nacional da Leitura que explicitam os benefícios do método fônico para a alfabetização eficaz

A instrução fônica sistemática deve ser integrada com estratégias de consciência fonológica, fluência e compreensão para criar um programa de leitura completo. [...]A instrução fônica sistemática melhora a precisão nas habilidades de decodificação e de reconhecimento de palavras que, por sua vez, facilitam a compreensão. Contudo, é preciso ressaltar que a aplicação automática e fluente das habilidades fônicas ao texto é outra habilidade crítica que deve ser ensinada e aprendida de modo a maximizar a leitura em voz alta e a compreensão de leitura.

Outra característica que consagra o método fônico, conforme Capovilla e Capovilla (2004b), é o fato de ele apresentar melhores resultados a longo prazo, porque fornece às crianças “habilidades e conhecimentos autogerativos” que resultam em diminuição da repetência ao longo das séries escolares e em aumento das chances de ingresso na universidade. Além disso, esses estudiosos argumentam que esse método é especialmente indicado para os alunos disléxicos, pois esses estudantes têm dificuldade em discriminar, segmentar e manipular os sons da fala, e o método fônico pode diminuir essa dificuldade através de atividades específicas e sistemáticas de consciência fonológica durante a alfabetização.

O método fônico [...] objetiva desenvolver as habilidades metafonológicas e ensinar as correspondências grafofonêmicas de modo a levar a criança a adquirir a leitura e escrita competentes; ou seja, na escrita, fazendo a codificação fonografêmica suficientemente fluente para poder registrar seus pensamentos e, na leitura, fazendo decodificação grafofonêmica suficientemente fluente para obter acesso semântico natural à medida que processa o texto. (CAPOVILLA e CAPOVILLA, 2004a, p. 87)

Um sistema de escrita alfabético exige que o ensino leve as crianças, na alfabetização, a reconhecer os fonemas nas palavras a fim de compreender como esse sistema funciona. Por isso, para que o método de alfabetização atinja seu objetivo – alfabetizar – é indispensável que

ele ensine às crianças a correspondência grafema-fonema, ou seja, a conscientização da unidade de som do seu sistema de escrita e como esses sons são representados pelos símbolos (as letras) (MC GUINNESS, 2006).

Segundo Adams e colaboradores (2003, p. 62), “o enfoque contemporâneo do método fônico não guarda qualquer relação com meras atividades mecânicas de calistênica fonológica, [...] Ao contrário, [...] pertencem ao domínio da descoberta, da compreensão, reflexão e metacognição”. Nesse enfoque, o domínio do princípio alfabético é absolutamente necessário para a compreensão eficaz da leitura. Como já foi explicado anteriormente, o princípio alfabético se refere à descoberta das regras que regem o código alfabético, isto é, do princípio de que cada letra corresponde a pelo menos um som. O ensino do princípio alfabético faz com que as crianças compreendam que a linguagem escrita funciona em consonância com a linguagem falada, com algumas exceções. E, seu uso não significa abandonar a importância do significado ou a motivação dos alunos, mas sim, uni-los a fim de oportunizar uma alfabetização mais eficaz aos futuros leitores.

Em contrapartida às críticas, que consideram o método fônico desprovido de significação, repetitivo e mecânico pelo fato de ser um método sistemático e regrado, Capovilla e Capovilla defendem que a cópia de letras no início da alfabetização não é uma atividade mecânica, sem interesse e, que “a repetição contribui para o controle motor e permite à criança consolidar representações mentais dos traços das letras, necessárias para a sua identificação” (2004b, p. 273). Além do mais, J. Morais (1996) e Capovilla e Capovilla (2002) afirmam que a abordagem contemporânea do método fônico está reformulada e apresenta atividades recreativas, envolventes e significativas ao universo da criança propiciando uma alfabetização eficaz. Exemplos de atividades que objetivam a desenvolver a consciência fonológica em crianças pequenas integram o livro de Adams *et al* (2006).

Na próxima seção, como foi dito anteriormente, serão apresentadas as características do método global de alfabetização.

2.4.2 Método global

A proposta defendida pelo método global sugere uma alfabetização contextualizada através da transposição das práticas sociais de leitura para a sala de aula em situações-problema. A partir dos estudos de Jean Piaget e de Ferreiro e Teberosky, Grossi (1989, p.31-32) afirma que “o conhecimento se dá através da interação dos estímulos do meio ambiente com o sujeito que aprende [...] o centro do processo de aprendizagem é o próprio aluno, como sujeito que aprende e que constrói o seu saber”.

Para essa concepção teórica, o leitor iniciante segue uma rota visual, logográfica, ou seja, consegue escrever quando tem a representação do léxico mental e busca na memória sua forma correspondente de registro. Nesse método, o professor pode auxiliar na alfabetização através da apresentação de muitos e variados textos e na organização das atividades de escrita.

Nessa perspectiva, ressaltam-se os estudos de Emília Ferreiro (1985, 1993, 1995a, 1995b) que vieram a se tornar um marco na transformação do conceito de aprendizagem da escrita pela criança, seguindo os pressupostos teóricos sobre a psicogênese da língua escrita, baseados nos trabalhos de Jean Piaget. O objetivo fundamental desses estudos, segundo Ferreiro (1995, p.23), é o “entendimento da evolução dos sistemas de idéias construídos pelas crianças sobre a natureza do objeto social que o sistema de escrita é”.

Segundo Richmond (1975), Piaget investigou os processos internos de construção do conhecimento humano, buscando a sua gênese e investigando as manifestações, reações e comportamentos do indivíduo diante de situações contextuais desde o seu nascimento. Explicitou a lógica do funcionamento mental da criança, mediante conceitos básicos de esquema, assimilação, acomodação e equilíbrio, indicando como e por que o desenvolvimento cognitivo da criança ocorre. Influenciada pela teoria piagetiana, Emilia Ferreiro investigou a gênese da aquisição da escrita, considerando que as primeiras noções têm seu início antes da entrada das crianças na escola.

Os estudos de Piaget foram relevantes no âmbito da alfabetização porque explicitam o modo “como as crianças apreendem o mundo” e, com isso, esclarecem o quanto é importante reconhecer o significado da história de vida (inclusão na família, comunidade e cultura) no desenvolvimento de cada indivíduo. Dessa forma, o uso da metodologia piagetiana em sala de

aula direciona os temas referentes ao aprendizado para o contexto social (GOODMAN, 1995, p. 15).

Em seus estudos, Ferreiro e Teberosky (1985) preconizam que a aprendizagem da leitura também passam por níveis psicogenéticos semelhantes aos processos de desenvolvimento cognitivo estudados por Piaget. Dessa forma, a criança vai formulando hipóteses de como se lê e de como se escreve, vai confrontando essas hipóteses com suas experiências até conseguir construir sua escrita ortograficamente.

Ferreiro e Teberosky (1985) investigam a natureza da relação entre o real e sua representação e, em resposta, afirmam que as crianças reinventam a escrita, construindo hipóteses sobre ela. Seguindo a evolução das hipóteses infantis, as autoras dividem o processo da aprendizagem da leitura em níveis distintos.

De acordo com as autoras, a ordem do aparecimento desses níveis é geralmente o mesmo em todas as crianças, devido à sua intrínseca relação com os processos do desenvolvimento cognitivo. Apesar disso, o aparecimento das hipóteses dependerá da interação da criança com o material escrito em seu meio. Durante o processo de alfabetização, a criança começa a pensar a escrita e a “buscar uma nova hipótese quando se dá conta que aquela que vinha utilizando não é suficiente para explicar como se escreve e se lê” (FRANCO, 1995, p. 69).

Ferreiro e Teberosky (1985) afirmam que, no início da caminhada da análise psicogenética da escrita, escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma, isto é, a escrita é ininterpretável se não se conhece a intenção do escritor. Nesse nível, denominado pré-silábico 1, a escrita e o desenho são indiferenciáveis e representam a mesma coisa para a criança (ambas as formas são grafias ininterpretáveis).

Logo em seguida, a criança entra no nível pré-silábico 2 e começa a diferenciar as letras dos desenhos, percebendo que não é no desenho que se lê, mas nas letras. Apesar disso, a leitura das letras só será possível se estiver acompanhada de um desenho de referência. E, aos poucos, vão aparecendo, na escrita da criança, rabiscos parecidos com letras ou números. Nessa fase, a criança já instituiu algumas regras à sua escrita, como a lei da diversidade (as

palavras constituem-se por sinais diferentes) e a lei da quantidade (exigência de um mínimo de letras para que algo possa ser lido).

A grafia ainda é muito limitada, mas varia linearmente para formar palavras diferentes, porém a forma dos grafismos é mais definida, mais próximas à das letras. Nessa fase, a criança forma a hipótese de que para conseguir ler coisas diferentes deve haver uma diferença objetiva nas escritas (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985). A partir desse estágio, aparecem dois tipos de reações: 1) bloqueio – se aprende a escrever copiando a escrita de outros e na ausência de modelo, não há possibilidade de escrita; 2) a utilização de modelos conhecidos para prever novas escritas – quantidade fixa de letras, variedade de grafias e as letras são identificáveis.

Quando a hipótese pré-silábica começa a mostrar-se falha para a criança, ela a substitui pela idéia do valor sonoro das letras – a hipótese silábica, em que cada letra corresponderá a uma sílaba. Nessa visão, a hipótese silábica contraria as leis de variedade e quantidade de letras, por isso na passagem do nível pré-silábico ao silábico acontece uma fase intermediária de assimilação que mistura as duas concepções.

A hipótese silábica é uma construção original da criança que não pode ser atribuída a uma transmissão por parte do adulto. A escrita já representa partes sonoras da fala e há a correspondência entre as partes do texto (cada letra) e as partes da expressão oral (recorte silábico do nome). Nesse período, as crianças começam a vivenciar conflitos derivados de contradições com a hipótese do número mínimo de letras e a existência dos monossílabos, por exemplo, e a contradição com a interpretação que os adultos dão às palavras com mais letras do que eles julgam necessário para as palavras.

Esta hipótese silábica é da maior importância, por duas razões: permite obter um critério geral para regular as variações na quantidade de letras que devem ser escritas, e centra a atenção da criança nas variações sonoras entre as palavras. (FERREIRO, 1995b, p.25)

No entanto, quando a criança confrontar a sua escrita silábica com a escrita que aparece em seu contexto, vai necessitar de uma nova hipótese para explicar a leitura. Durante a transição do nível silábico para o alfabético ocorre um outro nível intermediário, chamado

silábico-alfabético, que se caracteriza pela omissão de algumas letras nas palavras, o que Ferreiro (1995b) nomeou popularmente como “engolir letras”.

Nesse nível – o silábico-alfabético, a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba, porque há conflito entre as formas gráficas que o meio propõe e a leitura dessas formas em termos de hipótese silábica. Nesse nível, a hipótese silábica entra em contradição com o valor sonoro atribuído às letras. Por exemplo, a palavra ESCOLA, pode ser escrita assim: ECOLA ou SCOLA. É muito difícil para a criança abandonar as concepções já adquiridas, ou seja, de que falta uma certa quantidade de letras para que algo possa ser lido e, que cada letra representa uma das sílabas que compõem o nome. Teberosky (1995, p. 113) observa que “a passagem do nível silábico para o alfabético gera um conflito influenciado por um fator social: as crianças descobrem que sua escrita não pode ser lida por outros”.

Em seguida, portanto, entra em cena o nível alfabético, em que cada letra corresponde a um fonema. Nessa etapa, a criança compreendeu a “natureza intrínseca do sistema alfabético” (FERREIRO, 1995, p. 32), isto é, que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Agora, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito.

Finalmente, o nível ortográfico só será atingido pela criança através da sua experiência com a escrita e a leitura de vários materiais escritos, em que possa confrontar suas hipóteses e, daí, começar a escrever conforme a norma padrão da sua língua materna.

A partir desse trabalho psicogenético, foi possível verificar, de maneira significativa, “o envolvimento ativo e pessoal das crianças no desenvolvimento de sua própria alfabetização” (GOODMAN, 1995, p.117), analisar os processos pelos quais elas concebem a escrita e categorizá-las em níveis, para então, elaborar estratégias a fim de avançar no seu processo de alfabetização.

Conforme afirma Landsmann (1995), os estudos sobre a psicogênese da língua escrita, edificadores do método global, têm grande importância para a lingüística, porque resgatam

sua posição como objeto psicológico específico e estabelecem as fases de evolução dos conhecimentos das crianças sobre a linguagem escrita.

As idéias do método global, para seus pesquisadores, soam como progressistas e sensíveis às necessidades das crianças, buscando desenvolver a criatividade e permitindo que elas próprias descubram os princípios da leitura. Esse método explica a leitura através da adivinhação contextual, afirmando que o contexto fornece informações sintáticas, semânticas e pragmáticas, as quais permitem prever a emissão de palavras novas.

Enquanto o método fônico preocupa-se com a aprendizagem inicial da leitura a partir do estabelecimento da correspondência grafema-fonema, o método global prioriza as atividades comunicativas através do uso da linguagem. Como destaca J. Morais (1996, p. 265), “a concepção do método global faz brilhar a perspectiva de um progresso maior – o progresso do sistema inteiro da linguagem e da cognição, de todo o indivíduo”, pois a aprendizagem é tomada de forma ampla e engloba diversos fatores como a interdisciplinaridade, o desenvolvimento corporal e as dimensões sociais e afetivas.

O mesmo autor salienta que, apesar de o método global ter nascido no século XVII, ele difundiu-se nas escolas somente no século XX. Sua proposta era proporcionar uma forma mais econômica de ensinar, apresentando as palavras como um todo sem focalizar unidades menores. A intenção era focalizar a palavra e seu significado. Além disso, para seus defensores, o método global resgata, prioritariamente, a questão do prazer, da ludicidade, da brincadeira, da descoberta, do significado.

Quando propiciamos e incentivamos o prazer nas tarefas escolares [...] julgamos – como Piaget – que o aluno é sujeito da aprendizagem, que ele constrói o seu conhecimento e que é preciso deixá-lo descobrir o funcionamento e o significado do que lhe é proposto pelo professor. [...] que não existe aprendizagem sem prazer. (GROSSI, 1989, p.33)

De acordo com Grossi (1989) e Goodman (1995), essa proposta didática tem como fundamento reconhecer a heterogeneidade dos alunos, baseando-se no pressuposto de que as crianças chegam à alfabetização repletas de experiências sociais, culturais, religiosas, econômicas, lingüísticas. Essa variabilidade pode ser relacionada às oportunidades sociais de

reflexão sobre a língua, às intervenções específicas para cada grupo de alunos, ao estímulo à produção de textos orais e escritos, à análise de palavras quanto à ordem, quantidade de letras etc, mas não à reflexão metafonológica, nem ao ensino sistemático das correspondências grafema/fonema.

O aprender a ler não requer a memorização de nomes de letras, ou regra fonéticas, ou um grande vocabulário; tudo isto vem no curso do aprendizado da leitura, e pouco disto fará sentido para uma criança sem alguma experiência em leitura. [...] o aprendizado da leitura não é uma questão de a criança apoiar-se totalmente na instrução, porque as habilidades essenciais da leitura [...] não podem ser ensinadas de modo explícito. Mas podem ser demonstradas para as crianças. (SMITH, 1989, p. 236-237)

Nesse enfoque, o método global enfatiza o significado, e a leitura é considerada um processo de identificação global das palavras. Os elementos são introduzidos a partir de estruturas complexas, deslocando-se em seguida para as simples – textos, frases, palavras, sílabas e letras. Assim, a aprendizagem da leitura requer a identificação de palavras inteiras para, posteriormente, o leitor descobrir as unidades lingüísticas mínimas.

Nessa perspectiva, as palavras não são analisadas, mas reconhecidas dentro da sentença como um todo. Pinheiro (1994) explica que o ensino parte do significado, através da visualização de palavras inteiras para somente mais tarde, quando as semelhanças visuais forem aparentes, introduzir o estudo da letra e de sua correspondência sonora.

Como mencionado anteriormente, a próxima seção oferece um exercício de contra-leitura, a fim de questionar algumas peculiaridades dos dois métodos de alfabetização em foco nesta pesquisa, apontando suas limitações.

2.4.3 As limitações dos métodos fônico e global em discussão

Conforme o relato de Capovilla e Capovilla (2004a, 2004b), alguns países enfrentaram na década de 90 uma onda de fracasso devido à adoção ao método global como método de ensino de alfabetização oficial, semelhante ao que o Brasil vem enfrentando. Foi então que esses países decidiram investir em estudos científicos para descobrir as razões do fracasso e

resolveram reorientar suas diretrizes oficiais adotando os princípios da abordagem fônica. Os frutos foram colhidos pouco tempo depois, pois os testes de avaliação de proficiência em leitura que antes classificavam esses países abaixo do nível exigido, com a adoção do método fônico voltaram a ocupar o topo da lista, colecionando sucessos a cada avaliação com o crescimento da competência de leitura da sua população escolar.

Devido a essas informações Capovilla e Capovilla (2004b, p.xiv, xx) ressaltam que

A incompetência dos alunos brasileiros [...] é forte indício de que a abordagem à alfabetização que a produziu simplesmente não funciona, uma vez que os estudantes de países que insistem nessa abordagem (método global) como o Brasil, a Argentina e o México estão entre os mais incompetentes do mundo; enquanto vão muito bem os países que usam a abordagem fônica, como [...] Inglaterra, França, Estados Unidos, dentre tantos outros. [...] como deve ficar claro, os ministérios de educação que impõem ao seu professorado os caducos, infundados e desacreditados ditames de Ferreiro e Teberosky¹ [...] aferrando indefinidamente seus países aos grilhões pesados do subdesenvolvimento.

A avaliação do PISA 2006 confirma a afirmação de Capovilla e Capovilla (2004b), pois os países cuja metodologia de alfabetização é o método fônico, classificaram-se muito bem na avaliação de leitura. Finlândia, Canadá, Nova Zelândia, Irlanda, Austrália estão entre os dez melhores, enquanto que os países que usam oficialmente o método global, como o México, o Brasil e a Argentina são os últimos colocados nessa mesma avaliação, respectivamente, na seguinte colocação 43º, 49º e 53º lugar dentre 56 países avaliados.

Devido a esses baixos índices, nos últimos anos, as pesquisas sobre aprendizagem da leitura evoluíram de um estágio intuitivo para uma prática sólida de ciência experimental a fim de melhorar o desempenho dos estudantes brasileiros em leitura. Os resultados do Relatório Final do Grupo de Trabalho Alfabetização Infantil: Os Novos Caminhos, realizado pelos pesquisadores Adams, Beard, Capovilla, Cardoso-Martins, Gomberg, Morais e Oliveira (2003) resumem quais são os principais tópicos a serem observados na alfabetização de crianças e sugerem que

¹ Referência ao estudo Psicogênese da Língua Escrita.

A ênfase da alfabetização reside na decodificação, portanto, é essencial a escolha de métodos eficazes para ensinar o aluno a decodificar. [...] o ensino da decodificação deve se dar no contexto de leitura que o aluno possa decodificar e, portanto, requer textos adequados para este fim. [...] o ensino da decodificação não esgota os objetivos de um programa de alfabetização. Diferentes objetivos requerem diferentes tipos de materiais de leitura e o uso de diferentes técnicas e métodos para promover a fluência, vocabulário, compreensão e articulação com a escrita. (2003, p. 63)

Nesse aspecto, tanto para os estudiosos defensores do método fônico quanto para os do método global, a condição para que a criança internalize procedimentos de um sistema alfabético implica a capacidade de lidar com fonemas, de decodificar, de chegar à noção de que as palavras são compostas por sons e que estes correspondem a letras que se empregam para escrever. Intuitivamente os adultos excitam a consciência fonológica nas crianças antes mesmo delas ingressarem na escola, através de músicas, versinhos, trava-línguas, parlendas, brincadeiras, rimas. Já no que diz respeito aos métodos de alfabetização durante o ensino escolar, enquanto que o método fônico enfatiza as atividades de consciência fonológica desde o início da alfabetização, o método global apresenta essas atividades somente no final da alfabetização, ou seja, deixa a criança primeiro descobrir sozinha a relação grafema-fonema para depois inserir atividades de consciência fonológica.

Entretanto, a respeito da correspondência grafema-fonema, Ferreiro e Teberosky (1985, p. 24), defensoras do método global, objetam que, dessa forma, as crianças são obrigadas a “reaprender a produzir os sons da fala pensando que, se eles não são adequadamente diferenciáveis, não é possível escrever num sistema alfabético”. A. Morais (2006) também contesta a exigência do método fônico em fazer com que o aprendiz pronuncie isoladamente os fonemas, a qual seria antinatural e muito complexa para uma criança, uma sobrecarga ao seu desenvolvimento cognitivo e que os materiais didáticos de extração fônica submetem as crianças a textos artificiais e limitados, os quais só contribuem para a deformação das competências leitoras, privando-as do contato com os diversos gêneros textuais que circundam a nossa vida diária e a compreensão dos mesmos.

Outros argumentos criticando o método fônico dizem, primeiro, que decodificar não é importante, porque o objetivo da leitura é a construção de significados; segundo, que o método fônico é baseado em atividades cansativas de exercitação; terceiro, o método nega os usos sociais da língua; e, por último, a aprendizagem não é contextualizada, evidenciando o

caráter da metalinguagem, isto é, a própria língua é o contexto. Porém, Capovilla e Capovilla (2004a, p.23) respondem a essa crítica afirmando que “a instrução fônica pode ser dada de um modo criativo, vibrante e lúdico”.

Na visão de Teberosky (1995, p. 55), as escolas enfrentam “o desafio de organizar situações de aprendizado que incorporem as atividades espontâneas de escrita das crianças, sem inibi-las”. É através dessas atitudes que a sala de aula transforma-se num lugar prazeroso e receptivo, “num laboratório de observação das idéias e respostas das crianças com respeito à linguagem escrita” e, assim, as crianças aprendem. Contestando essa afirmação, Adams et al. (2003, p. 62) reconhecem que o método global prioriza o contexto na alfabetização, o que “é muito importante para motivar e promover *insights* sobre usos sociais da língua, mas [...] por si só não ensina aos alunos as competências essenciais para que se tornem leitores autônomos”.

Para os adeptos dessa corrente, não haveria necessidade de estudo sistemático das correspondências som-grafia nem atividades de estímulo à consciência fonológica uma vez que esta seria uma consequência da própria evolução conceitual da criança em face de uma aprendizagem reflexiva da leitura e da escrita. (REGO, 2006, p.6)

Contestando as idéias do método global, Capovilla e Capovilla (2004a, p. 31) descrevem uma crítica do relatório francês *Apprendre à Lire*, que explica que esse método

prejudica o desenvolvimento das capacidades de leitura ao privar a criança das necessárias instruções preparatórias fônicas e metafonológica, ao impingir textos complexos antes que as crianças sejam capazes de decodificá-los, e ao levá-las a perder tempo precioso em jogos de adivinhação do sentido pelo contexto, tratando as crianças desde o início como se já soubessem ler e escrever sem jamais ensiná-las a fazer isso eficazmente.

Através dessa visão, esses estudiosos defendem a superioridade do método fônico afirmando que a principal dificuldade na aprendizagem inicial da leitura está no fato de que a criança deve descobrir o princípio alfabético que rege a nossa escrita, a qual deverá ser ensinada por instrução explícita. Dessa forma, “se a criança souber decodificar, ela saberá

identificar cada uma das palavras e pronunciá-las [...] assim, extrair significado diretamente do texto” (CAPOVILLA E CAPOVILLA, 2004a, p.37).

A. Morais (2006) argumenta que, apesar de os estudiosos do método fônico assumirem que a escrita alfabética é um código e que as crianças precisariam aprender o princípio alfabético para dominar esse código, seus estudos mostram que a escrita alfabética é um sistema notacional e não um código e que o domínio alfabético implica em um complexo trabalho cognitivo, que pressupõe compreender e distinguir as propriedades que caracterizam os sistemas simbólicos.

Após analisar as contribuições e as limitações dos métodos de alfabetização fônico e global, faz-se necessário, na próxima seção, direcionar o foco de atenção para a situação brasileira da alfabetização e letramento em consonância com as contribuições e as limitações apresentadas acerca dos métodos de ensino da leitura.

2.5 Situação brasileira: a atualidade da discussão sobre alfabetização e letramento

As estatísticas educacionais e os dados sobre a proficiência leitora dos alunos, conforme apresentado na Introdução, apontam que o Brasil enfrenta dificuldades para formar leitores capazes de atuar socialmente, para melhorar a sua qualidade de vida.

Existem muitas causas para explicar a dificuldade que os sistemas educativos enfrentam para alfabetizar os seus alunos. O tamanho do problema no Brasil, no entanto, não permite concluir que se trate simplesmente de uma questão de pobreza, de deficiências ou de distúrbios neurolingüísticos dos alunos. (ADAMS et al, 2003, p. 113)

Uma das tentativas tomadas pelo governo para reverter essa situação foi a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997/1998, aprovados com o intuito de nortear a educação a fim de que todas as escolas brasileiras seguissem certas diretrizes. Partindo do pressuposto de que o objetivo da alfabetização é levar o aluno a compreender os usos sociais da linguagem e usá-la para esses fins, esse documento baseia-se nas teorias de Freire (1978), Smith (1989), Ferreiro e Teberosky (1985) e outros.

Os PCNs afirmam ainda que, para aprender a ler, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, porque o texto é tido como uma unidade de ensino por excelência, e por isso não é possível alfabetizar começando por letras, sílabas, palavras ou sentenças fora do contexto.

Para aprender a ler e a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende: ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados 'formalmente' no mundo da escrita por meio da alfabetização. (PCN, v2, p. 56)

Segundo McGuinness (2006), comparando os PCNs com os estudos atualizados sobre alfabetização, vê-se que a teoria que os embasa não contempla as pesquisas mais recentes da área, reconhecidas pela comunidade científica internacional e pelas principais instituições e publicações científicas. O documento se atém às idéias já ultrapassadas em países desenvolvidos e não fornecem dados empíricos para comprovar suas hipóteses.

Como já foi apresentado na seção 1.4.3 por Capovilla e Capovilla (2002, 2004a), os países que possuem os melhores desempenhos nos testes de leitura utilizam o método fônico na alfabetização de crianças, enquanto que os países que possuem os piores desempenhos nos testes de leitura utilizam o método global. Adams et al (2003, p. 15) ressalta que “o problema é que uma postura eminentemente política ou ideológica levou, em diversos países, e continua levando a uma rejeição de evidências objetivas e científicas sobre como as crianças aprendem a ler”.

Conforme os dados fornecidos por Capovilla e Capovilla (2002), depois de analisar muitos estudos científicos publicados na área da aprendizagem da leitura, Estados Unidos, França e Grã-Bretanha, chega-se à conclusão de que para a criança alfabetizar-se é necessário ensiná-la a segmentar e manipular os sons da fala e que esses sons são representados pelas

letras do alfabeto, formando, assim, as palavras. Portanto, o método de alfabetização utilizado por esses países é de instrução fônica.

Uma importante modificação no sistema educacional brasileiro está em curso, uma vez que o ensino fundamental a partir de 2007 passou a ter o acréscimo de um ano, mais especificamente, um ano a mais na fase inicial da alfabetização. Em 9 de janeiro de 2001, o PNE (Plano Nacional de Educação) promulgou a lei nº 10.172 para implantar progressivamente o ensino fundamental de nove anos, ou seja, o ensino fundamental prevê, ao invés de oito, nove anos de escolaridade obrigatória. A partir de 2007, a criança, necessariamente, ingressará no ensino formal, aos seis anos de idade, na modalidade chamada “primeiro ano”. Com essa mudança, não se fala mais em “série”, mas sim “ano”. A nova lei está movimentando a comunidade de especialistas para conduzir essa fase do planejamento educacional brasileiro da melhor forma possível.

Segundo as Orientações Gerais do Ministério da Educação (2004, p. 14), a decisão de aumentar o Ensino Fundamental em um ano tem duas intenções “oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade”.

A justificativa dada pelo Ministério da Educação para a ampliação do Ensino Fundamental é que, conforme as pesquisas recentes, 81,7% das crianças de seis anos já estão na escola, na Educação Infantil, em classes de alfabetização ou na primeira série do Ensino Fundamental. Conforme o boletim informativo do governo “Ensino Fundamental de nove anos - Orientações Gerais” (BRASIL, 2004) grande parte das crianças de seis anos já possui experiências relacionadas à alfabetização, além de possuírem as condições cognitivas necessárias para alfabetizar-se.

Além disso, o Ensino Fundamental de nove anos pode ser considerado um passo positivo na tentativa de diminuir as desigualdades sociais, já que as crianças de seis anos de classes sociais média e alta frequentam a escola desde muito cedo, tendo, assim, muitas experiências com a leitura e com a escrita, enquanto que as crianças cujos pais têm menos condições financeiras têm contato com o ambiente alfabetizador somente na escola pública, com o ingresso na educação básica (que se dava aos sete anos pelo sistema antigo). Logo, o

ingresso aos seis anos de idade propiciará às crianças que possuem pouco contato com a leitura a inserção em um ambiente letrado através da antecipação do processo alfabetizador.

Conforme os estudos realizados pelo Ministério da Educação Ensino Fundamental de nove anos - Orientações Gerais (BRASIL, 2004, p. 19), as crianças de seis anos já estão preparadas para ingressar no mundo do conhecimento letrado, pois elas apresentam “grandes possibilidades de simbolizar e compreender o mundo, estruturando seu pensamento e fazendo uso de múltiplas linguagens”; além disso, vivem um período de construção de sua autonomia e de sua identidade.

De acordo com Goulart (2006, p. 87), fica evidente que a criança de seis anos pode ser iniciada no processo formal de alfabetização, “visto que possui condições de compreender e sistematizar determinados conhecimentos”, mas que a escola não pode deixar de lado a questão da ludicidade e da sociabilidade, pois as crianças precisam brincar interagindo com regras, normas, tempos, espaços. Por isso, essa estudiosa enfoca três eixos como base principal dessa nova mudança: “a infância e as infâncias; os processos de ensino-aprendizagem; o trabalho com a linguagem oral e escrita e com as demais linguagens, considerando a pluralidade da escola e sua organização em torno de crianças, que nos desafiam de várias maneiras” (2007, p. 6).

Em relação à linguagem escrita, as crianças de seis anos possuem muita vontade de aprender a ler e a escrever, somado ao status de freqüentar a escola. Por isso, é necessário que o sistema esteja atento às necessidades dessas crianças, a fim de garantir uma continuidade, e não uma ruptura, do contexto socioafetivo, sistematizando, gradativamente, os conhecimentos sobre a língua escrita. Nessa perspectiva, a escola precisa reestruturar os conteúdos do ensino fundamental de nove anos, principalmente no que diz respeito às crianças de seis anos de idade “considerando o seu perfil, [...] às suas características etárias, sociais e psicológicas, [...] a curiosidade, o desejo, o interesse, a linguagem do faz-de-conta, do brincar”, a fim de “apresentar a escrita de forma contextualizada nos seus diversos usos”, garantindo uma educação de qualidade para essas crianças (BRASIL, 2004, p.17-19).

Ao retratar o perfil do professor das crianças de seis anos, é relevante destacar que ele tenha conhecimento das dimensões físicas, cognitivas, sociais e afetivas dessas crianças para assegurar a sua inserção num ambiente prazeroso e propício à aprendizagem da leitura. Para

que isso ocorra, é fundamental assegurar a esse professor programas de formação continuada direcionados ao seu exercício docente e reorganizar a estrutura escolar, “os ambientes, os espaços, os tempos, os materiais, os conteúdos, as metodologias, os objetivos, o planejamento e a avaliação”. Além disso, é necessário por parte da escola, “criar um ambiente alfabetizador que possibilite às crianças não apenas ter acesso ao mundo letrado, como também nele interagir” (BRASIL, 2004, p. 22).

Através da implantação do Ensino Fundamental de nove anos, temos uma nova oportunidade de repensar a educação, de refletir e agir para conceber novas perspectivas para a realidade educacional brasileira. Nesse novo contexto é preciso analisar qual a melhor forma para alfabetizar as crianças. Qual o melhor método a ser usado? Ou, o que há de melhor em cada método para alfabetizar crianças de seis anos de idade? Isso tudo a fim de que cada vez mais os sujeitos envolvidos com a educação assumam-se como responsáveis pelos processos de ensino-aprendizagem, levando em conta as especificidades das crianças na alfabetização para atingir o sucesso na educação.

O próximo capítulo descreve a metodologia de trabalho adotada no estudo empírico, isto é, a coleta de dados. Essa investigação será descrita em dois blocos: no primeiro (3.1) são apresentados os sujeitos da pesquisa, os procedimentos para produção de dados, a aplicação do instrumento e os procedimentos específicos e os procedimentos para análise dos dados; no segundo (3.2) a apresentação dos dados através do perfil dos professores alfabetizadores, da análise das aulas observadas dos professores alfabetizadores entrevistados, da apresentação dos resultados e discussão. Essa última categoria surge como uma tentativa de apontar as contribuições e limitações dos métodos fônico e global na alfabetização de crianças.

3. A VISÃO DOS PROFESSORES

3.1 Metodologia da pesquisa empírica

Este estudo pretende lançar luz sobre a discussão crescente entre os pesquisadores em educação sobre os métodos de alfabetização, especialmente os métodos fônico e global, a fim de esclarecer quais são os processos envolvidos em cada um deles.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul e, seguindo suas orientações, todos os professores alfabetizadores participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A) e uma autorização como sujeito voluntário da pesquisa (anexo B).

Serão descritas a seguir as etapas de produção de dados, que se materializam pela seleção dos sujeitos, pelo instrumento utilizado e pelos procedimentos adotados.

3.1.1 Sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa contou com a participação voluntária de professores alfabetizadores. A fim de coletar dados mais consistentes, foram selecionados professores com, no mínimo, cinco anos de experiência no primeiro ano da alfabetização de crianças.

Foram selecionados vinte professores alfabetizadores, sendo que doze trabalham em escolas públicas (três municipais e nove estaduais), quatro atuam em escolas privadas e outros quatro, simultaneamente nas redes pública e privada. Os participantes residem em diversas cidades do estado do Rio Grande do Sul: Candelária, Cerro Branco, Novo Cabrais, Santa Cruz do Sul e Lajeado.

3.1.2 Procedimentos para produção de dados

Os professores alfabetizadores foram entrevistados, nesta pesquisa, a fim de verificar como eles vêem a discussão sobre os métodos e como resolvem as dificuldades que surgem na sala de aula. A coleta de dados efetivou-se em duas etapas: a observação de aulas dos professores alfabetizadores selecionados pela pesquisadora e a entrevista semi-estruturada presencial com os mesmos, gravada em áudio e, posteriormente, transcrita.

A entrevista é composta por dois grupos de questões: perfil do entrevistado e questões metodológicas que se referem à prática do dia-a-dia em sala de aula (anexo D). As questões da entrevista referem-se à trajetória profissional do alfabetizador, ao conceito de alfabetização, aos materiais utilizados em sala de aula, às reações frente às dificuldades no processo da aprendizagem da leitura e aos conhecimentos sobre os métodos fônico e global de alfabetização.

3.1.3 Aplicação do instrumento e procedimentos específicos

Antes da realização da entrevista, foi feita uma visita às escolas para a apresentação do projeto e para o recebimento da autorização para a coleta dos dados por parte da direção e do professor alfabetizador. Em seguida, a data da entrevista e da observação foi agendada com o professor alfabetizador.

Durante a realização da entrevista, os sujeitos, primeiramente, preencheram por escrito um formulário com seus dados pessoais e, posteriormente, foram questionados a respeito de sua prática docente.

Os sujeitos foram entrevistados individualmente, sentados próximos ao investigador. Cada entrevista, gravada em áudio, teve duração de 30 a 60 minutos. O investigador proferia uma pergunta de cada vez, o entrevistado respondia e o entrevistador fazia observações quando julgava necessário ou trocava a ordem das questões em favor da pertinência do assunto.

No mesmo dia da entrevista, realizou-se a observação da aula do professor alfabetizador entrevistado, variando apenas a ordem da observação – antes ou depois da entrevista, conforme os horários da escola e do professor. Essa etapa ocorreu como de praxe durante observações: o investigador ficou dentro da sala de aula, ambientado pelo professor-sujeito, observando a sua prática e anotando informações relevantes.

3.1.4 Procedimentos para análise dos dados

O primeiro procedimento de análise foi a definição dos dados quantitativos. Nesse enfoque, a primeira variável diz respeito aos anos de experiência do professor com alfabetização, dividida em três categorias: até 10 anos, de 11 a 20 anos e mais de 20 anos. O segundo fator é a idade, com os sujeitos divididos em três faixas etárias: até 30 anos, de 31 a 40 anos e mais de 40 anos. A terceira variável é a formação dos professores alfabetizadores entrevistados, Ensino Médio (Magistério), Graduação, Pós-graduação. A quarta e última variável refere-se à rede a que pertence a escola à qual o professor está vinculado, ou seja, municipal, estadual ou particular.

Na análise qualitativa, os dados coletados durante a entrevista presencial foram agrupados de acordo com a resposta dada a cada questão, ou seja, buscou-se delinear o contexto alfabetizador em que os professores entrevistados estão inseridos. A partir disso, os dados foram correlacionados a fim de detectar aproximações e discrepâncias entre as respostas dos sujeitos participantes e a sua relação com a literatura especializada descrita no referencial teórico. Por último, a observação das aulas dos professores alfabetizadores foi resumida num texto que descreve as peculiaridades observadas durante a aula.

3.2 Apresentação dos dados

3.2.1 Perfil dos professores alfabetizadores

Nesta seção apenas os dados considerados mais relevantes para este momento da pesquisa serão descritos, a fim de traçar o perfil dos professores alfabetizadores entrevistados, devido ao fato de que a análise não dá conta de todas as questões intrínsecas ao *corpus* coletado. Devido a esse objetivo, os dados foram categorizados em: anos de experiência do professor com alfabetização, idade dos professores alfabetizadores, formação final dos professores alfabetizadores e rede a que pertence a escola a qual o professor está vinculado.

A primeira variável analisada foram os anos de experiência do professor alfabetizador com alfabetização, a partir do critério de seleção que limitava a participação de professores com, no mínimo, cinco anos de experiência com alfabetização. Nessa categoria, dos vinte sujeitos entrevistados, onze enquadravam-se na primeira categoria, até dez de experiência; cinco, na segunda categoria, de dez a vinte anos de experiência; e quatro sujeitos na terceira categoria, mais de vinte anos de experiência com alfabetização.



Figura 3 – Anos de experiência dos professores entrevistados com alfabetização

O segundo fator de relevância foi a idade dos professores alfabetizadores. Classificados em três faixas etárias, eles dividem-se em sete professores na categoria até 30 anos, outros sete, de 31 a 40 anos e, seis com mais de 40 anos.

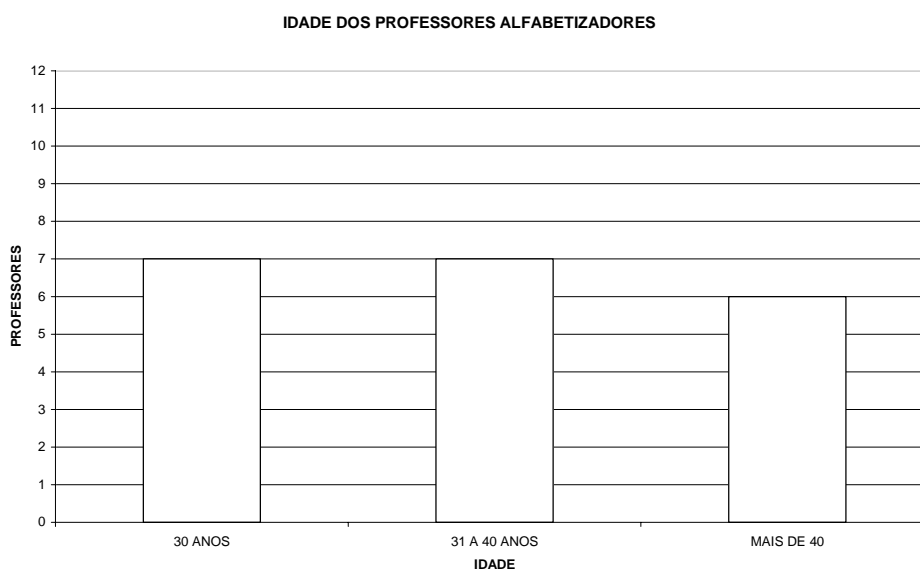


Figura 4 – Idade dos professores alfabetizadores entrevistados

A terceira variável analisada foi a formação dos professores alfabetizadores entrevistados. Nessa categoria, viu-se que todos os sujeitos cursaram, primeiramente, o Ensino Médio Magistério, mas apenas um possui somente esta titulação; cinco professores estão cursando a graduação, três cursam Pedagogia Séries Iniciais, um Letras e outro Educação Física; catorze já são graduados no ensino superior, nove no curso de Pedagogia, três em Letras e outro em Educação Física; dois estão cursando pós-graduação especialização em Educação Especial; e, oito são professores pós-graduados, três especializados em Supervisão Escolar, três, em Séries Iniciais, um, em Alfabetização e outro em Práticas da Língua Portuguesa.



Figura 5 – Formação dos professores alfabetizadores entrevistados

A respeito da quarta e última variável, rede de ensino a que pertence a escola à qual o professor está vinculado, é necessário salientar que não foi usado nenhum critério de escolha pela rede particular ou pública, pois inúmeras escolas foram visitadas pela pesquisadora e a pesquisa foi desenvolvida com aquelas que aceitaram participar voluntariamente e, como há mais escolas públicas do que privadas, o número de professores vinculados a rede pública foi maior. Assim, constatou-se que doze professores trabalham em escolas públicas (três municipais e nove estaduais), quatro atuam em escolas privadas e outros quatro atuam simultaneamente nas redes pública e privada.

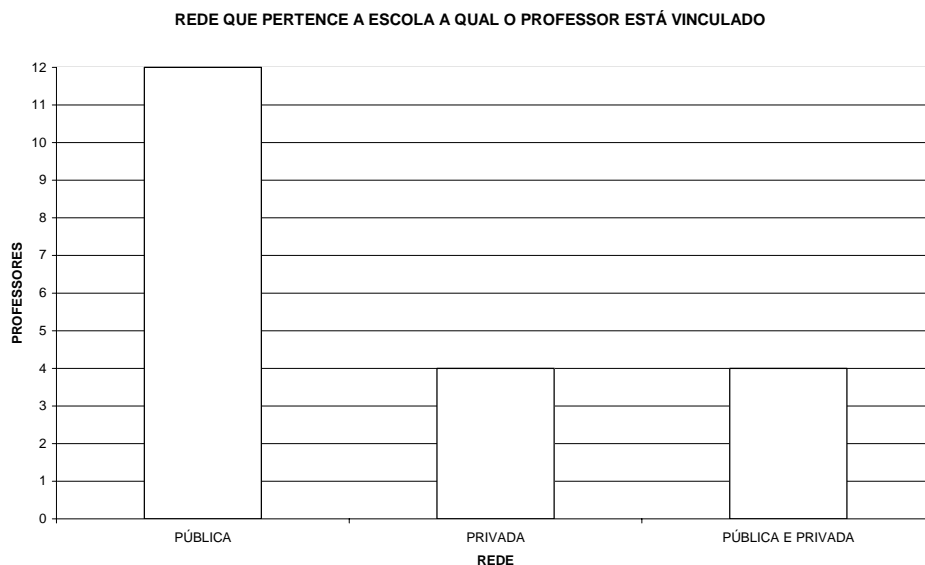


Figura 6 – Rede a que pertence a escola à qual o professor está vinculado

Ao cruzar os dados obtidos, verifica-se que os quatro sujeitos que possuem mais de vinte anos de experiência com alfabetização inicial de crianças são também aqueles que possuem mais de trinta anos de idade, dois deles trabalham em escolas públicas estaduais e dois em escolas particulares; na categoria formação, três deles possuem pós-graduação especialização, um em Supervisão Escolar, um em Alfabetização e outro em Séries Iniciais.

Considerando a formação dos professores alfabetizadores, aqueles que possuem ou estão cursando a maior titulação, pós-graduação/especialização, cinco sujeitos possuem até dez anos de experiência com alfabetização inicial de crianças, dois, de dez a vinte anos, e três, mais de vinte anos de experiência. Na categoria idade, quatro possuem até trinta anos de idade, três possuem de trinta a quarenta e três possuem mais de quarenta anos de idade; e, na categoria rede a que pertence a escola, oito sujeitos pertencem a rede pública de ensino (sete em escolas estaduais e um em escola municipal), quatro sujeitos pertencem a rede particular e, entre eles, dois trabalham tanto na rede pública quanto na particular.

Comparando a categoria idade com a rede a que pertencem os professores alfabetizadores entrevistados, nota-se que dos dez sujeitos que pertencem à rede pública, seis têm de trinta a quarenta anos de idade, quatro, até trinta anos e três com mais de quarenta anos; já na escola da rede particular, dos seis sujeitos entrevistados, três possuem mais de quarenta anos, dois até trinta anos e um entre trinta e quarenta anos de idade; dos quatro sujeitos que trabalham simultaneamente nas redes pública e particular de ensino, dois têm até trinta anos, um de trinta a quarenta e outro mais de quarenta anos de idade.

A próxima seção analisa os aspectos relevantes observados durante a observação das aulas dos professores alfabetizadores entrevistados.

3.2.2 Análise das aulas observadas dos professores alfabetizadores entrevistados

Durante as observações das aulas dos professores alfabetizadores, foi possível constatar informações que vêm ao encontro daquelas obtidas durante a entrevista.

Quanto à disposição das classes nas salas de aula, foi constatado que, no dia da observação, enquanto que cinco turmas organizavam-se em fileiras individuais, sete organizavam-se em fileiras em duplas e em oito turmas os alunos estavam dispostos em grandes grupos circulares ou retangulares com aproximadamente dez alunos em cada grupo. Foi possível perceber que os alunos que estavam sentados em fileiras individuais concentravam-se mais nas tarefas e as resolviam sozinhos, ao passo que aqueles que estavam sentados em duplas ou grupos interagem bastante com os colegas, trocando idéias e discutindo as questões da atividade proposta. Aqui entram em questão dois pontos divergentes, pois assim como é importante aprender a concentrar-se em uma tarefa, também é necessário aprender a conviver em grupo e debater sobre opiniões distintas.

Outro ponto importante observado nas salas de aula foi a construção do ambiente alfabetizador, cheio de cartazes e oportunidades de leitura, que demonstram para os alunos as práticas sociais da língua tão relevantes na alfabetização como, por exemplo, o cantinho da leitura com livros de literatura infantil, brinquedoteca com brinquedos e jogos didáticos, cantinho da ciência com experiências e trabalhos realizados pelos alunos, entre outros elementos que instigam a curiosidade pela leitura e pela escrita da língua em suas diferentes funções.

Além da utilização de vários materiais como recursos para a aprendizagem dos alunos (caderno, folha xerocada, materiais reciclados, recorte e colagem, pintura com tinta, contação de história, computação, etc), dois recursos usados desde os primórdios da educação escolar mostraram-se presentes no dia-a-dia da sala de aula, o mimeógrafo para reproduzir as atividades e o quadro-negro para a utilização do professor para passar a tarefa ou explicar algo, e para os alunos expressarem-se por escrito deixando uma mensagem inicial para os colegas, escrevendo a data ou resolvendo a tarefa que o professor passou.

A ludicidade e as atividades recreativas foram observadas na maioria das turmas através de brincadeiras no pátio, técnicas de motivação, jogos recreativos, pois como já citamos no referencial teórico a ludicidade e a sociabilidade, são fatores indissociáveis à alfabetização, pois as crianças precisam brincar interagindo com regras, normas, tempos, espaços Goulart (2006a).

Em doze turmas observou-se a aplicação de atividades voltadas a um determinado tema, fazendo um paralelo entre escola e sociedade, ou melhor, trazendo os problemas sociais para serem discutidos dentro da sala de aula, a fim de buscar soluções. Alguns temas observados durante a pesquisa foram: a poluição e o aquecimento global, a separação do lixo, direitos e deveres, educação no trânsito, água, preservação do meio ambiente, etc.

Embora haja grandes ou pequenas diferenças entre o desenvolvimento da aula em uma ou outra turma, um fator primordial observado em todas as salas de aula foi a reação do professor alfabetizador diante dos acontecimentos, sempre paciente, carinhoso, disposto a ajudar, a explicar, a atender individualmente ou pôr em discussão uma questão polêmica e ouvir todas as opiniões. Devido a todos esses fatores, conclui-se que, ser um alfabetizador não é somente dar conta de conteúdos; é preciso ter um espírito cooperativo e uma alma nobre para conduzir esse processo “mágico” que é a alfabetização de crianças.

Com a finalidade de “encaixar as peças do quebra-cabeça”, a próxima seção apresenta a discussão acerca dos dados qualitativos, ou seja, das respostas dadas às perguntas da entrevista presencial em consonância (ou divergência) com o perfil traçado dos professores alfabetizadores, com as observações das suas aulas e com a discussão teórica apresentada neste estudo.

3.2.3 Apresentação dos resultados e discussão

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa e a discussão, a fim de corresponder aos objetivos propostos e vislumbrar como a alfabetização está sendo desenvolvida nas escolas. Os dados obtidos durante as entrevistas com os professores alfabetizadores foram gravados em áudio e, posteriormente transcritos pela pesquisadora. Nesta seção, as respostas dos participantes serão agrupadas por questão, analisando a resposta de cada sujeito a fim de detectar aproximações e discrepâncias e relacioná-los com a literatura especializada descrita no referencial teórico.

As respostas dadas à primeira questão – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias? – mostraram que, dos vinte professores entrevistados, dez responderam que ser alfabetizador foi escolha

peçoal (S2, S4, S6, S7, S10, S12, S13, S15, S16 e S18) e os outros dez, admitiram ser alfabetizadores por decorrência das circunstâncias (S1, S3, S5, S8, S9, S11, S14, S17, S19 e S20). Porém, esses últimos acrescentaram que se encantaram com o universo alfabetizador e dizem que, hoje, não trocariam de função. Todos os entrevistados falaram da alfabetização com muito carinho. Pode-se concluir que os alfabetizadores estabelecem uma relação afetivo-cognitiva com sua tarefa. É o que demonstram as manifestações que seguem:

(S4) – *Essa série (alfabetização) me encantou (...) pela maneira com que as crianças encaram, assim, o ensino, elas gostam de aprender.*

(S6) – *Ser alfabetizadora...ahh... foi uma grande e a melhor escolha que fiz em minha vida.*

(S15) – *Traz um retorno muito grande trabalhar com alfabetização, os avanços são visíveis dia após dia... ahh...como brotar uma semente.*

(S17) – *Logo depois que eu me formei no magistério eu tive a oportunidade de trabalhar numa escola do estado com uma primeira série, desde ali eu me encantei e estou alfabetizando até hoje. Passei por várias etapas, varias provações, varias modificações na minha prática pedagógica.*

(S18) – *...eu me sinto muito satisfeita alfabetizando crianças, é um desafio diário.*

Na segunda questão – O que é alfabetizar? – nove sujeitos (S3, S7, S8, S9, S13, S14, S18, S19, S20) responderam que alfabetizar é ensinar as crianças a ler e a escrever, a decodificar. Isso se relaciona com a idéia defendida por J. Morais, que enfatiza a importância da decodificação argumentando que

a ênfase da alfabetização reside na decodificação, portanto, é essencial a escolha de métodos eficazes para ensinar o aluno a decodificar. [...] o ensino da decodificação deve se dar no contexto de leitura que o aluno possa decodificar e, portanto, requer textos adequados para este fim.[...] o ensino da decodificação não esgota os objetivos de um programa de alfabetização. Diferentes objetivos requerem diferentes tipos de materiais de leitura e o uso de diferentes técnicas e métodos para promover a fluência, vocabulário, compreensão e articulação com a escrita. (2003, p. 63)

Outros nove sujeitos responderam que alfabetizar é muito mais do que ensinar a decodificar, é inserir as crianças no mundo letrado (S1, S2, S5, S6, S10, S11, S12, S15, S17), conforme já foi citado nas considerações teóricas, a alfabetização deve estar embutida em um contexto mais amplo que se preocupe com a capacidade de questionar, selecionar, escolher, sempre voltada para os valores e crenças do próprio indivíduo, considerando as situações comunicativas do dia-a-dia, a fim de formar leitores letrados. Reforçando essa afirmação,

Soares (2000) explica que a alfabetização e o letramento são ações que embora distintas, processam-se de forma complementar e simultânea, a fim de que o aluno torne-se, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado, pois enquanto a alfabetização dedica-se a ensinar/aprender a ler e a escrever, o letramento consiste em não apenas saber ler e escrever, mas em cultivar as atividades de leitura que estão presentes no nosso dia-a-dia.

(S2) – *O trabalho de alfabetização, ele é bem maior do que ensinar o bê-á-bá, né, ele, ele precisa ser acompanhado de toda... todo um acompanhamento da criança para que ela consiga, isso envolve, assim, o código mesmo, né, decifrar, conhecer o código da nossa língua, mas também, ahh... entrar em contato com diferentes tipos de textos, porque além de ser alfabetizada ela tem que ser letrada, né (...) ensinar o B mais A, BA, trabalhar com o som da letrinha, né, pra que a criança decodifique e consiga ler a palavrinha, identificar, mas também junto com isso o trabalho de letramento, né, que é a criança ta apta a... ler esse mundo, né, que está diante dela.*

(S6) – *Alfabetizar... é dar vida, movimento, voz, emoção, nome às letras.*

(S9) – *É desenvolver no aluno o domínio da língua oral e escrita, dando acesso à vida social, desenvolvendo habilidades, tornando eles competentes para usar este mecanismo.*

(S15) – *Alfabetizar é ajudar as crianças a ingressarem num mundo novo... o mundo letrado. É, aos poucos, com paciência, ir apresentando o universo da leitura e da escrita, seus encantos, suas utilidades, seus usos...*

(S4) – *Pra mim, alfabetizar... (...) ensinar as crianças o alfabeto, as letras, conseguir ler e escrever.*

E, ainda, outros dois sujeitos (S4 e S16) relacionaram o conceito de alfabetização à construção do conhecimento baseados na psicogênese da língua escrita de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985).

(S4) – *...alfabetizar é trazer as crianças para esse mundo das letra, (...) através de uma maneira gostosa, divertida, né, que eles possam descobrir sozinhos as palavras, os sons, pra que a partir disso eles, então, comecem a escrever e a formular hipóteses a respeito da escrita.*

(S10) – *Alfabetizar, pra mim, é um processo de construção que tu também vai descobrindo como é que isso vai se processando, o que é que ainda falta, né, e por isso, assim, conhecer os níveis que o individuo se encontra nesse processo de aquisição é tão fundamental, é tão maravilhoso, porque dali tu consegue dar o impulso necessário pro próximo momento da construção.*

Nesses dois trechos transcritos fica clara a preocupação dos sujeitos com a identificação do nível psicogenético para pensar no próximo passo da caminhada alfabetizadora, ou seja, o estudo de Ferreiro e Teberosky (1985) funciona como um “termômetro” da alfabetização e transmite segurança para esses professores realizarem seu trabalho.

No terceiro questionamento - Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como? – os vinte sujeitos entrevistados dizem que usam os mais variados materiais de apoio que estão ao seu alcance, o que foi constatado durante as observações, como jornais, revistas, propagandas, livros de literatura infantil, gibis, filmes, músicas, cartazes, flanelógrafos, cartaz de pregas, jogos pedagógicos, brincadeiras, dramatizações, além do tradicional e indispensável caderno, lápis, giz e quadro-negro, porque, segundo os participantes, a alfabetização se dá devido ao contato, manuseio, experiência com os mais variados materiais. Das dez escolas participantes na pesquisa, cinco possuem laboratório de informática e, dos vinte professores entrevistados, dez utilizam o computador para fins didáticos com seus alunos (S1, S2, S5, S6, S7, S8, S11, S12, S16 e S17). Quatro sujeitos (S2, S9, S15 e S17) ressaltaram a importância da diversidade de materiais de apoio na alfabetização.

(S10) – *...esse material (os recursos) abre um leque de possibilidades no momento em que eu estou mediando o trabalho, construindo com eles... um leque de oportunidades de expressão, de percepção, de motricidade.*

(S14) – *...quanto mais contato (com diversos recursos) mais facilidade o aluno vai ter no processo de aprendizagem para avançar níveis e se alfabetizar.*

(S17) – *...a leitura se constrói através do uso de variados materiais de escrita (...) a criança precisa vivenciar, tudo precisa ser vivenciado, ahh...*

Em consonância com o que foi citado acima, Emília Ferreiro (1995) chama a atenção para a exploração de diversos recursos durante a alfabetização a fim de promover a aprendizagem da leitura. Essa autora afirma que, segundo o método global, através do manuseio de diversos materiais de leitura, a criança contesta suas hipóteses e constrói o conhecimento.

Na quarta questão – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula? – dezesseis sujeitos (S1, S2, S3, S4, S5, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S17, S18 e S20) enfatizaram que utilizam textos em sua sala de aula desde o primeiro dia letivo devido à sua importância na construção da alfabetização e, além disso, implicitamente conceituaram texto como sendo desenho, bilhete, regras de convivência, listagem dos nomes dos alunos, músicas, histórias contadas aos alunos, confirmando a ideia do método global, que prioriza a introdução dos elementos complexos aos simples (primeiramente texto, frase, palavra, sílaba e letra). É evidente a importância que esses professores alfabetizadores dão ao texto devido à exposição na sala de aula e, também pela escola dos trabalhos com diversos gêneros textuais realizados com os alunos. E, apenas quatro professores (S6, S7, S8 e

S19) responderam que introduzem o texto depois de alguns meses de aula, porque primeiro trabalham letras, sílabas, palavras e pequenas frases, conforme preconiza o método fônico, a introdução dos elementos simples seguida dos elementos mais complexos (letra, sílaba, palavra, frase e, por último, texto).

Todos os sujeitos entrevistados responderam à quinta questão – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula? – afirmando que nos primeiros dias de aula trabalham técnicas de socialização através da integração entre colegas, professores, diretores, funcionários da escola e a família. Logo em seguida, começam a trabalhar as letras do nome do aluno e a construção da sua identidade.

A partir dessa resposta unânime fica evidente que os professores não usam somente um método de ensino para alfabetizar, pois trabalhar com as letras do nome e a socialização do aluno no meio escolar traz implícitas características tanto do método fônico quanto do método global. Por exemplo, iniciar a alfabetização trabalhando as letras do nome e seus sons é tarefa atribuída ao método fônico, enquanto que socializar o aluno no contexto em que ele está inserido é característica defendida pelo método global.

(S10) – Então, nos primeiros dias de aula é a hora da organização do ambiente, de conhecer as pessoas que estão envolvidas naquele ambiente, de ver como é a realidade de cada um que vem a esse ambiente. É um processo da construção da sua identidade. Atividades de autoconhecimento e conhecimento dos outros.

As atitudes do professor frente ao aluno que não consegue alfabetizar-se foram tratadas na sexta questão – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que apresenta dificuldades em aprender a ler? Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança? Todos os sujeitos responderam que a primeira providência é dar atenção especial a esse aluno, ou seja, atendimento individual acentuado. Além disso, oito professores (S3, S8, S10, S12, S15, S16, S18 e S19) ressaltaram a importância de conversar com a família em primeiro lugar, com a finalidade de tentar descobrir a origem do problema. Sete alfabetizadores (S2, S6, S7, S9, S12, S16, S17) encaminham o aluno para um atendimento especializado (orientação escolar, psicólogo, sala de recursos). Em relação às atividades em sala de aula, quatro professores (S3, S4, S14 e S18) realizam atividades separadas e dezesseis (S1, S2, S5, S6, S7, S8, S9, S10, S11, S12, S13, S15, S16, S17, S19 e S20) enfatizam a importância de trabalhar a mesma atividade com toda a classe, porém reforçar as explicações e o atendimento ao aluno com dificuldade. Apenas três professores

(S2, S9 e S16) possuem, na sua escola, laboratório de aprendizagem em turno inverso para reforçar os conhecimentos dos alunos. Permeada nas explicações de oito professores (S1, S2, S10, S13, S14, S15, S16 e S17) está o discurso de Ferreira e Teberosky, as quais ressaltam a importância da verificação do nível psicogenético da aprendizagem da leitura em que a criança se encontra para poder elaborar as atividades a fim de auxiliar no seu avanço. É evidente, nessa questão, que os professores angustiados na busca de soluções tentam todas as alternativas que estão ao alcance da sua realidade escolar e dos seus conhecimentos.

(S1) – *...seria a insistência, tu estar sempre do lado, sempre problematizando, sempre questionando, tentando descobrir o porquê que ele não consegue, tentando entender pelo menos o porquê que ele não consegue...*

(S2) – *...como eu conheço o nível em que a criança se encontra eu consigo fazer para ela as intervenções diretas pra que ela se desestruture, pra que ela pense, ou então que ela... ela teste aquela hipótese que ela tem, eu questiono ela, ela testa a hipótese e se afirma naquilo, né.*

(S7) – *Eu uso os mesmos materiais dos outros, mas dou uma atenção especial a ele (ao aluno com dificuldade em aprender a ler).*

(S10) – *...é no atendimento individualizado que eu acentuo com essa criança. (...) ficar mais perto, mais vigilante, junto, auxiliando até que ela entenda. Enquanto os outros já estão autônomos na construção, com aquele a gente fica mais, mais presente.*

(S15) – *Eu tento descobrir qual é a razão, o motivo... se é biológico, psicológico, neurológico... daí procuro ler, pesquisar sobre... se o aluno enfrenta problemas na família... depois fico mais atenta às suas ações e procuro atender mais ele individualmente, além da testagem dos níveis da psicogênese que auxiliam a gente a elaborar atividades que ajudam o aluno a passar para o nível seguinte.*

(S16) – *E dentro do grupo todo procuro colocar ele (ao aluno com dificuldade em aprender a ler) junto com os que estão alfabéticos pra ele ter contato com aqueles que já sabem ler, às vezes um colega explica de uma maneira mais fácil que ele capta, né?*

(S17) – *então a primeira coisa a fazer é chegar nessa criança para ver qual é o problema e onde está o problema e, a partir daí tu vai tentar resolver e escolher qual o recurso que tu vai utilizar.*

Quanto às respostas dadas à oitava questão – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? – seis sujeitos (S9, S12, S15, S16, S18 e S20) destacaram como decisivo, na vida escolar do aluno, o apoio da família; cinco (S1, S5, S10, S11 e S15) sentem que os alunos demoram a avançar do nível silábico até o alfabético; cinco (S2, S6, S7, S8 e S20) sentem muitas dificuldades no início da alfabetização, quando o aluno precisa memorizar todas as letras do alfabeto e seus sons; dois sujeitos (S3 e S13) referem-se à dificuldade dos alunos em compreender as sílabas complexas e outros dois (S15 e S19) fazem referência à motivação e à concentração dos alunos em aula para o seu bom desempenho.

Nas respostas a essa questão nota-se referência às características do método fônico quando os professores apontam as dificuldades das crianças em assimilar os sons das letras e para aprender as sílabas complexas. Já a referência às características do método global aparece nas respostas que citam os níveis psicogenéticos da escrita apresentados por Ferreiro e Teberosky (1985).

(S1) – *Eu acho que é mais difícil eles avançar quando eles estão no nível silábico para o alfabético, entra muito em conflito...*

(S2) – *É... não seriam dificuldades, né, seriam assim oh, de acordo com o nível em que ela se encontra, dentro do processo ela tem as dúvidas dela, né, então esses seriam assim, ah... os degrauzinhos do caminho dela.*

(S6) – *Sinto que elas possuem dificuldades em compreender o nome das letras, fazer a união das mesmas... perceber que estes símbolos fazem a nossa fala da vida.*

(S8) – *As dificuldades começam pela identificação do som da letra. Ela precisa compreender o som da letra para partir para a leitura.*

(S15) – *Eu posso enumerar as dificuldades: em primeiro lugar o apoio da família é crucial na alfabetização, em segundo o nível cultural de que o aluno provém e, terceiro o interesse, a motivação, à vontade, a importância que o aluno dá para as atividades. E, dentro da psicogênese, o nível mais demorado e difícil para os alunos ultrapassarem é o silábico, do silábico para o alfabético é um salto muito grande e muitos conceitos precisam ser reestruturados, por isso a maioria dos alunos precisam de mais tempo de assimilação nesse período.*

J. Morais (1996) reforça a idéia de que o método fônico investiga a importância do domínio do sistema alfabético através de uma metodologia voltada para a consciência fonológica, visto que, durante a aquisição da linguagem escrita a criança internalize padrões regulares entre som e letra. Na nona questão – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?, essa característica do método fônico apareceu em todas as respostas, isto é, todos os professores responderam que ensinar pelo método fônico significa partir do som das letras para alfabetizar.

Seis sujeitos (S8, S13, S15, S17, S18 e S20) falaram da característica ascendente do método fônico, que nesse enfoque começa-se a ensinar por elementos menores para, então, chegar aos maiores: letra, sílaba, palavra, frase e texto, ratificando as afirmações de Rego (2006). Essa proposta baseia-se em modelos cognitivistas de processamento da informação na leitura de orientação ascendente, segundo os quais o reconhecimento automático de palavras é o fator que melhor explica a compreensão na leitura. Entende-se por orientação ascendente a alfabetização através da sistematização das unidades, partindo dos elementos simples aos complexos, ou seja, nesse enfoque, ensinam-se letras, sílabas, palavras, frases e textos, nessa ordem. Defendendo essa idéia, de que a alfabetização deve ser iniciada pela aprendizagem das

letras e seus sons, McGuinness (2006, p. 20) afirma que “qualquer pessoa que tenha de aprender um sistema de escrita alfabético deve ser ensinada a reconhecer fonemas nas palavras a fim de compreender como tal sistema funciona”.

(S15) – *O método fônico trabalha, em primeiro lugar, com as letras e seus sons, ele começa das unidades menores para, então, atingir as maiores: letras, sílabas, palavras, frases e textos.*

(S17) – *No método fônico eu alfabetizava de uma maneira que começava pelas vogais, depois as consoantes, se ensinava o som da letra, era uma seqüência.*

Dois sujeitos (S1 e S15) reforçam a idéia de Capovilla e Capovilla (2002) de que esse método prioriza o desenvolvimento da consciência fonológica nas crianças, pelo fato de as crianças terem necessidade desde muito cedo de discriminar os sons da fala para utilizá-los corretamente, tanto ao ingressarem na escola, como enquanto aprendizes conscientes da língua. Os estudiosos defendem que esse método valoriza a correspondência grafema-fonema, por isso atribuem grande importância à consciência fonológica desde o início do processo da aprendizagem da leitura.

(S1) – *Método fônico (...) trouxe essa discussão sobre a consciência fonológica...*

(S15) – *Nesse método, a grande ênfase é dada para que o aluno atinja a consciência fonológica para se alfabetizar.*

Capovilla e Capovilla (2004b) argumentam que o método fônico é especialmente indicado para os alunos disléxicos, pois esses estudantes têm dificuldade em discriminar, segmentar e manipular os sons da fala, e o método fônico pode diminuir essa dificuldade através de atividades específicas e sistemáticas de consciência fonológica durante a alfabetização. Além disso, ele fornece às crianças “habilidades e conhecimentos autogerativos” que resultam em diminuição da repetência ao longo das séries escolares e em aumento das chances de ingresso na universidade. Esse argumento é confirmado pelo sujeito S12, que assegurou que as crianças que possuem dificuldades de aprendizagem se alfabetizam melhor através do método fônico, segundo a sua experiência.

(S12) – *...eu trabalho o fônico principalmente com as crianças que têm mais dificuldades, parece que elas aprendem mais fácil, ahh... não conseguem visualizar o todo e precisam da análise de cada parte para daí chegar na palavra inteira.*

Três sujeitos (S5, S6 e S10) compararam o método fônico ao método da abelhinha, entretanto, Adams et al (2003, p. 62) discorda dessa comparação esclarecendo que, “o enfoque

contemporâneo do método fônico não guarda qualquer relação com meras atividades mecânicas de calistênica fonológica, [...] Ao contrário, [...] pertencem ao domínio da descoberta, da compreensão, reflexão e metacognição”. E, ainda, outros dois sujeitos (S10 e S16) apontaram esse método como mecânico, cansativo e limitado. Essa posição é constatada por A. Morais (2006), que afirma que a exigência do método fônico em fazer com que o aprendiz pronuncie isoladamente os fonemas é antinatural e muito complexa para uma criança, uma sobrecarga ao seu desenvolvimento cognitivo e que os materiais didáticos de extração fônica submetem as crianças a textos artificiais e limitados, os quais só contribuem para a deformação das competências leitoras, privando-as do contato com os diversos gêneros textuais que circundam a nossa vida diária e a compreensão dos mesmos.

(S10) – *ahh...eu só acho que ele limita muito...*

(S16) – *...eu acho que ele é bem mais difícil, mais cansativo pra criança, aquela decoreba, encher linha, né?*

Conforme já citado no referencial teórico, Capovilla e Capovilla (2004b) defendem que o exercício de cópia no início da alfabetização é uma atividade necessária para desenvolver o aparato cognitivo da criança. Contudo, J. Morais (1996) e Capovilla e Capovilla (2002) afirmam que a abordagem contemporânea do método fônico não é repetitiva e mecânica, está reformulada e apresenta atividades recreativas, envolventes e significativas ao universo da criança, propiciando uma alfabetização eficaz.

A instrução fônica sistemática produz benefícios para as crianças [...] e pode ser dada de um modo criativo, vibrante e lúdico. A instrução fônica sistemática melhora a precisão nas habilidades de decodificação e de reconhecimento de palavras que, por sua vez, facilitam a compreensão. (CAPOVILLA E CAPOVILLA, 2004b, p. 22-23)

Na décima questão - Quais são os seus conhecimentos acerca do método global? – o sujeito S6 fez referência ao período da difusão desse método: década de 80, quando, segundo McGuinness (2005), o método fônico estava desacreditado em função de novos estudos com propostas revolucionárias na área da alfabetização, difundidas por Ferreiro e Teberosky (1989) e, no sul do Brasil, especialmente por Ester Grossi (1989).

(S6) – *...quando chegou no final da década de 80 [...] foi uma grande loucura.*

Para seus defensores, o método global resgata a questão do prazer, da ludicidade, da brincadeira, da descoberta, do significado. Na alfabetização esses fatores são decisivos para a aprendizagem, porque com a inserção de músicas, parlendas, poesias, brincadeiras a criança se envolve através das rimas, dos ritmos, da curiosidade a alfabetização acontece de forma prazerosa e natural. Nesse sentido, ressalta Grossi (1989, p.33)

Quando propiciamos e incentivamos o prazer nas tarefas escolares [...] julgamos – como Piaget – que o aluno é sujeito da aprendizagem, que ele constrói o seu conhecimento e que é preciso deixá-lo descobrir o funcionamento e o significado do que lhe é proposto pelo professor. [...] que não existe aprendizagem sem prazer. (GROSSI, 1989, p.33)

Sete sujeitos (S5, S8, S9, S10, S11, S13 e S15) citaram essas características do método global, associando esse método à aprendizagem através do contexto, da ludicidade, da descoberta, da recreação, da brincadeira, dos jogos.

(S8) – *Associo o método global à recreação, jogos, brincadeiras, aprender brincando, é isso?*

(S9) – *Ahh... é quando se estuda a palavra inteira dentro de um contexto.*

(S15) – *...ele é o método da construção, que prioriza a aprendizagem pela descoberta, pelo lúdico.*

A proposta defendida pelo método global propõe uma alfabetização contextualizada através da transposição das práticas sociais de leitura para a sala de aula em situações-problema. A partir dos estudos de Piaget e de Ferreiro e Teberosky, Grossi (1989, p.31-32) afirma que “o conhecimento se dá através da interação dos estímulos do meio ambiente com o sujeito que aprende [...] o centro do processo de aprendizagem é o próprio aluno, como sujeito que aprende e que constrói o seu saber”. Esse aspecto do método global deve ser privilegiado na alfabetização, pois é combinando aquilo que a criança já sabe, o seu conhecimento de mundo com os conteúdos de sala de aula que se oportuniza uma aprendizagem eficaz de forma prazerosa e interessante.

Seis professores (S1, S4, S14, S15, S18 e S20) ressaltaram que, em oposição ao método fônico que parte do estudo da relação grafema-fonema, o global parte do todo, de um texto significativo para, então, explorar a palavra e suas letras, pois nesse método a

compreensão é o elemento primordial e a leitura é considerada um processo de identificação global das palavras. Os elementos são introduzidos a partir de estruturas complexas, deslocando-se em seguida para as simples – textos, frases, palavras, sílabas e letras. Assim, a aprendizagem da leitura requer a memorização de palavras inteiras para, posteriormente, o leitor descobrir as unidades lingüísticas mínimas.

(S14) – No método global o processo ensino-aprendizagem se dá partindo do todo, do maior para o menor. O aluno constrói o conhecimento através da descoberta.

(S15) – Já o método global enfatiza as unidades inteiras, trabalha primeiro com o texto, com a palavra inteira e só por último que acontece uma análise fonológica da palavra...

(S20) – Procura-se partir de um texto significativo para o aluno e, então, se estuda a estrutura das palavras.

Nessa perspectiva, as palavras não são analisadas, mas reconhecidas dentro da sentença como um todo, como já vimos no referencial teórico, o método global prioriza a questão do significado, através da visualização de palavras inteiras para somente mais tarde, quando as semelhanças visuais forem aparentes, introduzir o estudo da letra e de sua correspondência sonora. Segundo Ferreiro (1995), o conhecimento das correspondências letra-som é adquirido naturalmente após o reconhecimento total da palavra estar bem estabelecido. Enquanto que no método fônico o processo alfabetizador começa pela análise da correspondência letra-som.

Quatro sujeitos (S2, S8, S11 e S17) fizeram referência aos estudiosos que difundiram os fundamentos do método global. Os professores alfabetizadores ressaltam os estudos de Emília Ferreiro que vieram a se tornar um marco na transformação do conceito de aprendizagem da escrita pela criança através dos pressupostos teóricos sobre a psicogênese da língua escrita, baseados nos trabalhos de Jean Piaget.

A categorização dos níveis psicogenéticos da língua escrita foi um marco positivo na alfabetização trazida pelo método global, pois eles estabelecem as fases de evolução dos conhecimentos das crianças sobre a linguagem escrita. Dessa forma, os professores começaram a diagnosticar o nível psicogenético dos alunos e traçar estratégias para que eles avançassem cognitivamente. Seis professores (S1, S2, S10, S11, S16 e S17) relacionaram o método global aos níveis psicogenéticos da aprendizagem da leitura, estudados por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1989).

A partir da descoberta dos níveis psicogenéticos, foi possível verificar, de maneira significativa, “o envolvimento ativo e pessoal das crianças no desenvolvimento de sua própria alfabetização” (GOODMAN, 1995, p.117), analisar os processos pelos quais elas concebem a escrita e categorizá-las em níveis, para então, elaborar estratégias a fim de avançar no seu processo de alfabetização.

(S11) – *Os níveis da psicogênese foram muito importantes para a gente testar as crianças, ver em qual etapa da alfabetização elas estavam.*

(S16) – *...tô estudando Emília Ferreiro e Ana Teberosky, eu acho que é por aí que a gente deve trabalhar, não se pode dar aquela aula maçante (...) fazer uma aula mais prazerosa, mais dinâmica...*

Entretanto, um aspecto negativo do método global foi à perspectiva da construção, interpretada erroneamente pela maioria dos professores que compreenderam que o aluno deveria descobrir sozinho, dar-se conta dos seus erros para daí avançar, sem a intervenção do professor na ortografia das palavras, o que torna o processo alfabetizador lento e deficiente, porque, muitas vezes é necessário intervir para acelerar o processo e elucidar descobertas. Ao contrário do método fônico que direciona sua atenção para as unidades mínimas da língua – os fonemas, requisito fundamental para aprender a ortografia das palavras. Essa questão foi citada pelo sujeito S6 que criticou o método global dizendo ser um método que “detonou” a escrita, que nele não se respeita linha, parágrafo, ortografia, letra legível.

(S6) – *...quando chegou no final da década de 80 [...]detonou a escrita, não se respeitava linhas, parágrafos, se aceitava qualquer escrita, ahh... tudo era válido. Ninguém mais soube traçar letra legível.*

A décima primeira, a décima segunda e a décima terceira perguntas questionam a metodologia realizada na sala de aula dos professores entrevistados: Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê? Por que não utiliza a outra metodologia? Catorze professores alfabetizadores (S1, S2, S3, S4, S8, S9, S11, S12, S13, S14, S15, S16, S18 e S20) afirmam não serem fiéis a nenhuma metodologia, usando atividades fônicas e globais conforme as necessidades dos alunos. De tal modo, constata-se que, na busca de uma alfabetização eficaz, a maioria dos professores alfabetizadores elaboram suas aulas buscando o que há de melhor em cada método, refutando aquilo que julgam ineficaz e aplicando atividades características do método fônico e do método global concomitantemente, sem se

preocupar com a fidelidade a uma metodologia de ensino, mas sobretudo julgando o que consideram favorável para a aprendizagem das crianças.

(S1) – *Atualmente meu trabalho é em cima disso, das hipóteses que as crianças têm, né, de nível para nível, e o trabalho com o método fônico. A gente está dando bastante ênfase para o método fônico de novo, [...] uma criança só consegue avançar na leitura e na escrita quando ela percebe os sons das letras. As duas coisas precisam andar juntas, né, as crianças precisam de todas essas informações...*

(S8) – *...acho importante no início do processo o uso do fônico, percebo um resultado mais rápido. Depois mesclo.*

(S9) – *o método fônico se aproxima das características da infância... ah... as crianças brincam com os sons e, assim, vão aprendendo a ler (...) após o domínio das letras, quando as crianças já estão lendo, eu uso o outro método (global) para diversificar ou mesmo para dificultar.*

(S12) – *...alfabetizar é colocar a criança em contato com a leitura e com a escrita através da sua realidade, do seu contexto, é inserir ela no mundo letrado (...) eu utilizo atitudes diferentes com cada criança, a forma de poder auxiliar, de poder intervir, ela pode estar associada a um método diferente...*

(S13) – *eu uso bastante o global, mas em determinados momentos o aluno precisa do fônico, ele precisa estudar o som da letra pra entender como se forma aquela sílaba.*

(S15) – *não há um método ideal, todos têm qualidades e defeitos, enquanto que o fônico peca por ser repetitivo e mecanicista, o global deixa muita coisa passar em branco (...) como a questão ortográfica, que é apreendida através da análise das letras e dos sons.*

Esses professores alfabetizadores destacam a alfabetização através do som das letras com destaque para rimas e aliterações no método fônico e, os níveis psicogenéticos (para identificar em que fase da escrita a criança está), a ludicidade, o prazer e a ênfase ao contexto no método global. Quanto às limitações desses métodos, eles consideram o método fônico como mecânico, repetitivo, cansativo e o método global como ineficiente quanto ao ensino da ortografia das palavras, deixando “lacunas” que, mais tarde, dificilmente serão preenchidas, como a dificuldade para interpretar e para ler oralmente com fluência e boa dicção. Essas conclusões vão ao encontro das opiniões dos especialistas em alfabetização estudados nesta pesquisa e citados no referencial teórico.

Por outro lado, alguns professores se dizem puristas. Quatro alfabetizadores (S5, S6, S7 e S19) nomeiam sua metodologia como tradicional, devido ao uso de um planejamento metódico e hierarquizado, isto é, a introdução dos elementos simples aos complexos, dificultando as tarefas a cada dia. Nesse contexto, percebe-se que esses professores usam o termo tradicional como sinônimo do método fônico. Na descrição da sua prática, percebem-se características fônicas pelas referências feitas ao ensino do som das letras.

(S7) – *...eu uso o nome das letras, juntando essas letras formam um som, uma palavra.*

(S19) – *...o método mais eficiente é o tradicional, porque a fala e a escrita andam juntas.*

Apenas o sujeito S17 afirma usar somente o método global, considerando-o uma solução para a alfabetização, pois funciona como um termômetro que mostra em que nível o aluno se situa para, então, conduzir a sua caminhada rumo à alfabetização:

(S17) – *...com a pesquisa revolucionária da Emília Ferreiro em cima dos estudos do Piaget, Wallom, Vigotski, Teberosky eu cheguei à conclusão que era por ali, que nunca ninguém tinha me apresentado uma proposta onde eu pudesse constatar que a criança passava por níveis pra se alfabetizar, assim como ela passa pra falar... pra caminhar... comecei a colocar na prática e constatar que a criança passa por níveis, que eu recebo essa criança com uma caminhada e preciso continuar essa caminhada, respeitar essa caminhada.*

Na penúltima questão – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura? – os sujeitos apontam vários elementos como responsáveis pelos baixos resultados de leitura proficiente no Brasil. Treze professores (S3, S4, S5, S7, S8, S9, S12, S13, S14, S15, S16, S18 e S20) fazem referência às responsabilidades familiares, aos hábitos de leitura em casa, isto é, grande parte das famílias não cultiva a leitura por diversos motivos: falta de dinheiro para comprar livros, revistas, jornais; falta de tempo; priorização de outras coisas, como alimentação, roupa, aparelhos eletrônicos, vida social.

(S4) – *...os alunos, a maioria, não têm o hábito de leitura em casa, né, os alunos não têm o habito de leitura nem em casa nem na escola.*

Os outros sete (S1, S2, S10, S11, S15, S17 e S19) apontam como culpados alguns professores despreparados que não revêem a sua metodologia, que são descompromissados com sua prática e trabalham sem “amor à camiseta”, apenas para cumprir sua jornada de trabalho rumo à aposentadoria.

(S11) – *...eu atribuo o mau desempenho dos alunos em leitura ao descaso com que muitos professores estão tendo com suas aulas.*

(S15) – *Ahh... um dos principais fatores que contribuem para esse mau desempenho está relacionado aos recursos humanos envolvidos na educação...quero dizer... há muitos professores descomprometidos com a sua prática, que não refletem a sua prática e fazem de qualquer jeito e, também há muitos alunos que, por questões externas, estão descompromissados com o ato de aprender, por isso vão à escola somente por exigência dos pais ou do governo. Essa falta de interesse de ambas as partes gera o caos que estamos enfrentando, os alunos saem do ensino básico sem compreender o que lêem.*

(S17) – *...eu te digo que muitas vezes é desleixo dos professores...*

Dois sujeitos (S2 e S10) atribuem os baixos resultados dos estudantes brasileiros em testes de leitura às mudanças no sistema de ensino, que sem serem analisadas em profundidade são implantadas nas escolas. Dois fatores citados foram, primeiro, a má interpretação do método global há uns vinte anos atrás, quando alguns professores pensaram que não precisavam mais fazer nada, era só observar os alunos que eles construiriam seus conhecimentos sozinhos e, segundo, há uns dez anos o governo instituiu a progressão continuada nas escolas públicas, cuja medida proibia a reprovação e os alunos avançavam para a série seguinte automaticamente, sem nenhum acompanhamento ou reforço daqueles objetivos que não tinham sido aprendidos, mas essa medida não deu certo e durou poucos anos. Com isso, agora colhemos os frutos dessa irresponsabilidade, estamos formando alunos que não receberam uma base escolar sólida e não estão preparados como deveriam estar.

(S2) – *Eu acho que a escola passou por um período que ela deixou de lado muitas coisas, né, ela deixou de lado de ensinar muitas coisas e... os resultados tem aparecido agora.*

(S10) – *A má qualidade da leitura no Brasil, hoje...ahh...depende muito do descaso com que é tratada a educação, assim, dessa má interpretação do método da construção, porque alguns professores entenderam que não precisava fazer mais nada, era só olhar os alunos construírem sozinhos, e daí deu no que deu, né? Também, essa medida da progressão continuada que empurrava com a barriga os alunos para a série seguinte, sem pensar nas suas condições cognitivas...*

Os professores alfabetizadores enumeraram uma gama de fatores que contribuem para a falta de qualidade da educação brasileira, dentre eles está a metodologia de ensino, mas não como fator único e primordial. Segundo eles, a qualidade na educação depende tanto de um sistema bem organizado, com professores preparados e uma metodologia clara, como de uma família estruturada que valorize a importância dos estudos na vida do indivíduo e tenha uma condição financeira digna para suprir suas necessidades físicas e intelectuais. Concluímos que, para tentar resolver os problemas da educação, é preciso, primeiro, que a família reestruture-se, melhore a sua condição financeira e valorize mais a educação, a leitura. Em consequência disso, será possível cobrar das instituições governamentais mais investimentos e melhores resultados.

A décima quarta e última questão refere-se à formação dos professores – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor? Os professores alfabetizadores entrevistados responderam que nenhum curso

é 100%, que o professor precisa buscar o conhecimento e atualizar-se por conta própria, através de novas leituras e cursos e, que tem coisas que só a prática da sala de aula ensina.

Além disso, é importante ressaltar que os cursos de pedagogia, formadores de profissionais da educação por excelência, não possuem uma grade curricular que privilegie o estudo da língua, da aquisição da linguagem e dos fatores lingüísticos (fonéticos, sociolingüísticos, etc.) envolvidos na aprendizagem da leitura; por isso, muitas vezes, os jovens pedagogos terminam o ensino superior repletos de dúvidas e inseguros, sem bases teóricas sólidas para resolver os obstáculos que aparecem no dia-a-dia da sala de aula. O problema da qualidade da alfabetização envolve muito mais do que a relação professor-aluno, conteúdo-método, envolve a comunidade acadêmica, que necessita rever currículos, conceitos e, principalmente, direcionar seu olhar para as questões intrínsecas à aprendizagem da leitura. Essas afirmações vêm ao encontro das idéias de Rayner e colaboradores (2001, 2002), conforme o pesquisador, se as universidades, em seus cursos de pedagogia, insistissem em ensinar os conhecimentos que se relacionam à leitura em psicologia, em lingüística com cursos modernos de alta qualidade sobre fonética, os futuros professores entenderiam melhor e saberiam porque e como ensinar a ler e a escrever. Eles não precisariam seguir os programas feitos por cartilhas ou livros didáticos, mas poderiam permitir aos seus alunos aplicar os princípios fônicos enquanto aprendendo a ler por prazer, ou seja, usando as atividades do método global pra complementar, pra agregar a instrução fônica certamente ajudaria a fazer a leitura divertida e significativa para as crianças.

Com a finalidade de buscar uma resposta para as indagações apresentadas nesta pesquisa em torno da polêmica da metodologia usada na alfabetização, surge a próxima e última seção: a CONCLUSÃO.

CONCLUSÃO

Então, qual a saída para uma alfabetização de qualidade? Que contribuições os métodos fônico e global podem oferecer para a alfabetização de crianças? Qual é a proposta que proporciona maior sucesso? Ao final deste trabalho, constatamos que, como afirmam Cagliari (1998), Ferreiro e Teberosky (1985), nenhum método garante bons resultados sempre e em qualquer lugar. O método pode facilitar ou dificultar, mas não criar aprendizagens, isso só se obtém através do bom senso, da dedicação, da competência do professor em conjunto com o esforço e a motivação para aprender do aluno.

Conforme cita a Unesco, a alfabetização contribui para a liberdade e para a igualdade, sendo parte integrante de um projeto social que tem como objetivo uma sociedade mais justa e mais equitativa. Nenhuma sociedade pode funcionar no mundo de hoje sem a dimensão escrita da comunicação – texto sobre papel, na tela do computador, na televisão, acoplado a imagens e ícones de toda a espécie. Devido a isso, a alfabetização é uma parte necessária da vida dos cidadãos.

Retomando as questões de pesquisa deste estudo, pode-se dizer que a primeira questão foi confirmada, pois com base no referencial teórico, tanto o método fônico quanto o global apresentam argumentos convincentes para a alfabetização de crianças. Nesse sentido, foi constatado que o método fônico sobressai-se pela ênfase dada à consciência fonológica, uma premissa tão importante na aprendizagem da leitura. Conforme citado no referencial teórico, e sustentado por J. Morais (2004), através de seus estudos, os programas que exercitam a consciência fonológica permitem progressos mais significativos em leitura do que aqueles que não o fazem. A questão das dificuldades de aprendizagem é abordada somente pelos estudiosos do método fônico, Capovilla e Capovilla e J. Morais, que asseguram que os princípios dessa metodologia de ensino favorecem aqueles alunos com dificuldades, devido à ênfase dada à consciência fonológica, ao estudo das unidades mínimas das palavras –

fonema/grafema, para a aprendizagem da leitura de forma progressiva (letra, sílaba, palavra, frase e, por fim, texto).

Já o método global consagra-se devido à ênfase dada à ludicidade, ao prazer, ao significado das palavras e do texto, ao trabalho direcionado ao contexto em que o aluno está inserido e, principalmente os níveis psicogenéticos da escrita, que funcionam como um termômetro e permitem aos professores identificar a evolução da aprendizagem dos seus alunos e, a partir daí, reelaborar a sua prática.

Entretanto, ao lado desses argumentos positivos persistem críticas que consideram o método fônico mecanicista e repetitivo, desprovido de motivação, e o método global omissivo em relação à consciência fonológica, à relação grafema-fonema, ao princípio alfabético, elementos indissociáveis para uma alfabetização eficaz.

A partir da discussão dos argumentos favoráveis e contrários aos métodos fônico e global na alfabetização de crianças, ratificamos a posição de Soares (2003, 2007), segundo a qual a alfabetização deve ser considerada simultaneamente em suas três dimensões. A primeira diz respeito à relação grafema-fonema, à decodificação e à codificação da língua. Essa dimensão é defendida pelo método fônico. A segunda remete ao significado, já que a leitura se realiza em plenitude quando o leitor é capaz de atribuir significado ao texto lido. Amplamente defendida pelo método global. Quanto à terceira dimensão, que trata da língua como um processo social, no qual a aprendizagem da língua possui funções e fins conforme o contexto social em que está inserida, esta é consistente com o conceito de letramento e não se restringe ao período de alfabetização, mas deve, necessariamente, integrá-lo.

De fato, Rayner e colaboradores (2002) em suas pesquisas têm demonstrado que a combinação de uma instrução baseada na literatura, na leitura e o método fônico é mais poderosa do que qualquer método usado sozinho, isto é, a combinação de atividades do método global pra complementar à instrução fônica, certamente resultaria em uma aprendizagem da leitura divertida e significativa para as crianças.

Seguindo esse raciocínio é sensata a combinação de métodos de alfabetização baseados na significação (palavra, contexto) e nos aspectos fônicos (relação grafema-fonema), devido ao fato de que é preciso respeitar o caminho dos alunos no desenvolvimento de suas hipóteses

sobre a escrita, possibilitar o trabalho com textos, conhecer o alfabeto, investigar as relações entre sons e letras, respeitar os momentos de descobertas dos alfabetizandos, focalizando sempre o objeto da aprendizagem da leitura: a linguagem. Como afirma Soares (2007, p.96)

diante do assustador fracasso escolar, na área da alfabetização, [...] estamos, sim, em busca de um método, [...] que seja o resultado da determinação clara dos objetivos definidores dos conceitos, habilidades e atitudes que caracterizam a pessoa alfabetizada, numa perspectiva psicológica, lingüística e também (e talvez sobretudo) social e política; [...] que seja, enfim, o resultado da definição de ações, procedimentos, técnicas compatíveis com esses objetivos e com essa concepção teórica.

Apesar de os professores alfabetizadores afirmarem que mesclam características dos métodos fônico e global em sua prática, as crianças não estão sendo alfabetizadas de forma eficaz, pois os testes de proficiência em leitura mostram um estrondoso fracasso dos leitores brasileiros. Os dados coletados evidenciaram que a maioria dos professores entrevistados não possui bases teóricas suficientes para categorizar os objetivos e princípios cognitivos envolvidos na aprendizagem da leitura, em consequência disso compõem sua prática intuitivamente. Para contornar essa situação, é necessário, na medida do possível, agregar à intuição conhecimentos científicos sobre as características da língua escrita para que as estratégias certas sejam adotadas em função da natureza do objetivo que se quer alcançar.

Na busca de uma alfabetização eficaz, deve-se preparar os jovens estudantes para que combinem ambas as estratégias de leitura *botton-up* e *top-down*, também usadas pelo leitor adulto. A estratégia *botton-up*, de baixo para cima, ou seja, das unidades menores para as maiores, das letras para o significado, pode ser relacionada à metodologia defendida pela abordagem fônica quando prioriza, inicialmente, a análise das unidades mais simples às complexas – letras, sílabas, palavras, frases e textos. Já a estratégia *top-down*, de cima para baixo, ou seja, das unidades maiores às menores, está presente no método global por partir dos conhecimentos prévios do leitor, da contextualização da leitura e das inferências feitas por ele. Assim como Zimmer (2006) defende a integração dessas duas estratégias de leitura para formar um leitor hábil, tanto em primeira quanto em segunda língua, da mesma forma acreditamos que seria a não preparação dos alfabetizando para o uso das estratégias *botton-up*

e *top-down* constitui uma negligência à formação integral dos jovens leitores, já que essas estratégias complementam-se.

Portanto, após todas essas considerações fica evidente que a busca pelo método ideal ainda não foi alcançada, mas para melhorarmos a qualidade da educação, devemos começar por uma alfabetização que prioriza a imersão na língua, nas funções sociais da escrita e na valorização da consciência fonológica. Dessa forma, não basta o professor alfabetizador mesclar quaisquer atividades dos métodos fônico e global sem plena consciência do que está fazendo, é necessário que ele construa um caminho novo, “uma terceira via” onde a criança descubra o princípio alfabético e compreenda como funciona o código alfabético para dominar a decodificação e ser exposta a textos reais, ricos e com significado cultural para tomar consciência da diversidade de textos na construção do significado.

Assim sendo, para melhorarmos a qualidade da alfabetização brasileira, além de professores empenhados em realizar bem a sua função, necessitamos de uma metodologia que contemple desde o início do processo alfabetizador a relação grafema-fonema através do exercício da consciência fonológica, além disso, é indispensável o trabalho com os mais variados gêneros textuais que cercam a vida da criança, a valorização do contexto em que ela está inserida, da recreação, do lúdico, buscando através de brincadeiras trazer conhecimento aos pequenos aprendizes da língua.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. R. et al. *Alfabetização: livro do professor*. Brasília: FUNDESCOLA/ SEF-MEC, 2000.
- ADAMS, M.J.; BEARD, R.; CAPOVILLA, F.; CARDOSO-MARTINS, C.; GOMBERG, J.E., MORAS, J.; ARAÚJO E OLIVEIRA, J.B. *Relatório Final de Grupo de Trabalho Alfabetização Infantil: os novos caminhos*. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2003. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/comissões/cec/relatórios/Relat_Final.pdf> Acesso em: 28 abr. 2007.
- ADAMS, M. J.; FOORMAN, B. R.; LUNDBERG, I.; BEELER, T. *Consciência fonológica em crianças pequenas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BATISTA, A.A.G.; SILVA, C.S.R.; SILVA FRADE, I.C.A.; BREGUNCI, M.G.; COSTA VAL, M.G.F.; CASTANHEIRA, M.L.; MONTEIRO, S.M. *Pró-Letramento - Programa de formação continuada de professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental: alfabetização e linguagem*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- BOMTEMPO, L. *Alfabetização com sucesso*. Belo Horizonte: [s.ed.], 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações gerais*. Brasília, DF: Mec, 2004.
- _____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução*. v.1. Brasília, DF: Mec, 1997.
- _____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. v.2. Brasília, DF: Mec, 1997.
- BUENO, F.S. *Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000.
- CAGLIARI, L.C. *Alfabetização e Lingüística*. 9 ed. São Paulo: Scipione, 1996.
- CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F.C. Otimizando a aquisição da linguagem escrita: comparação entre os métodos fônico e global de alfabetização. *Cadernos de Psicopedagogia*, São Paulo, v. 2(3), p. 68-97, 2002.

- _____. *Alfabetização: método fônico*. São Paulo: Memnon, 2004(a).
- _____. *Problemas de Leitura e Escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica*. 4 ed. São Paulo: Memnon, 2004(b).
- _____. O desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética na educação bilíngüe do surdo congênito. In: RODRIGUES, C., TOMITCH, L. M. B et al. *Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares*. Porto Alegre: Artmed, 2004(c).
- CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F.C.; SUITER, J. Processamento cognitivo em crianças com e sem dificuldades de leitura. *Psicologia em Estudo*. Vol.9. n.3. Maringá: set./dez., 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 07 set. 2006.
- CARVAJAL, F.; RAMOS, J. *Ensinar ou Aprender a ler e a escrever?* Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FERREIRA, A.B.H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário Da Língua Portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRO, E. *Com todas as letras*. 4ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. Desenvolvimento da alfabetização: psicogênese. In: GOODMAN, Y.M.(org.). *Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1995a.
- _____. *Reflexões sobre alfabetização*. 24ed. São Paulo: Cortez, 1995b.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKI, A. *Psicogênese da Leitura e da Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FRANCO, S.R.K. *O construtivismo e a educação*. 4ed. Porto Alegre: Mediação, 1995.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez/Editores Associados, 1985.
- _____. *A pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. *Alfabetização: leitura da palavra, leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREITAS, G.C.M. Consciência fonológica, leitura e escrita. In: PEREIRA, V.W. (Org.). *Aprendizado da leitura: ciências e literatura no fio da história*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- GABRIEL, R. Aspectos Cognitivos da Leitura sob o Prisma Conexionista. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, Edipucrs, 2007 (no prelo).
- GOODMAN, Y.M. Descoberta das invenções das crianças na língua escrita. In: GOODMAN, Y.M.(org.). *Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1995a.
- _____. Conhecimento das crianças sobre a alfabetização: um posfácio. In: GOODMAN, Y.M.(org.). *Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1995a.

GOULART, C. A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília, DF: FNDE, Estação Gráfica, 2006. Disponível em: <<http://www.mec.org.br>> Acesso em: 20 abr. 2007.

_____. *Ensino Fundamental de nove anos: tempo de rever conceitos de infância, de ensino e aprendizagem e de escola*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>> Acesso em: 20 abr. 2007.

GROSSI, E.P. *Alfabetização em novas bases*. Porto Alegre: Kuarup, 1989.

_____. Aplicação dos princípios da psicogênese à alfabetização de crianças brasileiras de classes populares. In: GOODMAN, Y.M.(org.). *Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

HOUAISS, A. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – INEP. *Relatório Saeb 2005*. Brasília, DF: Inep-Mec. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 20 abr. 2007.

_____. *PISA 2006*. Brasília, DF: Inep-Mec. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>>. Acesso em: 02 abr. 2008.

_____. *PISA 2000: Relatório nacional*. Brasília, DF: Inep-Mec. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2007.

KATO, M. A. *O aprendizado da leitura*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KINTSCH, W. *Comprehension: a paradigm for cognition*. Cambridge: CUP, 1998.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2002.

KRAMER, S. Privação cultural e educação compensatória: uma análise crítica. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.42, p. 54-62, ago. 1982.

LANDSMANN, L.T. Desenvolvimento da alfabetização e suas implicações pedagógicas: evidências do sistema hebraico de escrita. In: GOODMAN, Y.M.(org.). *Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1995a.

LEAL, T.F.; ALBUQUERQUE, E.B.C.; MORAIS, A.G. Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006. Disponível em: <<http://www.mec.org.br>> Acesso em: 20 abr. 2007.

LEMLE, M. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 2006.

MARCUSCHI, L.A., XAVIER, A.C. (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MCGUINNESS, D. *O ensino da leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

MORAIS, J. *A arte de ler*. São Paulo: Unesp, 1996.

MORAIS, J., KOLINSKY, R., GRIMM-CABRAL, L. A aprendizagem da leitura segundo a psicolinguística cognitiva. In: RODRIGUES, C., TOMITCH, L. M. B et al. *Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares*. Porto Alegre: Artmed, 2004(c).

MORAIS, A.G. *Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”?* Disponível em: <<http://www.mec.org.br>>. Acesso em: 12 dez. 2006.

MORTATTI, M.R.L. *História dos métodos de alfabetização no Brasil*. Disponível em: <<http://www.mec.org.br>>. Acesso em: 12 dez. 2006.

NUNES, T.; BUARQUE, L.; BRYANT, P. *Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. *Estudo da OECD/UNESCO identifica as desigualdades no desempenho dos estudantes em todo o mundo*. Disponível em: <<http://www.unesco.gov.br>>. Acesso em: 15 abr. 2007.

PINHEIRO, A.M.V. *Leitura e Escrita: uma abordagem cognitiva*. São Paulo: Psy, 1994.

POERSCH, J.M., AMARAL, M.P. Como as categorias textuais se relacionam com a compreensão e, leitura. *Veritas*, v.35, n.133, 1989, p.77-89.

POERSCH, J.M. Simulações conexionistas: a inteligência artificial moderna. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n.2, jan/jun. 2004. Disponível em <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/revista.htm>>. Acesso em 25 junho 2008.

RAYNER, K.; FOORMAN, B. R.; PERFETTI, C. A.; PESETSKY, D.; SEIDENBERG, M.S. How psychological science informs the teaching of reading. *Psychological Science in the public interest*, v.2, n.2, 2001.

RAYNER, K.; FOORMAN, B. R.; PERFETTI, C. A.; PESETSKY, D.; SEIDENBERG, M.S. How should reading be taught? *Scientific American*, n. 286, p. 84-91, 2002.

REGO, L.L.B. *Alfabetização e letramento: refletindo sobre as atuais controvérsias*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 12 dez. 2006.

RICHMOND, P.G. *Piaget: teoria e prática*. Trad. Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1975.

SCHIRMER, C.R.; FONTOURA, D.R.; NUNES, M.L. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. *Jornal da Pediatria (Rio de Janeiro)*. Porto Alegre, v. 80, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 Mar 2007.

SCLIAR-CABRAL, L. *Capacidades metafonológicas e os princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE NEUROPSICOLOGIA, Rio de Janeiro, 1999.

_____. *Guia prático de alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2003(a).

_____. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003(b).

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Português, uma proposta para o letramento: ensino fundamental*. São Paulo: Moderna, 1999.

_____. Alfabetização e letramento, caminhos e descaminhos. *Pátio*, n. 29, p. 19-22, 2004.

_____. A reinvenção da alfabetização. *Presença Pedagógica*, 9(52), 15-21, 2003. Disponível em <http://www.meb.org.br/biblioteca/artigomagdasoares>, acessado em 01/05/2007.

_____. *Alfabetização e letramento*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SMITH, F. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

TEBEROSKY, A. A linguagem escrita por crianças pequenas: reflexões sobre uma situação de aprendizado. In: GOODMAN, Y.M.(org.). *Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas*. Porto Alegre: Artes médicas, 1995a.

_____. *Alfabetização como liberdade*. Brasília : MEC, 2003.

VALENTE, F., MARTINS, M.A. Competências metalingüísticas e aprendizagem da leitura em duas turmas do 1º ano de escolaridade com métodos de ensino diferentes. *Análises Psicológicas*. vol.22, no.1 p.193-212. Lisboa: 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 14 abr. 2007.

VIGOTSKI, L.S. *Pensamento e Linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2005.

VIGOTSKI, L.S., LÚRIA, A. R., LEONTIEV, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5 ed. São Paulo: Ícone, 1994.

WIKIPEDIA: dicionário livre *on line*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/>>. Acesso em: 18 jun. 2008.

ZIMMER, M.C. O processamento da leitura em língua materna e em língua estrangeira: uma abordagem conexionista. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v.31, n. especial, p.49-64, 2006.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O projeto de pesquisa *As Contribuições e as Limitações dos Métodos Fônico e Global na Alfabetização* tem por objetivo: (1) discutir as características dos métodos fônico e global na alfabetização de crianças, levando em consideração o estado atual das pesquisas em aquisição da linguagem e ciências cognitivas.

Os participantes da pesquisa são professores alfabetizadores atuando na rede pública e privada de ensino, com pelo menos cinco anos de experiência na alfabetização de crianças.

A pesquisadora responsável pelo projeto é aluna do Mestrado em Letras da Unisc – Universidade de Santa Cruz do Sul. A pesquisadora observará algumas aulas dos professores e realizará uma entrevista presencial com o professor alfabetizador para obter informações acerca do método de ensino utilizado.

.....

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação nesse projeto de pesquisa, pois fui informado(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos a que serei submetido(a), todos acima listados.

Fui, igualmente, informado(a):

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa.

O Pesquisador Responsável por este Projeto de Pesquisa é Greici Quéli Machado (Fone (51) 3743 1155), sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosângela Gabriel. O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

Voluntário(a) da pesquisa

Greici Quéli Machado
CPF 996593100-30

ANEXO B

AUTORIZAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

UNISC

Universidade de Santa Cruz do Sul
Mestrado em Letras – Leitura e Cognição
Santa Cruz do Sul - RS
Fone (51) 3717-7322

Prezado(a) professor(a),

Meu nome é Greici Queli Machado, aluna do Mestrado em Letras da Unisc. Estou pesquisando a aprendizagem da leitura em crianças com a Prof^ª Dr^a Rosângela Gabriel, e uma das ações da pesquisa é entrevistar professores alfabetizadores para traçar o perfil da alfabetização nos dias atuais.

Se você concordar em participar do meu estudo, eu observarei algumas aulas suas e logo após realizarei uma entrevista presencial com você, que será registrada em papel e gravada em áudio.

Com o intuito de averiguar como a alfabetização está sendo conduzida, não há nenhuma necessidade de se preocupar com a exposição da sua aula. Esta pesquisa pretende apenas estudar a aprendizagem da leitura e traçar o perfil da alfabetização nos dias atuais.

Se você estiver disposto a participar deste estudo, por favor assine o termo de consentimento abaixo.

Eu estou esperando a sua colaboração. Desde já, obrigada.

Sinceramente,

Greici Quéli Machado

.....

Eu, _____, estou disposto a participar do estudo realizado pela mestrande Greici Quéli Machado, da Universidade de Santa Cruz do Sul, Mestrado em Letras – Leitura e Cognição.

Data: ____/____/____

ANEXO C

AUTORIZAÇÃO DO DIRETOR(A) DE ESCOLA

UNISC

Universidade de Santa Cruz do Sul
Mestrado em Letras – Leitura e Cognição

Prezado(a) diretor(a),

Meu nome é Greici Queli Machado, aluna do Mestrado em Letras da Unisc. Estou pesquisando a aprendizagem da leitura em crianças com a Prof^{sa} Dr^a Rosângela Gabriel, e uma das ações da pesquisa é entrevistar professores alfabetizadores para traçar o perfil da alfabetização nos dias atuais.

Se o senhor(a) autorizar a participação de seus professores(as) alfabetizadores(as) em meu estudo, eu observarei algumas aulas nas 1^a séries e logo após realizarei uma entrevista presencial com os professores(as) alfabetizadores(as), que será posteriormente transcrita.

Com o intuito de averiguar como a alfabetização está sendo conduzida, não há nenhuma necessidade de se preocupar com a exposição da aula, pois esta pesquisa pretende apenas estudar a aprendizagem da leitura e traçar o perfil da alfabetização nos dias atuais.

Espero a sua colaboração. Desde já, obrigada.

Sinceramente,

Greici Quéli Machado

.....

Eu, _____, diretor(a) da

_____ autorizo a participação dos professores(as) alfabetizadores(as) desta instituição a participar do estudo realizado pela mestrande Greici Quéli Machado, da Universidade de Santa Cruz do Sul, Mestrado em Letras – Leitura e Cognição.

Data: ____/____/____

ANEXO D

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: _____
- Idade: _____
- Formação: _____
- Ano de conclusão do curso: _____
- Escola(s) em que trabalha: _____
- Endereço: _____
- Rede () particular () municipal () estadual
- Anos de experiência com alfabetização: _____

2. QUESTÕES

- a) Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?
- b) O que é alfabetizar?
- c) Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?
- d) Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?
- e) Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?
- f) Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler?
- g) Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?
- h) Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura?
- i) Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?
- j) Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

- k) Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças?
- l) Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?
- m) Por que não utiliza a outra metodologia?
- n) As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?
- o) Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

ANEXO E

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES ALFABETIZADORES

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S1

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: S1
- Idade: 25
- Formação: PEDAGOGIA – SÉRIES INICIAIS
- Ano de conclusão do curso: 2005
- Escola(s) em que trabalha: E.E.E.M. GUIA LOPES
- Endereço: CANDELÁRIA
- Rede () particular () municipal (X) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: 5

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S1 – Começou com a decorrência das circunstâncias, né, porque quando eu fui nomeada eu tive que assumir a primeira série em agosto, daí eu já... deu aquela coisa... ai meu Deus, sorte que as crianças já sabiam ler, porque eu não sei se eu vou conseguir ensinar, só que dali por diante... não sei, eu acho que precisa ter uma veia, sabe, alfabetizadora que quando tu gosta daquilo ali... é, é amor mesmo, é paixão, né? Adoro. Hoje é escolha pessoal, mas começou como decorrência das circunstâncias.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S1 – Humm... (ficou alguns minutos pensando) Alfabetizar... além de inserir, de dar uma entrada ao aluno no mundo letrado, às vezes, parece que é muito mais, porque é tu... ai como é que eu vou dizer... é aquela criança que vai descobrir o mundo todo através da leitura, né, e que tu é que vai propiciar aquilo pra ela. Sabe, além de simplesmente tu ensinar a criança ler e escrever tu, não sei, eu acho que é abrir uma porta que vai ser importante pra ela a vida inteira.

Entrevistadora – Como um novo mundo?

S1 – É.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

SI – Materiais de apoio... é como te falei... livros e o que mais? Jogos, papel, sucata. Livro... como é que eu vou dizer, eu uso livro didático, assim, mas como sugestões, porque muitas vezes eu olho e daí eu crio as atividades, só pra dar idéias, porque basicamente eu gosto é de trabalhar com jogos, muito, né, letra-palavra, figura-palavra, letra-figura, ahh... com confecção de livros também, eu gosto muito de fazer, com cada letra que eu trabalho, com cada coisa que acontece. E, é isso. Livros de história, gibi, livros de história não as coleções, né, aquelas eu tiro fora da minha caixinha.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

SI – Textos escritos? Em que período do ano? Desde o início. Desde a primeira semana de aula.

Entrevistadora – Que tipo?

SI – Que tipo de texto? Eu gosto muito de trabalhar com poesia, já o primeiro dia de aula quando a gente estipula as regras de convivência que são escritas num cartaz. Aí eles já estão visualizando, tudo...

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

SI – Eu gosto muito de trabalhar com a questão do nome, a partir do nome deles, da história do nome, porque que eu tenho esse nome, as letras do nome, as letras do nome do colega, né. Ahh, Letra inicial dos nomes, é assim que eu começo, a percepção do corpo, aquela coisa toda.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

SI – É a questão de... como é que eu vou dizer, seria a insistência, tu estar sempre do lado, sempre problematizando, sempre questionando, tentando descobrir o porquê que ele não consegue, tentando entender pelo menos o porquê que ele não consegue e, eu sempre procuro, como é que eu vou dizer, tenta trazer ele pra enquadrar ele com os outros, para que ele acompanhe os outros, nunca deixo, esqueço ele lá num cantinho da sala. É assim, tentando entender por que ele não está conseguindo, né?

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças tem mais dificuldades?

SI – Eu acho que é mais difícil eles avançar quando eles estão no nível silábico para o alfabético, entra muito em conflito, porque que se eu falo pa o a é o mais forte, e não chega só o a tem que colocar mais uma, né?, e qual é essa outra?, e daí acaba que, como aconteceu comigo um caso na semana passada que não tinha acontecido ainda, uma menina escreveu macaco, ela colocou o MCO, aí eu achei que ela tava pronta, né, e ela disse espera que tem mais um pouco, aí ela foi de novo falar a palavra e ela botou o ACO. Ela continuou silábica, mas ela escreveu duas vezes de forma diferente, usando a outra letra. Sabe, então ela já conhece o som de todas as letras!!! Pra mim é aí que as crianças têm mais dificuldades.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

SI – Método fônico eu comecei a entender ele e a estudar ele quando eu fiz aquele curso, né, na PUC, que era um curso de professores de primeira série. Ali que teve uma palestra que trouxe essa discussão sobre consciência fonológica e dali que eu comecei a ressignificar um pouco a minha prática, né, que, como é que eu vou dizer... de prestar mais atenção nisso que era uma coisa que antes acabava passando despercebida, né, e dali em diante é que eu comecei a ler, estudar um pouco, né, me interar um pouco do que que era mesmo esse método.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

SI – O método global parte do todo, que o construtivismo acredita na psicogênese, nos níveis psicogenéticos, nessa evolução, mas que embora nessas, entre os níveis quando tu percebe o nível que o aluno se encontra pra ti, como vou dizer... conduzir, avançar existe toda a didática das atividades que tu pode propiciar dentro desses avanços. O que mais... que o global parte do todo, da palavra toda. Mesmo que eu acredite no fônico eu parto do todo mesmo assim.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças?

SI – O meu método!!! (risos) O método do professor, eu acho que aquele que tu cria dentro das necessidades dos teus alunos, né, das coisas que tu acha que tu precisa trabalhar ou que tu precisa desenvolver com eles, dentro das necessidades que eles apresentam.

Entrevistadora – Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

SI – Os dois (risos), né, eu parto do todo, mas eu, apesar de ter uma aluna surda, eu acredito que uma criança só consegue avançar na leitura e na escrita quando ela percebe o som das letras. E... posso contar? Quando eu me disseram que eu iria ter uma aluna surda eu achei que ela iria vir contra tudo aquilo que eu acreditava, e eu to descobrindo que não, que pra ela a alfabetização é muito dolorosa. E quando eu conversei com a professora dela da APAE ela concordou comigo, por que que os surdos demoram muito mais tempo, eles têm muito mais dificuldades, né, de se alfabetizar? Porque eles não têm funções de perceber os sons das letras. Por que só o visual não é o suficiente, então eles levam muito mais tempo pra conseguir.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

SI – Eu acho que acontece um rompimento durante a, como vou dizer, a trajetória escolar desses alunos. Principalmente porque quando a gente começa a primeira série, a segunda série existe uma... Eu acredito que existe um comprometimento maior do professor. E, eu acho, que é muito forte quando rompe da quarta para a quinta série, né, existe um rompimento muito grande até pode se dizer afetivo, talvez, né? E que, não digo assim, generalizando, mas acontece muito que cada professor fica muito preocupado com o seu conteúdo e deixa de lado a leitura, a leitura é totalmente deixada de lado, ela é feita única e exclusivamente para se responder questionários, sabe? Deixa essa coisa... Literatura, contação de histórias. Pra mim, eu acho que isso aí é um... de uns tempos pra cá eu to começando a perceber isso que é muito forte esse rompimento. Acredito que isso seja uma das causas pra esse problema.

Entrevistadora – Tu achas que a metodologia não atrapalha nisso?

SI – Também. Muitos casos, a gente pode observar, de crianças que não aprendem a ler não por questões, como é que eu vou dizer, psicológicas, mas por questão de metodologia, porque elas não conseguem, né, se entender com a professora, com a metodologia da professora que é irredutível a mudanças. Por isso eu disse, lá na outra pergunta, eu acho que tu deve usar vários métodos, de acordo com o que o teu aluno necessita. Eu acho que isso também é uma questão.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

SI – Bom, o curso de magistério eu acho que deixou muito a desejar, né, bastante. O que que eu fiquei do magistério... a experiência em sala de aula, que é a proposta, né? Que a gente aprenda a aplicar aula, a parte prática. Na faculdade é que veio a teoria, o embasamento das coisas que eu via lá, só que, eu acho, que deveria vir antes. Na faculdade também não é o suficiente, não abrange tudo. Hoje eu posso dizer que o que eu sei de métodos, o que eu sei de metodologia, né, muitas coisas eu ao aprendi nem no magistério nem na faculdade. A necessidade ou a realidade fez com que eu buscasse, fez eu correr atrás de outras coisas, né, eu acho que isso podia ter sido melhor, a gente pode e deve ter uma qualificação melhor.

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S2

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: S2
- Idade: 43
- Formação: ESPECIALIZAÇÃO EM ALFABETIZAÇÃO
- Ano de conclusão do curso: 1993
- Escola(s) em que trabalha: COLÉGIO EVANGÉLICO ALBERTO TORRES
- Endereço: LAJEADO
- Rede (X) particular () municipal () estadual
- Anos de experiência com alfabetização: 24

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S1 – Bom, eu comecei, ahh, no magistério em função assim de, a mãe era professora, né, ahh, e era a opção que tinha de curso de segundo grau na escola em que eu estudava, né, era uma escola particular e a opção que eu tinha de segundo grau era magistério ou enfermagem, como eu não tinha nada a haver com a enfermagem, né, eu optei pelo magistério, mas, assim, com aquela influenciadinha da mãe, gostava de mexer nas coisas que a mãe, ahh, trabalhava, minha mãe também era alfabetizadora e, depois eu me apaixonei, né, quando começaram aquelas atividades de observação de aula, de substituição nas escolas, então a gente conheceu, eu e as minhas colegas, ahh, a gente fazia substituição no interior, as crianças do interior, a realidade da escola onde a gente fazia o curso era particular de centro, né, bem no centro e a realidade do interior, bom, deu pra se apaixonar, assim. Então, foi, depois dali que deu aquele cliquezinho: ai, é isso que eu quero! Então, tudo que veio pela frente veio assim com muita sede, sabe? Tudo que vinha pela frente que tinha a ver com o magistério, com criança, com desenvolvimento infantil, aquilo vinha assim... ai, com vontade de aprender, né. E daí eu fiz o estágio na própria escola onde eu estudei, era uma escola particular, fiz meu próprio estágio ali, e... logo depois que eu terminei eles já me contrataram, né, pra primeira série. Eu optei por fazer o estágio em primeira série, a minha titular foi, assim, muito legal, muito... ela passou uma coisa muito boa a respeito do que seria o meu trabalho em primeira série, né? E, eu tive o exemplo da minha mãe, então, gostei mesmo, me contrataram, fiquei trabalhando com a mesma turminha que eu tinha, então, de estágio e depois dali fiquei na escola sempre com a primeira série. Depois ingressei no estado, um pouco mais tarde, e sempre me conheciam como a profe de primeira série. Desde que eu comecei, então, o meu estagio foi em 82, a partir de agosto eu continuei, eu tenho primeira série. Na escola estadual onde eu trabalho, fazem uns quatro anos, agora, que eu tenho... coordenação pedagógica, ahh, também em função da minha experiência com primeira série, achei, assim, que eu sempre tive dois turnos com crianças, né, tava cansando já também, né. E achei que a minha experiência poderia contribuir para o trabalho das minhas colegas e... realmente, ta sendo assim, né, o que eu tenho de experiência, o que eu tenho feito de curso, eu tenho conseguido levar e enriquecer o trabalho delas com aquilo que eu tenho, né. E essa foi a minha trajetória, depois do magistério eu fiz letras, depois eu fiz pós em alfabetização, né, e a minha intenção é dar continuidade, porque agora como eu tenho sala de aula, né, daí fica difícil, assim, porque eu não tenho turnos livres. Então, vou tem que esperar um tempinho pra, né, ou mestrado ou, então, mais uma especialização ou uma coisa assim.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

SI – Bom, ahh, recentemente agora fiz um curso, ahh, de consciência fonológica, né, eu e minhas colegas aqui do colégio que estão trabalhando com primeiro ano e primeira série, a gente fez este curso na FAPA, e ficou mais, assim, evidente, né, que o trabalho de alfabetização ele é bem maior do que ensinar o bê-á-bá, né, ele, ele precisa ser acompanhado de toda... todo um acompanhamento da criança para que ela consiga, isso envolve, assim, o código mesmo, né, decifrar, conhecer o código da nossa língua, mas também, ahh... entrar em contato com diferentes tipos de textos, porque além de ser alfabetizada ela tem que ser letrada, né. Então, ahh... a gente, ahh... já vem trabalhando com essa idéia há algum tempo aqui na escola e esse curso foi muito específico nisso, né, de quão importante é o trabalho paralelo, de aquilo que se fazia antigamente, de ensinar o B mais A, BA, trabalhar com o som da letrinha, né, pra que a criança decodifique e consiga ler a palavrinha, identificar, mas também junto com isso o trabalho de letramento, né, que é a criança ta apta a... ler esse mundo, né, que está diante dela.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

SI – Materiais de apoio que a gente utiliza... a gente não utiliza, ahh, livro didático aqui na escola, né, a gente leva em conta basicamente o processo mesmo da criança, esse é o nosso ponto de partida, assim. Ahh... o processo que a criança se... ahh, na etapa do processo que ela se encontra, então, a gente prepara atividades e prepara jogos que faça com que ela avance nas hipóteses dela, né. Então, a gente tem vários jogos, assim, pedagógicos, esses jogos que a gente compra, com letras, com palavras, livros de histórias, diversos tipos de textos são trazidos pra sala de aula, são expostos, as crianças mesmo trazem materiais. Então, desde o bilhetinho que vai pra casa, dizendo que tem uma reunião na escola, é material, né, isso já é material de...uso na sala de aula. daí notícias, receitas, daí... qualquer enunciado escrito que a gente encontra, a gente trabalha ele, lê, vê a função daquele texto, a estrutura daquele texto, pra que a criança consiga se achar, né, nesse mundo. E... então os jogos são basicamente, os livros, né, e... o que a gente constrói basicamente pra aula com as crianças, atividades mesmo, né, atividades que façam com que aquela criança se, ahh... desestruture e consiga avançar, né.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

SI – como eu já te disse, desde o início, no primeiro dia de aula eles já estão entrando em contato com as listas dos nomes dos colegas, que já é um tipo de texto, né, listagem, daí vai pra casa um bilhetinho? Já é outro tipo de texto, a gente senta na rodinha, lê o bilhete, vê as palavras mais importantes, o que ele significa, aquela mensagem. Então, desde o primeiro dia eles entram em contato com diferentes tipos de textos, né, não é, assim, só depois de, não, desde os primeiros dias, né.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

SI – Ahh... também, basicamente isso, ele já está trabalhando com, ahh... as palavras, né, dos nomes deles, porque na nossa realidade aqui da escola as crianças, na grande maioria, não todas, já vem conhecendo o alfabeto e muitos já tem até, ahh... consciência da sílaba, então como eles já tem consciência da sílaba, a gente já passa pra atividades que envolvam essa separação silábica, daí a gente entra na questão do fonema, né, qual é o soquinho que fez aquele pedacinho da palavra. Então, desde os primeiros dias... ahh... e a criança que não sabe o alfabeto, por exemplo, ainda, então ela vai junto com os colegas fazendo as atividades que ela precisa pra conhecer o alfabeto, e no próprio contato um com o outro, assim, quando eles estão escrevendo alguma coisa, eles perguntam um pro outro: que letra é? Então, um ajuda o outro e as minhas intervenções basicamente, né, com cada criança. As vezes o mesmo trabalho, as vezes trabalhos diferentes, eles sabem, né, hoje de tarefa de casa a Gabriela, o Tiago vai levar pra casa esse tema, porque esse tema eles já sabem fazer e eles vão fazer sozinhos e também vão poder aprender mais sobre o que eles precisam, e esse tema a profe vai dar pro outros porque eles já sabem ler, então eles podem fazer sozinhos. E, eles sabem isso, ahh... tranquilamente, não é pra eles aiiiiii o fulano não sabe... eles lidam com essa questão de cada um ter um tipo de conhecimento muito bem. São etapas que eles vão vencendo, eles sabem que eles precisam de ajuda uns dos outros, né. Então essa parceria, isso é incentivado desde cedo, também, né.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

SI – eu acho que já te respondi, agora, né? São basicamente intervenções da professora, ahh... e dos colegas também, né. Mas, assim, como eu conheço o nível em que a criança se encontra eu consigo fazer pra ela as intervenções diretas pra que ela se desestruture, pra que ela pense, ou então que ela... ela teste aquela hipótese que ela tem, eu questiono ela, ela testa a hipótese e se afirma naquilo, né. As crianças que tem uma dificuldade grande, né, que faltou...ahh... muita experiência, essa criança, além da sala de aula, se a gente sente que ela precisa de mais um recurso, mais um momento, aí tem o laboratório de aprendizagem, né, na escola, que são duas professoras que trabalham na sala de informática, também com jogos, com atividades no turno inverso, uma vez por semana, duas, no máximo. E... tem trazido bastante resultados, né, positivos.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças tem mais dificuldades?

SI – É... não seriam dificuldades, né, seriam assim oh, de acordo com o nível em que ela se encontra, dentro do processo ela tem as dúvidas dela, né, então esses seriam assim, ahh...os degrauzinhos do caminho dela. A partir do nível que a criança se encontra ela vai avançar, né, não que seja propriamente uma dificuldade. Ahh...sempre a criança que tem uma vivência maior em casa ou que tem irmãos mais velhos, que já entrou em contato com jogos, que brinca com músicas em casa, ahh... que tem, que faz brincadeiras com os pais ou com os irmãos, de brincar de rimar, de cantar musiquinhas, essa criança que houve bastante histórias, ela com certeza vai, assim, entrar mais preparada pra poder refletir sobre a escrita, né, ela já tem uma bagagem, mas a criança que não tem a gente não encara como dificuldade, a gente encara como uma etapa que ela vai avançar.

Entrevistadora – E, em que período elas demoram mais para avançar?

SI – Quando eles atingem o silábico, quando eles pré-silábicos eles não estão pensando ainda, eles não fazem a associação, assim, que letra, que som que vai no lugar, que letra que representa aquele som que eles estão dizendo...quando eles estão pré-silábicos eles não têm isso ainda. Ali, assim, é um degrau bem grande pra eles conseguirem alcançar, mas quando eles se tornam silábicos eles só vão, então, o resto vem muito fácil, né, quando eles fazem essa associação som falado e letra que vai no lugar, então é muito rápido depois. Então, o maior, assim, tempo que eles demoram é do pré-silábico pro silábico, daí eles dão uma para da no silábico, mas não que seja por alguma dificuldade, é que eles estão organizando esses conhecimentos que eles têm do nível silábico pra poder avançar, né, mas o passo maior mesmo... quando ele descobre isso ali, que quando ele fala tem a ver com a letrelinha que ele vai por no lugar daí é a mágica da coisa né... é o clic. A criança que não é silábica quando entra na primeira série demora bastante, mas aqui na nossa realidade não é tanto, porque as vezes eles entram pré-silábicos e em um mês de trabalho eles já estão no silábico e... tem crianças que em três meses já estão alfabetizadas. É justamente isso, o contato com os jogos, o contato com a leitura e com a escrita diariamente que faz com que eles avancem. Mas, é ali mesmo, é justamente ali no pré-silábico pro silábico que eles ainda não tem essa, essa idéia, né, aquilo que eu falo pode ser representado por uma letra, né. O conhecer o alfabeto é importante, né, como eu disse antes o som e a letra, porque não adianta eles conhecerem a letra se não sabem o som que ela tem, né.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico? Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista? Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

SI – Eu venho trabalhando com o método fônico desde que eu comecei a trabalhar, na escola em que eu trabalhava a gente usava o método fônico basicamente, ensinava as crianças pelo som das letras, uma letrelinha mais uma letrelinha... e agora, então, depois a escola, a escola como um todo, passou por um período que deixou de lado o método fônico em

função de... não modismos, né, mas novos conhecimentos que vieram vindo, descobertas, então. Só que algumas dessas descobertas foram usadas pelos professores de forma errada e se pensou que o método fônico poderia ser deixado de lado e agora se trabalhar com a criança de uma outra forma, né. E, agora, atualmente, tem se resgatado o método fônico, e é... é o caminho, não tem, a gente sabe, que pra criança as coisas tem que andar juntas, né. Então desde que eu comecei eu trabalhei, depois quando eu fiz a minha especialização, ela era bem na época em que se começou o construtivismo, começaram a difundir o construtivismo aqui na região, daí, ahh... eu me lembro que eu falava, e era o que as outras professoras também diziam, a gente não vai se jogar num mundo desconhecido, né, a gente vai fazer o meio campo até se construir uma idéia nova e... foi essa a minha caminhada: eu fui usando o que eu sabia com aquilo que eu aprendia a respeito da psicogênese, né, e... junto, eu sempre trabalhei os dois juntos, né, as hipóteses que as crianças tinham, que antes não eram levadas em conta, né, e a questão do método fônico, trabalhar o som da letrelinha, trabalhar a letra, daí agora, mais recentemente, a gente está dando bastante ênfase para o método fônico de novo, principalmente, ahh... no primeiro ano com a oralidade, a oralidade, bastante. Sempre usei e, é o caminho, não tem como deixar de lado. Como eu te falei né, meu curso de especialização em 93, acho que foi, ela veio de encontro, assim, com essas descobertas de Emília Ferreiro, a respeito das hipóteses que a criança tem em função da escrita e... então eu fui adaptando aquilo que eu já tinha de bagagem com aquilo que eu descobri. Atualmente o meu trabalho é em cima disso, das hipóteses que as crianças têm, né, de nível pra nível, e o trabalho junto com o método fônico. As duas coisas precisam andar juntas, né, as crianças precisam de todas essas informações, ela não ode se virar sozinha, né... e o papel do professor é bem importante, assim oh, ele é quem vai conduzindo esse processo, como eu disse, quem vai fazendo as intervenções, a criança não aprende sozinha, porque é uma construção nossa, o código escrito é uma construção cultural, né, e o que é cultural precisa ser passado, ensinado e... então o professor é fundamental nesse processo.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

SI – Eu acho que a escola passou por um período que ela deixou de lado muitas coisas, né, ela deixou de lado de ensinar muitas coisas e... os resultados tem aparecido agora.

Entrevistadora – Posso concluir então, que devido à introdução do construtivismo, que muita gente interpretou errado, o mau desempenho em leitura está aparecendo agora?

SI – Harã... É o que a gente tem até aqui na escola. A gente faz avaliação institucional, a gente senta e leva em conta todos os aspectos da escola, e um deles é, assim, os alunos que a gente têm hoje no segundo grau são frutos de um trabalho que a escola... ahh... agarrou, né, a escola achou que era o caminho e agora então no segundo grau têm alunos que escrevem errado, que lêem com dificuldade, né, e é com certeza fruto de um trabalho que não foi bem feito, né. Então, depois de um tempo, depois de muitas reflexões a gente tem feito este resgate, né, e os resultados são muito legais... as crianças, ahh... na primeira série já escrevem textos, ao final do ano, assim muito bem estruturados, escrevem com pontuação, têm crianças agora já lendo, ahh... com ma leitura, assim, bem fluente, seguindo pontuação, tudo. Então... isso é fruto de um trabalho que está sendo resgatado, né, desde as séries iniciais, as profes lá da educação infantil têm consciência que elas devem fazer com que as crianças entrem em contato com textos, o contar histórias... a oralidade nesse momento é muito importante, então elas vão conhecendo o texto a partir da oralidade, e depois vão encontrar os textos escritos e, é isso aí, que deixou de ser feito e, agora está se resgatando.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

SI – Eu gostei muito da lingüística, eu acho que a lingüística contribuiu muito para o meu trabalho hoje, né, mas as outras áreas, deixaram muito a desejar na minha formação. O magistério também, mas foi a muito tempo atrás. E... o que faz o professor mudar o seu desempenho é o estudo continuado!!! Assim, é tu buscar mais um curso, é tu ler, então essa formação continuada do professor que vai fazer a diferença, né. O curso em si, no meu caso... sempre a formação continuada é que faz o teu diferencial, buscar um livro pra ler, buscar mais um curso, a escola onde a gente trabalha tem

que incentivar, abrir... ela tem que ser o local de incentivo ao professor. Então, tudo isso junto faz, né, com que a minha formação, eu acredito que eu tenho melhorado a cada ano, né. Se eu avalio um ano de trabalho, no ano seguinte é melhor, sempre pra melhor, são ais coisas, mais, ahh... conhecimentos, isso em função de ter que ir buscar.

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: S3
- Idade: 29
- Formação: ESPECIALIZAÇÃO EM LETRAS
- Ano de conclusão do curso: 2007
- Escola(s) em que trabalha: E.E.E.F.P.PENEDO
- Endereço: CANDELÁRIA
- Rede () particular () municipal (X) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: 5

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S3 – Decorrencia das circunstâncias.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S3 – Tornar o aluno apto a ler e escrever.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S3 – Materiais de contagem na matemática, né, na iniciação dos números, quantidades, ahh... jogos, brincadeiras.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S3 – Desde o primeiro dia de aula.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S3 – Primeiro eu trabalho nome, letra do nome, alfabeto, números até dez.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S3 – Primeiro eu trabalho algumas atividades separadas com ele, e daí, se ele ainda não consegue entro em contato com a família, com os pais.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças tem mais dificuldades?

S3 – As sílabas eles gravam fácil, mas quando é pra completar a palavra, né, demora. (...) Dependendo da dificuldade, também, né, que tu ta trabalhando, que nem o LH, NH, pra eles é mais difícil, essas dificuldades, assim, o NA, EN, isso demora. E, depois quando tu vai trabalhar a frase também demora pra eles saber onde pára uma palavra e começa outra. Isso demora bastante, também.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico? Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista? Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças?

S3 – Conhecimento? (...) tu quer dizer o som, trabalhar o som? É que assim, quando tu trabalha o, o, o global/construtivista não tem como tirar o fônico dali, tu trabalha ele automaticamente quando ta trabalhando as palavras, o alfabeto. Tudo, né! Isso até pra eles gravar mais fácil. Não tem como separar um do outro, eu acho. Automaticamente é feito esse trabalho.

Entrevistadora – Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S3 Eu trabalho os dois juntos diariamente, sempre.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S3 – A falta do habito de leitura diária, falta de motivação em casa, porque na escola tu obriga eles, eles fazem por uma obrigação. Hoje, tu pode ver que eles nem estudam mais pra uma avaliação ou coisa assim.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S3 – Eu acho que ter o curso de letras ajuda muito a ensinar a produzir, falar, alfabetizar, mas eu sinto falta de pedagogia, dessa coisa assim mais direcionada pros pequenos. Ahh... eu sinto bastante falta da didática, pra praticar coisas mais lúdicas. Tudo que eu faço eu improviso de acordo com o que eu acho, com a necessidade. O pós, a faculdade deixou bastante a desejar em termos de primeira série, assim, no lado da didática do conhecimento, sabe? Eu comecei a saber o que é silábico, pré-silábico quando eu cheguei aqui, quando eu peguei a primeira série mesmo, antes eu nunca ouvi isso, nem no magistério. É dessas coisas que eu sinto falta, sabe?

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S4**
- Idade: **25**
- Formação: **MAGISTÉRIO – RELAÇÕES PÚBLICAS – ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO ESCOLAR**
- Ano de conclusão do curso: **2005**
- Escola(s) em que trabalha: **E.E.E.F.P.PENEDO**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede () particular () municipal (**X**) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **7**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S4 – Bom, já trabalhei com quase todas as séries. Comecei com quarta, depois terceira e agora estou com a primeira série. Essa série me encantou, desde o início eu gostei muito de trabalhar, ahh... pela maneira com que as crianças encaram, assim, o ensino, elas gostam de aprender, a maioria delas gostam de aprender. Querem conhecer as letras, né, tem vontade de... aprender.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S4 – Pra mim alfabetizar é trazer as crianças pra esse mundo das letras, do som, das palavras, fazer com que tudo tenha sentido pra eles, ahh... através de uma maneira gostosa, divertida, né, que eles possam descobrir sozinhos as palavras, os sons, pra que a partir disso eles, então, comecem a escrever e a formular hipóteses a respeito da escrita.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S4 – Sobre os materiais que a gente utiliza, que eu gosto de utilizar são jogos com letras, ahh... aqueles jogos de contagem, desenho e sílaba, desenho e letra inicial, desenho e palavra, a maioria são jogos de alfabetização.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S4 – O contato com texto, texto? Pra mim texto é, assim, desde a gravura já é um texto, uma gravura só ela é um texto. O contato com textos, pra mim, dura o ano todo. Eu tento mostrar gravuras, depois palavras, gravuras com palavras, gravuras com frases pra que depois possa se... a gente vai ler livrinhos de histórias. Eu faço muita narração de histórias com eles.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S4 – Nos primeiros dias de aula eu gosto muito de trabalhar com brincadeiras, socializar eles, depois o nome, a escrita do nome de cada um, o nome dos colegas, né, é isso que eu trabalho nos primeiros dias de aula.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S4 – Do aluno que não consegue aprender a ler, que não consegue juntar as sílabas e fazer a associação ao som a gente tenta mostrar através de outras atividades pra eles em sala de aula. então eu resgato com eles, pego atividades extras pra eles fazerem, pra levarem pra casa ou pra fazerem comigo em determinado tempo na sala de aula enquanto os outros estão fazendo outra coisa.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças tem mais dificuldades?

S4 – As dificuldades vivenciadas pelas crianças (...) na leitura (...) eu acho assim oh, a sílaba inicial eles conseguem pegar muito bem e a final também, o que eu acho que eles tem mais dificuldades é quando começa o meio da palavra e quando eles tem que escrever, desenvolver aquela palavra.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S4 – Bom, o que eu sei sobre o método fônico é que é um método que tu trabalha o som de cada letra, né, em separado, fazer os alunos até repetir várias vezes o som daquela letra juntar a letra com sons parecidos, escreverem varias palavras que tem o mesmo som.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S4 – E o método global é aquele que tu pega a palavra, que tu vai a partir de toda a palavra, de todas as sílabas, lendo diferentes sílabas tu vai construir a palavra final.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S4 – Eu acho que juntando um pouquinho desses dois métodos, tanto o primeiro que o aluno tem que reconhecer qual a letra que faz determinado som, mas também, o construtivista que ele tem que lembrar da totalidade da palavra, se a gente juntar os dois, eu acho que aí se torna um método, ah... mais eficiente pra alfabetização, tanto o fônico quanto o global, os dois juntos. E, é assim que eu tento fazer em sala de aula, eu tento juntar tanto o B-A- BA, quanto lerem várias palavras, ter contato com todas as sílabas, né, não só trabalhar as sílabas simples, mas já entrar com aquelas complexas que vai R no meio, né, que tem L no meio, sílabas com três letras, eu acho que é importante eles desde o início já se darem conta de que existem palavras que a sílaba não é formada só por sílabas de duas letras. É assim que eu tento fazer em sala de aula.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S4 – Eu acho que, em primeiro lugar, ah... os alunos, a maioria, não tem o hábito de leitura em casa, né, os alunos não tem o hábito de leitura nem em casa nem na escola. Quando tu propõe uma leitura na escola, eles perguntam se o texto é pequeno, porque eles não querem ficar lendo, prestando atenção muito tempo, a maioria tem dificuldades na leitura, na pronuncia de palavras, de letras, lê engasgando, trocando sílabas de lugar, vai até a metade da palavra e depois pára e, tem que começar tudo de novo. Eu acho que, ah...um dos principais fatores é a falta de interesse pela leitura, né, não gostar de, de ler livros, não ter o acesso a livros infantis, os pais não motivarem os filhos a, a, a, praticar a leitura, enfim, em casa, e o interesse deles também pela leitura, né, e pela escrita.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S4 – O que foi bom e o que poderia ter sido melhor pra mim, eu acho assim oh, que todo ano, toda série que a gente tem é muito diferente, a gente muda, muda muito se avalia e tenta transformar a prática da gente pra algo sempre melhor. Eu procuro a partir dos meus alunos que eu tenho a cada ano, melhorar mais trazendo coisas novas pra dentro das salas de aula, coisas que eles gostem de fazer, que eles se divirtam, que eles tenham prazer, coisas que fujam um pouco do método tradicional de quadro, folha e giz de sala de aula. no magistério foram proveitosas todas as técnicas passadas, né, pela professora, como trabalhar certos conteúdos que a gente não tem experiência e o que me faltou bastante foi o contato com a sala de aula antes de fazer o estágio. O meu estágio não foi muito bom, porque eu me deparei com uma realidade que eu não estava acostumada, que eu não sabia trabalhar, e eu acho, que nessa questão o magistério deveria ter me preparado melhor, pra todas as realidades que eu pudesse enfrentar. Eu acho que no magistério, em sala de aula,

tu aprende muitas coisas que na prática não são bem assim, e daí tem que aprender errando e acertando, né, eu acho que... foi isso.

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: S5
- Idade: 27
- Formação: ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA
- Ano de conclusão do curso: 2002
- Escola(s) em que trabalha: COLÉGIO NOSSA SENHORA MEDIANEIRA
- Endereço: CANDELÁRIA
- Rede (X) particular () municipal () estadual
- Anos de experiência com alfabetização: 7

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S5 – Eu nunca pensei em ser alfabetizadora, eu tinha pavor, tinha pânico porque eu não ia ensinar as crianças, elas não iam aprender a ler, eu tinha muito medo, mas a Mada me encorajava, tu vai conseguir, tu vai conseguir e hoje... eu não queria outra coisa. Agora não quero largar mais!!!

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S5 – Ahh... ai pra mim alfabetizar... ai eu não sei, porque eu brinco muito, sou muito espuleta... aqui (classe de alfabetização) é diferente não tem livro, caderno, não tem uma coisa pra tu seguir... então, é muita coisa... muita brincadeira, muitos joguinhos e coisa.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S5 – Eu utilizo muito material da Ana Cristina Rangel, eu pego atividades de vários livros, outras coisas eu nem pego de livros, vou pegando um pouco daqui, um pouco dali, bastante coisa do Positivo, e... ahh... Eu procuro fazer uma atividade escrita todo dia com eles... ou uma pintura, uma coisa assim, vou no quadro brincar de forca ou... ou... tem outros joguinhos de montar que envolvem leitura e escrita...

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S5 – Com as crianças eu trabalho textos escritos, poesias, sempre, desde o primeiro dia de aula, em cartaz... não individual.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S5 – Olha... a gente... é mais recreação mesmo, eles brincam com os joguinhos, mas nasa, assim, específico já envolvendo logo o alfabeto e a leitura, claro que a gente vai trabalhando, eu trabalho com literatura infantil bastante e, ahh...

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S5 – Pois é... eu ficava apavorada, no primeiro ano que eu entrei aqui, chegou julho e, meu Deus... eles ainda não tão lendo! aqui é uma classe de alfabetização, mas não que eles tem que sair daqui lendo, não, isso é uma questão de maturação, eles vão ler quando eles tiver vontade, quando tiver a fim. Eu procuro não obrigar, porque eles notam

direitinho quando eu quero testar eles. É tempo deles, não adianta, tem que esperar, eu vou incentivando, vou puxando, mas se não for aqui depois tem todo ano da 1ª série.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças tem mais dificuldades?

S5 – Quando eles estão ali... por que do silábico pro silábico-alfabético, vai assim, leva mais tempo, é que depende de criança pra criança. Agora, eu, eu, eu fico bem ansiosa quando eles tão no silábico-alfabético, se tu vai ajudando eles tão e sozinhos, as vezes, eles não conseguem, tem uns que é vapt-vupt e tem outros que demoram um tempão. Não sei o que seria, assim uma dificuldade... o que eu noto é que os pais, os alunos que os pais tem interesse vai e aqueles que não tem ajuda em casa... já é mais difícil.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico? Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista? Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças?

S5 – O método da abelhinha, que se ensinava o som, B com A, BA. Ainda tem muito professor ensinando assim, eu ensino o som da letra, mas não trabalho as letras separadas. O construtivismo, no começo foi muito confundido, eu me lembro que quando eu tava no magistério era só oba-oba, aconteceu que todo mundo era só empurrado e lá na 5ª série tudo... parava, né, claro! Não tinha um comprometimento, era só passar, passar... E, eu acho que desse jeito aqui, o professor que realmente quer, que quer fazer, que se empenha, é uma maneira muito mais fácil e... não tem nem comparação. Tem tudo pra dar certo

Entrevistadora – Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S5 – Eu não trabalho letra isolada, eu trabalho no contexto e as crianças aprendem tudo. Não tem que trabalhar letra separada. O método construtivista... eu acho que é a melhor forma.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S5 – Ai, não sei, acho que... falta, falta, ahh... força de vontade, assim oh, a criança lê se ela acho aquilo interessante, por isso é tão importante a função da literatura infantil. Hoje, se a criança não for estimulada ela não vai... ela tem que ser incentivada, ter, sabe... ter contato com livros. Eu acho que a vontade ta muito nisso, ela ser estimulada, ter contato... onde tem estímulo, tem acompanhamento, tudo vai, onde não tem... acho que por isso que tá cada vez pior.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S5 – Olha eu acho que... fiz o magistério, pra mim foi bom, mas eu não aprendi muita coisa porque eu não queria, eu tava bem naquela fase, ali, da adolescência. Eu fui levar a sério na faculdade. O que eu sou hoje é em função do que eu estudei na faculdade, no pós e no que eu busquei depois, porque na faculdade tu ganha só o básico, daí, depois tem que correr atrás do que tu quer. Eu fui muito atrás, essa questão do como se trabalha hoje, teoria tu tem, mas a prática é muito pouco, só no estágio... é depois, é na prática mesmo.

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: S6
- Idade: 49
- Formação: ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO ESCOLAR
- Ano de conclusão do curso: 2008
- Escola(s) em que trabalha: ESC. EST. DE ENSINO MÉDIO PROF. FÁBIO NACKPAR DOS SANTOS
- Endereço: CANDELÁRIA
- Rede () particular () municipal (X) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: 23

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S6 – Eu concluí o curso de magistério em 1983 e no segundo semestre, em agosto, já recebi um contrato. No ano seguinte, consegui um contrato pela prefeitura, depois fiz concurso... e logo fui nomeada. Desde que me formei nunca mais fiquei sem trabalho... me sinto muito feliz por isso. Ser alfabetizadora... ah... foi uma grande e a melhor escolha que fiz em minha vida. Claro que foi escolha pessoal.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S6 – Alfabetizar... é dar vida, movimento, voz, emoção, nome as letras. Alfabetizar é... descobrir que eu posso, posso escrever a minha história através do entendimento do sentido das letras. Alfabetizar é... estar em sintonia professor com aluno, é descobrir que um precisa do outro para que aconteça essa grande... graça que é ler... ler a vida, desvendar seus caminhos.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S6 – A voz, amizade, disciplina, cumplicidade, respeito pelo ser que me é entregue... giz, quadro, brincadeiras... ah... e acreditar que é possível melhorar um pouco a cada dia.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S6 – Eu não sou presa a moldes, vamos trabalhando sem prendermos a datas. Usamos folhas xerocadas com desenhos e nomes, letras, pequenas frases, números, valores, quantidade, material de contagem, caderno, pintura, recorte... para então chegar ao texto propriamente dito.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S6 – Nos primeiros dias... o nome dos alunos, números, brincadeiras no pátio com giz, escrita na quadra, bola, corda, contamos e escutamos histórias dos coleguinhas...

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S6 – É encaminhado para a supervisão e, daí, eu aguardo até que o Estado encontre uma vaga para consulta e... enquanto isso continuamos fazendo o que é possível com o aluninho na sala de aula. Uma escola pública nunca tem muito recurso a disposição, então trabalho com as mesmas coisas que trabalho com os outros... dando mais ênfase a ele.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças tem mais dificuldades?

S6 – Sinto que elas possuem dificuldades em compreender o nome das letras, fazer a união das mesmas... perceber que estes símbolos fazem a nossa fala da vida. Mas, nem tudo é difícil, temos alunos que já chegam na escola sabendo ler e escrever e isso não é mérito do professor, entra aí a importância da família que se preocupa com seus filhos.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S6 – Não sei se esta é a resposta correta sobre este método... eu faço da seguinte maneira: cada consoante sempre é um pouco muda, ela cria voz no momento que uma vogal acompanhar ela. Exemplo, se quero dizer 'BOLA', caso eu não diga a vogal 'O' em seguida do 'B', a boca fica cheia que nem um balão e não acontece nada. Preciso fazer com que as crianças desenvolvam a audição e com os movimentos da boca, se faz necessário a atenção e a disciplina.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S6 – bom, o construtivismo quando chegou no final da década de 80, não tenho precisão da data, foi uma grande loucura. A coqueluche era ser construtivista! Mas... detonou a escrita, não se respeitava linhas, parágrafos, se aceitava qualquer escrita, ahh... tudo era válido. Ninguém mais soube traçar letra legível. Felizmente esta febre passou!!!

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças?

S6 – O mais simples possível.

Entrevistadora – Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S6 – Eu não sei que nome tem o meu método, mas ele tem som, uso o nome das letras, movimentamos bem a boca, a língua. Quando percebemos estamos lendo. É claro que nem tudo é risos, alguns não conseguem se alfabetizar e sofremos por isso...

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S6 – Eu acredito que a leitura em voz alta deve ser cultivada nas séries seguintes e isso não se ouve mais nas escolas. Os alunos não escutam a sua própria voz, ahh... os próprios alunos não querem ler, pensam que é ridículo ficar lendo em voz alta, o colega do lado poderá debochar caso ele leia errado... e por aí vão calando a voz da 3ª série em diante. Os corredores emudecem. [...] Eu defendo o momento da leitura oral, os colegas acompanhando com os olhos e por que não com o dedo? É preciso desenvolver a leitura, a entonação, a pontuação, é preciso dar vida e movimento na leitura de um texto.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S6 – [...] O curso de magistério foi a melhor escolha que fiz, meus professores foram ótimos! Na faculdade... ampliou meus conhecimentos, mas somente a prática diária nos dá a sustentação na vida profissional.

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S7**
- Idade: **48**
- Formação: **PEDAGOGIA**
- Ano de conclusão do curso: **2002**
- Escola(s) em que trabalha: **ESC. EST. DE ENSINO MÉDIO PROF. FÁBIO NACKPAR DOS SANTOS**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede () particular () municipal (**X**) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **5**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S7 – Eu concluí o curso de magistério e desde então trabalhei com Educação Infantil em escola particular, 17 anos, somente agora há 5 anos recebi uma 1ª série na escola estadual.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S7 – Alfabetizar é conhecer o mundo das letras e dos números.[...] É dar vida e voz as letras e numerais.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S7 – Lápis, caderno, livros didáticos, livros de história, quadro, giz, lápis de cor, giz de cera, cola colorida, papeis coloridos, quadro de pregas, flanelógrafos...

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S7 – Isso depende... conforme a capacidade dos alunos. Quando os alunos ainda não sabe, ler, a professora lerá os textos e farpa comentários com eles.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S7 – Atividades de socialização, o nome dos alunos, brincadeiras no pátio, contação de histórias, desenho...

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S7 – Este aluno é encaminhado para a supervisão e, enquanto espera são feitas atividades mais leves com ele. Eu uso os mesmos materiais dos outros, mas dou uma atenção especial a ele.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças tem mais dificuldades?

S7 – Sinto no nome das letras, no som da letra [...] eles têm muita dificuldade em juntar as sílabas.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S7 – O método da abelhinha? Que se trabalha o som das letras.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S7 – Onde se constrói as palavras, frases e textos a partir daquilo que a criança já sabe.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças?

S7 – Depende da clientela, o que melhor se adaptar.

Entrevistadora – Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S7 – Eu uso o nome das letras, juntando essas letras formam um som, uma palavra.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S7 – Eu não sei dizer certo, mas são muitos fatores que influenciam nesse resultado. Desde o desinteresse dos alunos até a falta de recurso nas escolas.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S7 – Os meus cursos foram ótimos, um complementou o outro.

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S8**
- Idade: **34**
- Formação: **MAGISTÉRIO – PEDAGOGIA**
- Ano de conclusão do curso: **1999 – CURSANDO**
- Escola(s) em que trabalha: **ESC. EST. DE ENSINO MÉDIO PROF. FÁBIO NACKPAR DOS SANTOS**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede () particular () municipal (**X**) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **5**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S8 – Iniciei meu trabalho em alfabetização, não foi escolha pessoal, mas uma decorrência das circunstâncias, porque fui nomeada e tive que assumir na escola estadual a série que tinha vaga: a 1ª série na época. Logo tive muito medo, mas enfrentei e hoje não largo mais.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S8 – É acompanhar diariamente a caminhada do aluno propondo a ele situações desafiantes, para que além de codificar ele possa decodificar.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S8 – Eu uso jogos variados, fichas com palavras significativas para o aluno, alfabeto móvel... eu acho que quanto mais contato tiver o aluno com os materiais de apoio, mais oportunidades terá para fazer suas descobertas e dessa forma ir avançando. Uso durante o processo de aprendizagem de acordo com as necessidades e também considerando as habilidades a serem desenvolvidas.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S8 – Não tenho um período definido, mas logo no início do ano.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S8 – De socialização, de identificação de si próprio e do outro.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S8 – Eu proponho situações mais variadas possíveis para que possa avançar, tento obter informações sobre a vida da criança e o apoio da família. Os recursos que uso são jogos de letra-palavra, figura-palavra, etc.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças tem mais dificuldades?

S8 – As dificuldades começam pela identificação do som da letra. Ela precisa compreender o som da letra para partir para a leitura. e isso é muito difícil para as crianças.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S8 – São poucos. Mas... partindo do som vejo que dá resultados, porque no momento que o aluno conhece os sons das letras, ele aos poucos vai combinando esses sons para formar palavras.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S8 – São poucos também. Estamos começando a estudar na faculdade a questão dos métodos e agora estou lendo alguma coisa de Emilia Ferreiro. Associo o método global à recreação, jogos, brincadeiras, aprender brincando, é isso?

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças?

S8 – Afirmar que existe um método mais eficiente, não podemos. Apenas acho que seja qual for o método, ele precisa dar resultados.

Entrevistadora – Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S8 – Não tenho um método único. Acho importante no início do processo o uso do fônico, percebo um resultado mais rápido. Depois mesclo conforme as dificuldades do grupo.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S8 – Ahh... uma grande parcela da culpa é a falta de interesse na aprendizagem dos próprios alunos.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S8 – No curso de magistério sempre construímos coisas boas. É a nossa base. Mas, [...] eu sinto falhas na preparação de alfabetizador. Nossas escolas, quase sempre, recebem professores novos em turmas de alfabetização, não que a alfabetização termine nos dois primeiros anos do ensino fundamental, ela é contínua. É que nos deparamos com dificuldades diferenciadas e maiores dos nossos alunos e... precisamos uma orientação maior, até para melhorar nosso trabalho.

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S9**
- Idade: **40**
- Formação: **PEDAGOGIA**
- Ano de conclusão do curso: **2006**
- Escola(s) em que trabalha: **ESC. EST. DE ENSINO MÉDIO GUIA LOPES**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede () particular () municipal (**X**) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **15**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S9 – Cheguei à condição de alfabetizadora em decorrência das circunstâncias... Professor novo na escola não tinha escolha, pegava a turma que sobrava, no caso abria vaga em outra série, o professor da primeira ia para a série que vagava... ao novo sobrava a primeira.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S9 – É desenvolver no aluno o domínio da língua oral e escrita, dando acesso a vida social, desenvolvendo habilidades, tornando eles competentes para usar esse mecanismo.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S9 – Ah, materiais diversos... livros didáticos e de literatura infantil, canções, atividades lúdicas e criativas... elas devem estar relacionadas à faixa etária das crianças e ligadas a fase de desenvolvimento. São utilizadas em vários momentos, diariamente... de acordo com o andamento dos trabalhos.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S9 – Desde o início do ano! Através de histórias, músicas ou produzidos oralmente e transcritos por mim.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S9 – No início eu uso atividades que desenvolvam o esquema corporal, a coordenação motora, atividades lúdicas e de expressão artística, e a sondagem na área cognitiva e psicomotora.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler?

S9 – Eu procuro testar o aluno em diferentes atividades... ah... tentando descobrir se ele tem algum “jeitinho especial” para aprender, saber se há alguma habilidade especial que ele apresenta para ser explorada. E... em último caso... sugiro uma avaliação da professora da sala de recursos.

Entrevistadora – Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S9 - Ora... os recursos são basicamente os mesmos, apenas mais intensificados, de acordo com a dificuldade da criança.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças têm mais dificuldades?

S9 – A maior dificuldade está na ausência do apoio da família... fica mais complicado quando a criança não tem em casa um incentivo ou até um ambiente alfabetizador com pais e irmãos leitores... consequência dos problemas econômicos. As famílias carentes têm mais dificuldades para colaborar... faltam livros, revistas, jornais e até tempo para os pais que trabalham de sol a sol.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S9 – O método fônico é o que usa o som das letras... relaciona-se a letra ao som produzido.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S9 – Ahh... é quando se estuda a palavra inteira dentro de um contexto.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças?

S9 – [...] na verdade, a gente vai construindo um método próprio, misturando esse ou aquele, de acordo com a turma que se tem.

Entrevistadora – Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S9 – Eu geralmente uso o método fônico, porque é o que se aproxima das características da infância...ahh... as crianças brincam com os sons e, assim, vão aprendendo a ler. Não é que eu não utilize o global... após o domínio, o entendimento das letras e sons, quando as crianças já estão lendo, eu uso outro método para diversificar ou mesmo para dificultar... ahh, aumentar o grau de dificuldade.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S9 – Ahh... penso que há falta de cultura para a leitura, a própria população não tem o hábito... não valoriza por possuir outras necessidades. A maioria da população precisa trabalhar e ganhar seu sustento muitas vezes com a mão-de-obra infantil, o que acarreta uma desmotivação para o estudo e a leitura. São necessidades mais urgentes como ter o que comer, por exemplo, que leva ao desinteresse por uma coisa que pode dar retorno, mas a longo prazo. Fora isso, são feitos, algumas vezes, testes padronizados em habilidades muito diferentes e não se considera isso.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S9 – O magistério que fiz deixou muito a desejar, principalmente em relação à alfabetização.já na graduação... proporcionou a teoria necessária para mim relacionar a prática com a teoria e ter um norte em meu trabalho.

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S10**
- Idade: **39**
- Formação: **PEDAGOGIA - PÓS-GRADUAÇÃO**
- Ano de conclusão do curso: **1998**
- Escola(s) em que trabalha: **ESC. EST. DE ENSINO FUNDAMENTAL EVELINE FONSECA DE OLIVEIRA**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede () particular () municipal (**X**) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **21**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S10 – Bom, a minha trajetória como alfabetizadora, tenho 21 anos de escola e 21 anos de alfabetizadora, eu me identifiquei muito desde o começo e... foi uma opção assim mesmo, de me instrumentalizar e me aperfeiçoar dentro da área da alfabetização, por ser uma coisa muito sedutora a condição de alfabetizar eeeeeeeeee... além de sedutora, a alfabetização é um processo que a gente vê, tem um retorno muito grande, ela é muito compensadora. Quem pega o jeito de fazer isso, o gosto por isso é difícil de largar!!!

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S10 – Alfabetização, no meu ponto de vista, ela é bem terna, é uma coisa muito pessoal. Tu adquire ela no contato com as diferentes construções, com diferentes saberes, com diferentes experiências. Então... alfabetizar é um processo de [...] ahh... que tu auxilia, tu é realmente a mediadora como professora, como alfabetizadora, é aquela que auxilia para que esse processo interno se externalize, se manifeste. Isso, pra mim, é alfabetizar! É uma parte interna que tu precisa mostrar e que o professor é o mediador disso e faz acontecer, ahh... de uma forma ou de outra, né? Dependendo da visão que ele tem, da importância que ele dá, da preparação que ele tem também. Alfabetizar não é só decodificar letras, ela é muito maior, tem todo um processo de equilíbrio corporal, todo um processo motor que envolve, de fala, expressão, de argumentação que envolve a alfabetização. Alfabetizar, pra mim, é um processo de construção que tu também vai descobrindo como é que isso vai se processando, o que é que ainda falta, né, e por isso, assim, conhecer os níveis que o indivíduo se encontra nesse processo de aquisição é tão fundamental, é tão maravilhoso, porque dali tu consegue dar o impulso necessário pro próximo momento da construção.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S10 – Ah... eu utilizo, assim, muito material de apoio, não sei fazer sem muita coisa, desde jogos... brincadeiras... expressão... dramatização, tanto é que no meio do meu processo todo de alfabetizar eu fiz dois anos de escola de teatro, né, é fundamental, dá pra alfabetizar com muita facilidade usando a dramaturgia na sala de aula. Eu uso muito a narração de histórias infantis, por causa do teatro. Eu não sei trabalhar sem material, eu trabalho sempre com material, todos os dias tenho material diferenciado, ou seja material alternativo, deles inventarem, deles construírem, mas sempre tem um motivo de eu estar trabalhando aquilo, eles estão sempre envolvidos em alguma coisa bem prática, de manuseio, porque isso ajuda muito... dentro de jogos, de... muita coisa. E porque eu uso esse material, porque abre um leque de possibilidades no momento em que eu estou mediando o trabalho, construindo com eles... um leque de oportunidades de expressão, de percepção, de motricidade e que na verdade, ahh... numa alfabetização tradicional a gente não

considerava... esses recursos, ele não era visto como essencial para o processo de trabalho, no ensino tradicional o que conta é o caderno e o quanto tu escreve. E, não é isso que alfabetiza! Não repetindo, repetindo que tu aprende, tu aprende pela infinidade de experiências que tu faz! E os recursos são fundamentais pra isso, todos eles.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S10 – O aluno entra em contato com textos escritos desde o primeiro dia, do primeiro momento, porque ele não pode ver separado, não existe uma letra, uma sílaba, uma palavra e um texto... existe tudo junto, existem letras e palavras num texto, tudo é um texto, às vezes uma palavra é um texto, né, mas é um todo e ele tem contato com isso desde o começo. A gente faz produção de texto sobre a turma logo de começo e aí vai trabalhando dentro desse texto aquilo que o aluno tem condição de trabalhar. É preciso que ele contata com o texto, porque a vida da gente é um texto, não tem nada isolado, assim. Tudo é um texto e o contexto, também! Tudo tem que estar inserido na realidade daquele grupo, no interesse daquele grupo, né?

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S10 – Eu não posso nunca começar, querer que um aluno ahh...construa um saber se primeiro ele não estiver com a sua identidade e com a identidade daquele grupo bem trabalhada. Então, nos primeiros dias é a hora da organização do ambiente, de conhecer as pessoas que estão envolvidas naquele ambiente, de ver como é a realidade de cada um que vem a esse ambiente. É um processo da construção da sua identidade. Atividades de autoconhecimento e conhecimento dos outros.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler?

S10 – É bem difícil... porque como isso vem de dentro, da percepção, tudo que eu ofereço e ainda não deu... eu sempre costumo usar o ainda, porque angustia muito o professor, então eu sempre acho: ele ainda não está conseguindo e aí eu vou buscando outro jeito de ainda entender. Aí entra uma coisa muito importante que é a individualidade e o trabalho individualizado, porque eu preciso achar o jeitinho, e, às vezes tu passa o ano achando esse jeito. E, aí tu percebe duas coisas: aquele que tem condição de continuar e nós professores temos que ter n-o-ç-ã-o, bom-senso de que a alfabetização não acontece na primeira série, ela acontece ao longo do processo de anos iniciais, porque a mudança de nível ela é instantânea, às vezes, e outras demora um tantão. Então, na verdade, o professor ele tem que ter noção de que, às vezes, falta um mês pra ele mudar, por esse pouquinho eu não posso fazer ele retomar tudo durante um ano, né? E, às vezes, é necessário retomar, quando não dá é pior, o aluno vai se sentir perdido e não vai mais (desenvolver a aquisição da aprendizagem). Quando o aluno repete o ano é preciso começar de onde ele parou, e aí está o grande erro de muitos professores, que começam do zero, tudo de novo, ele não precisa daquilo porque ele já tem aquele conhecimento, aí tem que tratar a individualidade, a gente trata a individualidade coma mesma tarefa, fica o professor achando que ele tem que dar atividade diferente, não é necessário, mas sim, como tu vai cobrar aquela situação ou até a explicação que tu vai dar ou o que tu vai exigir da resposta desse teu aluno. Então, o aluno que não consegue aprender a ler ele precisa passar por um trabalho individualizado, e é angustiante, assim, a gente tem que se acalmar e buscar outras formas de fazer isso, então, eu busco outras maneiras, tomo várias providencias porque eu quero que ele também consiga.

Entrevistadora – Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S10 – Eu, na verdade, eu não... como eu utilizo muito recurso, e isso não ta fazendo o efeito necessário, não é tanto no recuso que eu, eu modifico, mas é no atendimento individualizado, que eu acentuo com essa criança. E, isso tem vários jeitos de se fazer, né, dentro de uma sala de aula, ficar mais perto, mais vigilante, junto auxiliando até que ela entenda. Enquanto os outros já estão autônomos na construção, com aquele a gente fica mais, mais presente. E... eu falo muito com os pais, porque, às vezes, os pais não sabem como auxiliar na alfabetização, então eu mando falar como eles podem ajudar. Eu chamo os pais pra pegar junto, porque, às vezes precisa, né?

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças tem mais dificuldades?

S10 – Eu não vejo dificuldade, assim, uma das coisas que eu percebo é que na minha realidade os pais não investem em livros, mas na escola, assim, quando ele está no nível silábico é mais conflitante, porque daí ele quer ler e não consegue ainda, ele consegue definir o que ele está lendo, aí, talvez ele tenha mais dificuldade, ahh... ele não sabe o que ele tá lendo, ele lê... não consegue definir pra ele o que é. Talvez aí seja a maior dificuldade.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S10 – Eu já ensinei, né? No início do meu trabalho, há vinte e um anos atrás era a abelhinha, então eu já ensinei com o método fônico, conheço bem o método fônico. A criança aprende, ela consegue chegar a um aprendizado, através do fonema ela constrói a sílaba, ela constrói a palavra. Ahh...eu só acho que ele limita muito, junto com o método fônico vinha uma série de coisas, “lh”, “nh” eram consideradas dificuldades e a criança entrava em contato lá em outubro, hoje uma criança desde o primeiro mês de aula ela já tem contato com todas essas formas de escrever e usa isso no processo de escrita, né, ahh... então o fônico, ele...ele...bitola muito. Assim como tinha que ensinar uma letra, um fonema a cada momento, limitava também o que ele escrevia, então não tinha esse contato com texto. E outra coisa, assim, tudo com o mesmo fonema, hoje a gente mistura, e é daí que dá o aprendizado. Mas, num determinado nível da criança, de construção cognitiva, ele tem que perceber o fonema, o som, lá pelas tantas ele percebe, né? Então, ele tem o momento que ele identifica quais são as letras do alfabeto e um período também que ele vai se dar conta que pra mim fazer “FA” é preciso o “F” com o “A”, mas a gente não trabalha o FA, FE, FI, FO, FU pra desenvolver esse fônico. Não pelo fônico que tu alfabetiza, ele se dá conta desse fônico lá pelas tantas. O meu conhecimento do fônico é isso: ele tá dentro de um nível cognitivo, mas ele não é o começo, né? E, aí, assim ó, eu ensino o “F” agora e mostro um universo de palavras com “F” e, como não ensinei o “M” ainda não apresento palavras com “M”, eu limito, era assim! E as crianças aprendiam, saíam da primeira série escrevendo uma frase, bem limitada, hoje eles saem no final do ano escrevendo um texto maravilhoso, com tudo que ele quer dizer, com bastante argumentos, coerência, ele consegue desenvolver uma idéia e construir um texto.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S10 – E... a questão do construtivista, eu acho que a maior contribuição que o método construtivista trouxe foi a contribuição de... poder analisar, testar crianças, junto com o método construtivista veio a possibilidade do alfabetizador testar as crianças e ver em qual nível elas estão, e a partir dali conseguir interferir. Essa foi a contribuição básica! Além de toda essa coisa do contexto, do lúdico, da ludicidade, de que são experiências diferentes que alfabetiza, que vai depender do nível que cada um se encontra pra se alfabetizar. Então, a construção do saber trouxe algumas concepções erradas, que a criança deveria escrever do jeito que ela quisesse, que ninguém interferisse, não é... o método nunca supôs isso, assim, as pessoas que entenderam isso, e, às vezes isso acontecia, deixa ele descobrir... não tem de um dia ele descobrir se tu não oferecer condições para que ele avance, o professor é sempre o mediador, ele interfere pro momento seguinte, mas respeitando cada nível.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças?

S10 – Na minha opinião o método mais eficiente é o método da construção... o global, desde que ele seja... ahh... bem entendido, bem conhecido, que não adianta... não é só diversificar atividades, tem várias concepções, tem vários critérios dentro disso, né, como a questão do errar, é errando que tu acerta, tem que tá presente isso, eu tenho que errar pra eu construir de uma outra forma. Então, como a professora considera isso! Tem várias coisas dentro da construção que precisam ser olhadas.

Entrevistadora – Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S10 – Eu uso global, né, todo o ano, eu trabalho com projetos, também, que envolve uma série, uma infinidade de... de... coisas, de concepções, de envolvimento do próprio aluno.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S10 – A má qualidade da leitura no Brasil, hoje... ah... depende muito do descaso com que é tratada a educação, assim, dessa má interpretação do método da construção, porque alguns professores entenderam que não precisava fazer mais nada, era só olhar os alunos construírem sozinhos, e daí deu no que deu, né? Também, essa medida da progressão continuada que empurrava com a barriga os alunos para a série seguinte, sem pensar nas suas condições cognitivas... na série seguinte fechava-se os olhos para as dificuldades que haviam ficado e seguia o “conteúdo” adiante. Agora estamos sentindo as conseqüências desse ensino irresponsável, sem comprometimento com a qualidade, e vendo nossos alunos saírem da oitava série sem saber ler um a-n-ú-n-c-i-o de jornal.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S10 – Essa formação é um primeiro contato com o universo profissional escolhido, mas o que determina mesmo a qualidade do trabalho é a busca pelo conhecimento, é... é... são as leituras, os cursos, o interesse do professor em melhorar e, ah... tentar responder as suas dúvidas.

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S11

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S11**
- Idade: **39**
- Formação: **PEDAGOGIA – PÓS-GRADUAÇÃO**
- Ano de conclusão do curso: **1997 – 2004**
- Escola(s) em que trabalha: **EDUCAR-SE**
- Endereço: **SANTA CRUZ DO SUL**
- Rede (**x**) particular () municipal () estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **18**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S11 – Eu me formei no Magistério em 1989 e logo recebi um contrato pra trabalhar com Educação Infantil. Desde então não parei mais... Trabalhei na rede municipal, em creche e escolas (escolas ruins que não aceitavam o trabalho que eu queria desenvolver e escolas maravilhosas que me davam todo o apoio) e em rede particular.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S11 – Alfabetização... é tudo! Não é só leitura, é um desenho, o modo de sentar, o modo de comer, tudo isso é conhecimento. E, alfabetizar é entrar em contato com todos os tipos de conhecimentos que nos rodeiam.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S11 – Eu utilizo livro didático, jogos, brinquedos, todo tipo de material que eu acho que vai enriquecer a minha aula. Ahh... eu gosto muito das revistinhas da turma da Mônica. Pego a idéia e adapto para trabalhar com a turma que tenho no momento, pra idade deles.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S11 – Como nós temos a Oficina Literária, os alunos entram em contato com textos escritos desde o primeiro dia de aula. É através de música, poema, brincadeiras...

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S11 – Eu trabalho por projetos. Começo o ano trabalhando o nome e depois são os próprios alunos que sugerem o que querem aprender e qual vai ser o tema do projeto. Daí eu elaboro as atividades de acordo com suas curiosidades.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler?

S11 – Como eu trabalho com 1º ano, não tenho a preocupação de os alunos terminarem o ano letivo alfabetizados. Aqui eles têm apenas uma introdução lúdica da alfabetização e cada um vai aprender a ler no seu tempo. Precisamos respeitar e ter paciência de esperar. Porque essa é uma fase deles brincar, eles não conseguem ficar muito tempo concentrados, né?

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura? Ou, qual o momento que as crianças tem mais dificuldades?

S11 – Pra te dizer com certeza o nível em que as crianças têm mais dificuldades... ahh... eu vejo uma dificuldade maior na passagem do silábico pro alfabético. Parece ser um pulo maior e eles demoram mais, do nível pré-silábico pro silábico

parece ser mais rápido. [...] Eu tenho um aluno, que chegou no início do ano silábico e agora, em agosto, ainda continua silábico.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S11 – Pra ser bem sincera, o fônico eu vi lá na faculdade, que é ensinar pelo som, né? Uma coisa posso dizer que quando a gente ta trabalhando sílabas, não dá pra desvincular o som. Então, não tenho como fugir do som, eu trabalho junto, não consigo. Eu vejo pelos meus alunos, quando eu falo LATA, oh!, a língua foi lá no céu da boca, e quem vai no céu da boca é a letra L, não o A. Eles conseguem fazer essa associação! Eu trabalho muito as palavras bem articuladas, mexendo bem a boca pra eles perceberem na minha fala... Eu não consigo fugir do fônico, não sei se é o correto, mas pra mim eu não consigo separar...

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S11 – Desde que eu me formei leio muito Piaget, Vigotski, Emília Ferreiro. A minha formação foi mais pra esse lado, eu enfatizo muito o lúdico, as brincadeiras.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S11 – Como eu vou dizer... eu pego assim, eu tento fazer o meu método! Pego um pouco da Emília, dos fundamentos do Vigotski, mas nunca deixando o som de lado. Ahh... tento mesclar as atividades, adaptar conforme a turma que eu tenho no momento, né?

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S11 – Eu acho assim, ahh... eu me preocupo muito, hoje em dia, eu vejo nas pessoas que trabalham no currículo, o mínimo do mínimo, ninguém mais se dedica, é uma aula dada de qualquer jeito, só para receber o salário no fim do mês. Por isso a coisa despencou! Então, ahh... eu atribuo o mau desempenho dos alunos em leitura ao descaso com que muitos professores estão tendo com as suas aulas, claro que o governo tem culpa também, por não remunerar melhor os professores, mas quem escolheu ser professor já sabia que não iria ganhar rios de dinheiro, então isso não é desculpa para não se dedicar. Isso não justifica. Falta amor à camiseta, mesmo!!!

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S11 – Bom, o magistério, assim, não foi grande coisa, não tenho nada marcado do magistério, mas a faculdade eu aproveitei!!! Eu era muito caxias, como era eu que pagava minha faculdade, eu tava ali pra aprender!!! Como eu já estava trabalhando na Educação Infantil, eu focava as disciplinas naquilo que eu estava precisando e lia muito, ia fundo, debatia com professores, corria atrás. Eu tentei aproveitar o máximo, eu busquei muito, eu estudei bastante, eu ia além do que o professor pedia.

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S12

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: S12

- Idade: **28**
- Formação: **PEDAGOGIA**
- Ano de conclusão do curso: **2006**
- Escola(s) em que trabalha: **EDUCAR-SE e ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL LUIZ SCHREDER**
- Endereço: **SANTA CRUZ DO SUL**
- Rede () particular () municipal () estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **07**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S12 – Fiz o magistério por influência do meu pai, daí vi que era apaixonante e continuei... fiz pedagogia e me realizei, quando comecei trabalhar vi que minha vocação era pra ser alfabetizadora, ahh... a aprendizagem da leitura e da escrita me fascina, é um encanto que ninguém explica.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S12 – Bom...ahh... alfabetizar é colocar a criança em contato com a leitura e com a escrita através da sua realidade, do seu contexto, é inserir ela no mundo letrado. Hoje em dia sabemos da importância de alfabetizar letrando para que a criança crie e interaja no mundo em que ela vive.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S12 – Eu uso muito os materiais que eles trazem de casa: pesquisa, questionamentos, recortes, revistas. E... aquilo que a escola oferece, como livros didáticos, literatura infantil, informática, jogos, de tudo... os recursos são sempre renováveis e adaptáveis... ahh... depende da turma, dos alunos... do interesse e das condições... mas eu gosto muito de criar com aquilo que eles trazem.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S12 – Desde o primeiro dia de aula, através de música, poema, brincadeiras, textos orais.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S12 – Nos primeiros dias de aula eles fazem o reconhecimento da sala de aula, das dependências da escola, daí eu trabalho a interação, entre os colegas e comigo.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler?

S12 – Primeiro eu faço um diagnóstico da criança, da sua família... da sua relação com os pais, ahh... pra depois pensar junto com a coordenação pedagógica da escola o que fazer, se é caso de encaminhar para um especialista, se conseguimos resolver na escola ou se é só esperar o tempo dela, ter paciência.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura?

S12 – A maior dificuldade que eu sinto para o aluno se alfabetizar é o distanciamento da família... dos pais... às vezes os pais são separados e a criança vive com um, mas queria estar com o outro, os conflitos dentro de casa, as manhas, o

distanciamento, os pais atarefados, né? Tudo isso a criança traz para a sala de aula e se ela não tá feliz, tranqüila, ela não consegue se concentrar pra aprender... ahh... tem sempre um problema que não deixa ela se concentrar... isso, pra mim, é a maior dificuldade.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S12 – O método fônico baseia-se no som para alfabetizar... eu trabalho o fônico principalmente com as crianças que tem mais dificuldades, parece que elas aprendem mais fácil, ahh... não conseguem visualizar o todo e precisam da análise de cada parte para daí chegar na palavra inteira.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S12 – Quando eu fiz magistério o auge era Emília Ferreiro, aquelas coleções construtivistas pareciam bíblias... a gente sabe que o construtivismo tem muitos mitos, né? Os níveis da psicogênese foram muito importantes para a gente testar as crianças, ver em qual etapa da alfabetização elas estavam. Ahh... a verdadeira proposta da construção, da interação do professor e do aluno... o professor não pode ficar parado esperando que aconteça... ele é o mediador, é ele quem vai propor atividades para fazer os alunos avançar, ir adiante na sua alfabetização.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S12 – Eu trabalho vários métodos, na verdade eu utilizo atitudes diferentes com cada criança, a sua forma de poder auxiliar, de poder intervir, ela pode estar associada a um método diferente, né? Então, uma coisa que a gente fez foi pesquisa de grupo e a própria proposta da escola, ahh... alguma coisa que a gente colocou como possíveis para dirigir a nossa prática [...] então, Emília Ferreiro, Vigotski, Piaget. A gente faz o estudo de todos só que, a gente usa um pouco de cada um deles para poder interferir nessa prática mais consciente, assim, pra poder observar. Eu penso que [...] os métodos, a gente precisa ter conhecimento desses métodos né? Mas a prática pra mim ela é uma relação teoria e prática, onde tu precisa ter a teoria pra poder laborar a tua prática, né? Eu não consigo dizer assim, o meu método é único e só. Eu penso nessa diversidade dos alunos, por isso não dá pra usar um método só.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S12 – Um fator que eu penso que influencia bastante é o modo como estes testes são elaborados, porque é feito um teste padrão que é aplicado nas diferentes regiões do Brasil, né? O contexto não é levado em conta, a gente sabe que o nosso país é muito grande e diversificado, né, então como aplicar o mesmo teste aqui no Rio Grande do Sul, lá na região amazônica, na grande São Paulo, na Bahia. É certo que a maioria dos alunos não estará acostumada ao vocabulário e metodologia empregada nos testes e se sairão mal. Outro fator é a família, um fator crucial, eu acho que é o fato dos pais trabalharem, assim, quase que... os filhos não tem contato, os pais não conseguem acompanhar o que os filhos fazem durante o dia, o que fez na escola hoje, lê uma história junto, brincar com eles, né? Não tem esses momentos mais, então tudo isso, imagina, desde que ele é... que ele entra na escola não tem aquela motivação, nem de comprar um livrinho, lê uma história, ahh... não há o interesse, o cultivo, ahh... a não ser da escola, o papel da escola. E... talvez, assim, pela parte pedagógica também, se o aluno não produziu, não interagiu, não criou, se esse processo de leitura e escrita foi de forma mecânica ahh... tão incisiva que ele somente conseguiu memorizar o código da escrita e ele não construiu, não foi de interesse dele... com certeza depois, na leitura e na escrita, isso vai se refletir e eles apenas se acomodou e assimilou esse código de escrita e passou a usá-lo, né? É o interesse em ler e escrever que vai mover o processo e levar eles mais tarde a produzir, a criar de forma mais criativa o texto.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S12 – O curso de magistério, ahh... me trouxe uma experiência, talvez uma primeira experiência do que seria a minha prática, mas assim o que moveu essa... essa vontade e essa gratificação foi no curso de pedagogia, onde eu elaborei

projeto, eu fui buscar, onde eu já me sentia mais segura pra fazer os meus planejamentos e condições, também, de... pensar sobre o que eu tava fazendo, refletir sobre isso, repensar, reconstruir em cima daquilo que eu já fiz né? Não ver o erro como uma coisa... de culpa, né? Mas ver o erro como uma construção, que em cima disso tu vai melhorando.

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S13

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S13**
- Idade: **24**
- Formação: **MAGISTÉRIO – LETRAS**
- Ano de conclusão do curso: **2001 – CURSANDO**
- Escola(s) em que trabalha: **ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL JOSÉ SANMARTIN**
- Endereço: **CERRO BRANCO**
- Rede () particular (**X**) municipal () estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **06**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S13 – Eu comecei a estudar e sempre quis ser professora alfabetizadora, né? Foi uma escolha pessoal, sempre quis. Essa minha escolha se confirmou quando comecei o magistério e continua se confirmando agora na faculdade.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S13 – Alfabetizar... pra mim, é... colocar a criança em contato com o mundo da leitura e da escrita, né? Colocá-la em contato com letras, com palavras... isso é alfabetizar... colocar a criança em contato com o mundo da escrita.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S13 – Os materiais que eu utilizo... são os mais variados materiais possíveis, desde os materiais da natureza como galhos, folhas, cascas, como, ah... jornal, revista, lixo reaproveitável, potinhos, tudo isso é incluído dentro da sala de aula, os alunos usam em trabalhos, e assim também, como livros, né? A criança tem contato com os livros desde o início, pra poder folhar, principalmente livros de literatura infantil, mesmo que eles ainda não sabem ler elas já vão acompanhando as gravuras, né?

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S13 - Todo o período, desde o início, quando eles chegam eles já sabem o nome e aí já tem uma historinha, um texto escrita, contar uma história, colocar numa folha e daí tu parte pra trabalhar as vogais, desse texto, né? Eu faço a leitura do texto e a partir dali eu trabalho vogais, números, tudo em cima de um texto, né?

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S13 – Primeiro eu tento colocar eles, ah... ambientá-los né? Conhecer a escola, trabalhar a família, né? Ddentro de tudo isso a gente vai trabalhando a alfabetização. Mas, eu acho que... ter um vínculo afetivo com o aluno, com a escola é muito importante pra iniciar um trabalho. Então, eu faço eles conhecerem a escola, a sala de aula, os objetos que tem lá, o nome deles, o meu nome, a família deles, a minha família. Isso é importante também!

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler?

S13 – Eu procuro colocar pra ele atividades do nível dele, que ele consiga e a partir dali, ir tentando, ir tentando... mudar. Porque não adianta pular etapas, né? Se ele não aprendeu ali eu posso até ir dando outras coisas, mas eu tenho que tentar fazer com que ele avance naquilo ali. Eu faço também atendimento individual, eu faço uma hora depois da aula, os alunos que possuem mais dificuldades são convidados a ficar comigo para eu trabalhar individual uma vez por semana cada aluno, ou em grupos com dificuldades semelhantes.

Entrevistadora – Quais os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S13 – Os recursos que eu uso são os mesmos, recorte, revistas, jornais, livros e principalmente o atendimento individual, né? Todo material possível e imaginável que tá no meu alcance e vai auxiliar na aprendizagem dos meus alunos, né?

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura?

S13 – As dificuldades... são as sílabas compostas e... os sons parecidos, né?

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S13 – Os meus conhecimentos sobre o método fônico vem lá da minha alfabetização, que foi trabalhada assim, né? E... dali pra cá a gente vê alguma coisa em livros, né? Através desse método a gente parte do som da letra para chegar a sílaba e a palavra... e vai dificultando cada vez mais.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S13 – É um método muito bom de se trabalhar, a gente tem resultados muito bons, só que não é o único método possível de ser usado. Todo método tem o seu valor, basta a gente saber selecionar. Como o construtivista que trabalha bastante as brincadeiras, a criação, a exploração dos materiais...

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S13 – Eu uso mais que um método, eu não uso um método apenas, né? No decorrer do trabalho do ano, se a gente for ver não existe um único método e sim vários, porque a criança não necessita de uma única maneira pra aprender, mas várias... e a gente tem que ir tentando de varias maneiras, né? Eu uso bastante o construtivista, mas em determinados momentos o aluno precisa do fônico, ele precisa estudar o som da letra pra entender como se forma aquela sílaba. A palavra como um todo, mas também o som sozinho, né? Da letra., porque... eu acho que ele também é importante... ele também precisa ser trabalhado.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S13 – Muitos problemas que os alunos apresentam são decorrentes lá da alfabetização, dos anos iniciais, mas também tem outros fatores que podem influenciar, né? no desempenho de um aluno, que são os fatores extra-classe, os fatores familiares, sociais.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S13 – O magistério foi 50% do meu aprendizado, só depois que eu comei a trabalhar senti realmente o que era aquilo. Eu acho que a experiência da gente conta muito, o magistério, ele dá um, uma idéia do que que é o trabalho em sala de aula, mas é muito pouco. Na faculdade eu me decepciono muito com algumas disciplinas, elas poderiam ser mais voltadas para a nossa realidade, parece que a gente não vai aproveitar e muita coisa fica vaga pra gente entrar numa sala de aula, deixa a gente um pouco despreparado. Por isso, né, a gente tem que ir se aperfeiçoando, a gente sempre tem que procurar ler, se atualizar do que estão pesquisando, estudando hoje pra melhorar a nossa prática.

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S14

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S14**
- Idade: **46**
- Formação: **PEDAGOGIA – SUPERVISÃO ESCOLAR**
- Ano de conclusão do curso: **2003**
- Escola(s) em que trabalha: **ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PERCÍLIO JOAQUIM DA SILVEIRA**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede () particular (**X**) municipal () estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **16**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S13 – Foi decorrência das circunstâncias. Eu trabalhava em uma escola que faltou professora para atuar como alfabetizadora, daí me convidaram para atuar e eu aceitei.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S13 – Alfabetizar... ahh... é um processo em que o aluno... através da aprendizagem constrói seu conhecimento e vai descobrindo o mundo da leitura e da escrita.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S13 – Livros, jornais, revistas, jogos variados, atividades com folhas, cartazes com textos, palavras, gravuras... quanto mais contato com livros, palavras, frases, textos, através de atividades variadas como jogo do bingo, trilha, memória e outras coisas... exercícios de recorte e colagem, folhas para completar, montar sílabas, palavras, explorar textos, destacar palavras, letras, frases... o aluno vai ter facilidade no processo de aprendizagem para avançar níveis e se alfabetizar.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S13 – Desde o início do ano... através de produções de texto coletivos expostos na sala de aula. texto de livros, revistas jornais para destacar palavras com as letras do alfabeto que estão sendo trabalhadas.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S13 – Nos primeiros dias eu apresento as letras do alfabeto, atividades com o nome, recorte de letras, jogos do bingo, de memória, confecção de cartazes com palavras, gravuras, frases, textos.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler?

S13 – Eu faço atendimento individual com atividades diferenciadas de acordo com o nível em que o aluno se encontra.

Entrevistadora – Quais são os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S13 – Ahh... eu uso atividades lúdicas... jogos do bingo, de memória, trilha, recorte, colagem...

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura?

S13 – A dificuldade que sinto é em, a criança, reconhecer as letras do alfabeto... ahh... para realizar a junção consoante-vogal e formar uma sílaba e depois uma palavra.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S13 – O método fônico é o método em que o aluno reconhece a junção da consoante com a vogal para formar uma sílaba através do som.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S13 –. No método global o processo de ensino-aprendizagem se dá partindo do todo, do maior para o menor. Onde o aluno constrói o conhecimento através da descoberta

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S13 – Na minha opinião... deve-se seguir uma linha de trabalho, colocando em prática o que tem de bom em cada método... tanto o tradicional, o construtivista, como outros também. Ahh..., o importante é que o aluno apresente um resultado positivo no processo da aprendizagem. E... é assim que eu trabalho o ano inteiro... mesclando o que eu julgo ser bom para meus alunos aprenderem.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S13 – Eu atribuo essa catástrofe a falta de hábito da leitura, de ter um momento do dia dedicado à leitura em casa, para ler jornal, uma piada, um artigo, uma bula, um anúncio...ahh... uma grande parte da população não elege como prioridade LER!!!

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S13 – A minha formação... ahh... tanto no magistério como na faculdade foi ótima, porque adquiri conhecimento teórico necessário para a prática em sala de aula.

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S15

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S15**
- Idade: **24**
- Formação: **LETRAS**
- Ano de conclusão do curso: **2004**
- Escola(s) em que trabalha: **ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSOR PENEDO**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede () particular () municipal (**X**) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **5**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S14 – Foi escolha pessoal, desde o tempo do magistério me preparei para ser alfabetizadora... ahh... mas quando comecei no estado tive que pegar a série que tinha vaga, no caso uma 3ª... sorte minha que no mesmo ano a professora da 1ª série foi transferida e eu pedi para mudar. Me realizei, ou melhor, sou realizada até hoje! Traz um retorno muito grande trabalhar com a alfabetização, os avanços são visíveis dia após dia... ahh... como brotar uma semente.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S14 – Alfabetizar é ajudar as crianças a ingressarem num mundo novo... o mundo letrado. É, aos poucos, com paciência, ir apresentando o universo da leitura e da escrita, seus encantos, sua utilidade, seus usos...

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S14 – Ahh... eu gosto de trabalhar com livros, jornais, revistas, jogos variados, cartazes quanto mais contato com livros, palavras, frases, textos, através de atividades variadas como jogo do bingo, trilha, memória e outras coisas... exercícios de recorte e colagem, folhas para completar, montar sílabas, palavras, explorar textos, destacar palavras, letras, frases... o aluno vai ter facilidade no processo de aprendizagem para avançar níveis e se alfabetizar.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S14 – Desde o primeiro dia de aula em cartazes, jornal, revistas, textos coletivos, poesias, músicas, ahh... e o que surgir.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S14 – Nos primeiros dias eu gosto de socializar as crianças, através de dinâmicas de autoconhecimento, conhecimento dos colegas e da professora, conhecer as dependências da escola as pessoas que trabalham nela... ahh... depois começo a trabalhar projetos tematizados semanais: o nome, a família, a escola, o bairro que mora, a higiene e o que eu sentir que os alunos anseiam em aprender.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler?

S14 – Eu tento descobrir qual é a razão, o motivo... se é biológico, psicológico, neurológico... daí procuro ler, pesquisar sobre... se o aluno enfrenta problemas na família... depois fico mais atenta às suas ações e procuro atender mais ele individualmente, além da testagem dos níveis da psicogênese que auxiliam a gente a elaborar atividades que ajudam o aluno a passar para o nível seguinte. E, se for preciso, claro, encaminho para a orientação escolar e depois um tratamento específico se for o caso.

Entrevistadora – Quais são os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S14 – Ahh... os mesmos que uso com os outros, apenas com um olhar atento e especial.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura?

S14 – Eu posso enumerar as dificuldades: em primeiro lugar o apoio da família é crucial na alfabetização, em segundo o nível cultural de que o aluno provém e, em terceiro o interesse, a motivação, a vontade, a importância que o aluno dá pra as atividades. E... dentro da psicogênese, o nível mais demorado e difícil para os alunos ultrapassarem é o silábico, do silábico para o alfabético é um salto muito grande e muitos conceitos precisam ser reestruturados, por isso a maioria dos alunos precisam de mais tempo de assimilação nesse período.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S14 – O método fônico trabalha em primeiro lugar com as letras e seus sons, ele começa das unidades menores para então atingir as maiores, letras, sílabas, palavras, frases e textos. Nesse método a grande ênfase é dada para que o aluno atinja a consciência fonológica para se alfabetizar.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S14 – Já o método global enfatiza as unidades inteiras, trabalha primeiro com o texto, com a palavra inteira e só por último que acontece uma análise fonológica da palavra, uma atenção maior para cada letra que a compõe. Além disso, ele é o método da construção, que prioriza a aprendizagem pela descoberta, pelo lúdico.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S14 – Não há um método ideal, todos tem qualidades e defeitos, enquanto que o fônico peca por ser repetitivo e mecanicista, o global deixa muita coisa passar em branco que mais tarde não poderá ser retomada, como a questão ortográfica, que é apreendida através da análise das letras e dos sons. Então... na minha opinião... a melhor coisa a fazer é observar os anseios dos alunos e adaptar as atividades, mesclando as coisas boas que o método fônico traz e as coisas boas que o método global traz, a fim de efetivar a alfabetização e realizar o trabalho de modo satisfatório e prazeroso.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S14 – Ahh... um dos principais fatores que contribuem para esse mau desempenho está relacionado aos recursos humanos envolvidos na educação... quero dizer... há muitos professores descomprometidos com a sua prática, que não refletem a sua prática e fazem de qualquer jeito e, também há muitos alunos que, por questões externas, estão descompromissados com o ato de aprender, por isso vão na escola somente por exigência dos pais ou do governo. Essa falta de interesse de ambas as partes gera o caos que estamos enfrentando, os alunos saem da oitava série sem saber compreender o que lêem.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S14 – Claro que sempre há pontos positivos e negativos. Quando fiz o magistério, eu não tinha experiência e noção de uma sala de aula, por isso aproveitei muita coisa e outras puderam ser descartadas, mas durante a faculdade eu já trabalhava, então pude voltar meus estudos para a minha prática e aproveitar mais, focando num objetivo concreto.

Ahh... mas quanto as falhas sinto que priorizam muito a teoria desligada da prática, a gente sai da faculdade e precisa aprender a dar aula. eu acho que falta uma coisa assim: como ensinar isso? Pra quê? Por quê? Onde o aluno vai usar? Aplicar?

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S16

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S16**
- Idade: **47**
- Formação: **PEDAGOGIA**
- Ano de conclusão do curso: **2007**
- Escola(s) em que trabalha: **ESCOLA NOSSA SENHORA MEDIANEIRA**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede (X) particular () municipal () estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **10**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S16 – Eu já comecei praticamente sendo professora alfabetizadora. Fiz complementação de estudos e quando terminei o meu estágio fui contratada, eu trabalhei dois anos com a 3ª série e vim pra 1ª onde eu to desde então. Eu fiz o meu estágio com a primeira série, é disso que eu gosto, gosto da alfabetização.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S16 – Alfabetizar... é uma pergunta bem ampla... bom... a alfabetização não se dá só na primeira série, né, ela se dá em todas as series iniciais, então a minha parte é fazer com que eles avancem na construção e cheguem até o nível alfabético, nem todos chegam ao ortográfico pra ir pra segunda série, e aproxima professora faz essa continuação. Pra mim a parte da alfabetização é tu conduzir eles para um nível adiante, né?

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S16 – Bom, aqui o currículo trabalha com o Positivo, como material, que a principio seria um material de apoio, mas ele se torna praticamente o todo, porque é um material caro que os pais querem que a gente trabalhe todo, mas eu ainda trabalho jogos pedagógicos, pesquisa, Internet, adoro a hora do conto e, procuro outros meios didáticos pra me auxiliar naquilo que o Positivo não tem, né?

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S16 – Desde o primeiro dia. Desde o inicio, né? Com letra bastão, mesmo os que chegam pré-silábicos têm que ter o contato, porque é com o contato que eles vão se... vão despertando e avançando, né?

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S16 – A gente faz uma sondagem, começa desde os primeiros dias pra ver como eles estão, se faz muita coisa lúdica, muita brincadeira com o próprio alfabeto, hora do conto, eles têm um período maior de pátio, de brincadeiras no pátio pra a adaptação, porque eles vem da escolinha e lá eles brincam muito.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais são os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S16 – Bom, toda criança de uma maneira ou outra vai conseguir, mais cedo ou mais tarde... e se eles não conseguem é porque eles têm algum problema. Daí eu converso com os pais, procuro a psicóloga da escola e aí a gente encaminha pros pais procurarem um recurso, né? Agora, aqueles que apenas estão demorando para passar de nível eu procuro ajudar mandando pra sala de recursos, faço um caderno paralelo com atividades específicas para o nível que a criança está, de palavras cruzadas, caça-palavras, exercícios mais básicos... E dentro do grupo todo, procuro colocar ele com os que estão alfabéticos pra ele ter contato com aqueles que já sabem ler, às vezes um colega explica de uma maneira mais fácil que ele capta, né?

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura?

S16 – Depende de cada criança, tem umas que quando chegam no silábico e rapidinho vão para o alfabético, mas do alfabético para o ortográfico... eles ficam tão ansiosos, a cobrança em casa dos pais, às vezes essa etapa se torna um pouco mais demorada, né? Pela ansiedade deles quererem ler, terem medo porque eles sabem que já sabem alguma coisa e ficam ansiosos... daí é um pouco demorado. E tem também aquele aluno que passa do silábico para o alfabético e dá um alívio, mas vai testar no outro dia... parece que regrediu, está silábico novamente. Isso tudo faz parte da aprendizagem deles, né? A alfabetização depende muito do comprometimento da família, se o pai não se comprometer em casa, tu nota direitinho nos alunos os pais que acompanham os filhos e os que não.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S16 – Bom, eu fui alfabetizada pelo método fônico, e o conhecimento que eu tenho... eu nunca alfabetizei assim, nunca alfabetizei por esse método... quando eu comecei já não era mais, né? e eu acho que ele é bem mais difícil, mais cansativo pra criança, aquela decoreba, encher linha, né? é esse conhecimento que eu tenho, que é assim e as crianças chegavam em outubro e daí que iam ler, né?

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S16 – Bom, é como a gente tá alfabetizando, né? mas eu acho que tem coisas no método que a gente poderia dar uma mesclada nele, porque nem tudo é 100%. Eu me questiono muito da criança escrever muito errado e a gente tem que ir mostrando aos poucos como é o correto, né? porque daí eles vão fazendo as experiências, as tentativas, as hipóteses e vão escrevendo e naquele certo momento quando ele está silábico, tu tem que meio que deixar, né? ir mostrando depois. Isso eu me questiono um pouco, mas a maneira assim, da gente trabalhar o ambiente da criança, trabalhar tudo muito próximo dela, isso eu acho ótimo, trabalhar o meio que ele vive. Eu acho que ele é bem melhor que o outro, mas a gente poderia dar uma mesclada nos dois.

Entrevistadora – Que aspecto do fônico tu mesclarias com o global?

S16 – Eu traria do fônico a parte de, cópia jamais, mas o ditado, a maneira de como trabalhar a palavra no início, essa parte de já mostrar a palavra correta para a criança, eu acho que a gente deveria ter uma maneira de trabalhar isso dentro do construtivismo.

Entrevistadora – Tu trabalhas o som da letra?

S16 – Trabalho, no começo eu trabalho som, depois eu já não trabalho tanto, eu acho que no início do processo isso é muito importante.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S16 – Pra mim, no momento seria, né? Agora na faculdade eu to estudando Emília Ferreiro e Ana Teberosky, eu acho que é por aí que a gente deve trabalhar, não se pode dar aquela aula maçante, tem vários caminhos que tu pode seguir, fazer uma aula mais prazerosa, mais dinâmica, tudo no mundo mudou, acelerou e no ensino é muito... então a gente tem

que ter coisas que atraiam a criança durante uma manhã. Eu trabalho com o método global, no momento é o que me dá mais retorno, né?

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S16 – Eu acho que tem mais de uma razão, primeiro aquela família que não lê, a criança não tem contato com jornal, revista, a criança que não vê, não sabe. Segundo, os costumes da família, os pais não lêem, só assistem TV e, terceiro, os livros são muito caros e a falta de estímulos pra isso, né?

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S16 – Bom, eu acho que todo curso que tu faz ele nunca é 100%, tu sempre ta querendo mais do que ele ta te dando, né? Eu agora na Pedagogia me questiono muito, será que foi isso que eu vim buscar? Será que não deveria ser mais do que isso? Eu acho que essa é uma parte muito importante, tu nunca estar satisfeita e sempre querer mais. Tudo vai se modificando e tu também tem que estar te reciclando, né?

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S17

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S17**
- Idade: **54**
- Formação: **EDUCAÇÃO FÍSICA**
- Ano de conclusão do curso: **80**
- Escola(s) em que trabalha: **ESCOLA NOSSA SENHORA MEDIANEIRA**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede (**x**) particular () municipal () estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **23**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S17 – Logo depois que eu me formei no magistério eu tive a oportunidade de trabalhar numa escola do estado com uma primeira serie, desde ali eu me encantei e estou alfabetizando até hoje. Passei por varias etapas, por varias provações, varias modificações na minha prática pedagógica, porque foi bem a época em que a gente começou a estudar a teoria e sobre o construtivismo e eu fui uma das professoras escolhidas pela CRE para fazer estes cursos e depois passar para os professores e foi muito bom porque eu pude ver o outro lado, um lado bem diferente do que aquele que eu alfabetizava antes, tradicionalmente, assim.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S17 – Bom, eu vou resumir, porque a gente teria muito o que falar sobre o que é alfabetizar, mas em curtas palavras: alfabetizar, pra mim, é mostrar pra criança a leitura do mundo, é colocar ela em contato com a leitura do mundo, isso é a coisa mais lindo e mais importante que existe. Então, pra mim, é isso que é alfabetizar.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S17 – Bom, eu acho que, quanto mais variedade de material tu tiver, ahh... mais significativo vai ficar, ahh...desde a psicogênese se sabe que a leitura se constrói através de variados materiais de escrita: bula de remédio, notinhas, contas de telefone, água e luz, revistas velhas, jornais, propagandas, letras de músicas, todo material a gente pode utilizar desde que seja usado no momento certo e que seja feita uma motivação pra isso. A criança precisa vivenciar, tudo precisa ser vivenciado, ahh...

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S17 – Desde o primeiro dia de aula!!! Mesmo que a criança não saiba ainda ler.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S17 – No primeiro dia de aula, na primeira semana, vamos falar assim, se trabalha muito o nome, a identidade, o resgate à identidade do aluno, se trabalha muito a história deles, a família, os números da vida deles. Se trabalha bastante, também, a ambientação da criança na escola, na sala de aula, ahh... conhecer a escola, conhecer o pessoal que trabalha na

escola. E as atividades em termos de linguagem oral e escrita, são atividades mais que envolvem o nome deles, ahh... resgatando a identidade deles, regras de convivência da turma, socialização.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais são os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S17 – Em primeiro lugar averiguar quais são os problemas, não digo problema, onde, ahh... o que o aluno não tá conseguindo fazer, porque muitas vezes a gente sabe que tem que trabalhar várias linguagens, ele pode apresentar uma deficiência na oralidade, uma dificuldade pra falar. Alfabetização é uma árvore, e nem todos os galhos estão brotando ao mesmo tempo ou crescidos no mesmo lugar. Então, ele pode na oralidade estar num lugar, na escrita estar noutra. Eu uso muito de testar as crianças nas primeiras semanas pra ver em que nível da psicogênese eles se encontram, pra ver qual a hipótese que eles tem sobre leitura e escrita, daí eu já tenho uma, uma... um parâmetro pra saber o nível em que está o meu aluno e quais as atividades que eu preciso desenvolver com ele naquele momento. E, se ele apresentar algum problema que não é de ordem pedagógica eu vou encaminhar pra ver se é algo neurológico ou se é problema de relacionamento. Então a primeira coisa a fazer é chegar nessa criança para ver qual é o problema e onde está o problema, e a partir daí tu vai tentar resolver e escolher qual o recurso que tu vai utilizar.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura?

S17 – Na alfabetização, na descoberta da leitura e da escrita, se tu conduzir bem não vai aparecer dificuldades, eu nunca tive muita dificuldade, a não ser que a criança tivesse algum problema neurológico. Assim ó, se a alfabetização é feita de uma maneira lúdica, gostosa, que envolve o ambiente da criança dificilmente ela vai apresentar grandes dificuldades. Então eu penso que as dificuldades maiores vivenciadas pela criança... ahh... chega na hora que ela tem que colocar no papel e onde começa aquela história da correção, de encher a linha com a palavra que errou, isso se torna uma coisa não gostosa. Mas, eu acho que trabalhando dentro dos níveis em que eles estão tu não vai encontrar maiores dificuldades, a não ser que a criança apresentasse realmente um problema que não estivesse ao nosso alcance.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico? Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S17 – Trabalhei com o método fônico no início da minha carreira e alfabetizava 90%, 95%, nunca tive maiores problemas. No método fônico eu alfabetizava de uma maneira que começava pelas vogais, depois as consoantes, se ensinava o som da letra, era uma seqüência, só que com o conhecimento que eu tive acerca do método construtivista e com as leituras e estudos, cheguei a conclusão que realmente coma pesquisa revolucionaria da Emília Ferreiro em cima dos estudos do Piaget, Wallom, Vigotski, Teberosky, eu cheguei a conclusão que era por ali, que nunca ninguém tinha me apresentado uma proposta onde eu pudesse constatar que a criança passava por níveis pra se alfabetizar, assim como ela passa pra falar... pra caminhar... comecei a colocar na prática e constatar que a criança passa por níveis, que eu recebo essa criança com uma caminhada e preciso continua essa caminhada, respeitar essa caminhada. Se usa muita coisa fônica pra trabalhar com a criança, muitas vezes tu mostra pra ela o som que a letinha faz, porque a criança precisa fazer essa relação grafema-fonema, né? pra se alfabetizar é essa relação que ela precisa fazer, do grafema com o fonema, mas não cada uma isolada de uma vez, e... depois emendando o V com o A dá VA, trabalhando a família silábica com os alunos, jamais eu trabalharia assim de novo pelo conhecimento que eu tenho agora da alfabetização. E não é método construtivista, mas uma postura do professor, porque o que muda quando tu tiver um olhar construtivista? Tu tem uma visão de como o aluno aprende e não como vai ensinar a ele. Essa é basicamente a diferença.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças?

S17 – É aquele método que respeita a caminha da criança, que trabalha dentro do ambiente, da realidade dela, respeitando a etapa em que ela está vivendo e a história que ela traz, porque cada criança traz uma história de vida diferente.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S17 – Eu acho que eu vou ser bem rude, eu te digo que muitas vezes é desleixo dos professores, assim ó, o professor tem muito, ele coloca muito empecilho, pra dizer essa criança não vai se alfabetizar, porque vem de pais separados, a criança que vem de meio pobre eles colocam que é desnutrida, tem muitos que lá por outubro já colocam quem vai se alfabetizar e quem não vai. Eu acho que esse péssimo desempenho em testes de leitura muitas vezes é por falta da escola, não todos, não vou generalizar, conheço professores maravilhosos, mas eu acho que... ahh... eu tive oportunidade de palestrar pra professores, inclusive fora do Brasil, e eu acho que os professores tiveram oportunidade, sim, de conhecer propostas construtivistas, mas muitas vezes o professor, por acomodação ele deixa esse lado a desejar, muitos professores lêem muito pouco, não investem em leitura.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S17 – O curso de magistério foi o básico do básico, se eu tivesse ficado naquilo ali teria sido um desastre, né? como faculdade me abriu muito, porque a gente sabe a importância do corpo na alfabetização, me abriu muito no sentido da linguagem corporal e eu comecei a colocar isso dentro da minha prática e comecei a ver resultados e o que realmente me abriu foi esses estudos em cima dessa proposta construtivista, como pessoal do GEEMPA, da PUC e da CRE, acho que isso foi o que mais me abriu e me motivava pra cada vez ler mais.

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S18

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S18**
- Idade: **28**
- Formação: **MAGISTÉRIO – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**
- Ano de conclusão do curso: **1997 – CURSANDO**
- Escola(s) em que trabalha: **ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO GUIA LOPES**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede () particular () municipal (**X**) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **06**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S18 – Eu sempre gostei de 1ª série... fiz meu pré-estágio e o meu estágio com 1ª série. Após... trabalhei dois anos com turma multiseriada e depois comecei na 1ª série. Ahh... foi maravilhoso e gratificante, eu me sinto muito satisfeita alfabetizando crianças, é um desafio diário.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S18 – Durante muito tempo pensei que alfabetizar era ensinar a ler e a escrever, mas hoje percebo que é muito, muito importante trabalhar o todo da criança e é claro a leitura e a escrita!!!

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S18 – Utilizo livros de literatura para iniciar um assunto que será desenvolvido, alfabeto exposto na sala, filmes, jogos feitos por eles...

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S18 – Desde o início do ano letivo!

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S18 – Nos primeiros dias... ahh... atividades para trabalhar o nome deles e da profe, atividades de integração para os alunos que ainda não estão adaptados, sondagem para partir para os conteúdos.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais são os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S18 – Eu trago atividades diferentes que reforçam o que está faltando, converso com os pais, reforço o tema de casa, mais jogos de letras durante a aula... eu dedico mais tempo a esses alunos. Então... como eu já disse uso jogos com letras, palavras, números, caderno separado para atividades extras.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura?

S18 – Eu sinto dificuldade... na memorização das letras do alfabeto, muita falta de incentivo e ajuda em casa. Muitas crianças não trazem material para aula, não fazem o tema de casa...

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico? Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S18 – O método fônico é aquele que trabalha os sons, né? E, a partir daí vai se formando palavras e frases. Já o construtivista parte de um texto significativo para o aluno e, então, estuda-se as estruturas das palavras.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S18 – Não existe método, cada professor tem sua metodologia onde deve adequar a realidade do grupo e o contexto ao qual está inserido. Eu utilizo o fônico no início do ano, mas sempre partindo de um recurso para motivar... então eu estudo a palavra, a sílaba...No segundo semestre eu trabalho a produção de frases e textos sempre procurando dar significado ao tema. No trabalho que realizo não sigo fielmente o método fônico, nem o construtivista, porque trabalho partindo do global, mas no decorrer do trabalho vou para as sílabas e sons das letras.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S18 – Eu atribuo isso à falta de hábito da leitura, pais que não sabem a importância da leitura e não incentivam seus filhos a retirar livro da biblioteca.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S18 – Ainda não concluí a faculdade. Durante o curso de magistério aprendi, estudei coisas básicas para iniciar a carreira... ahh... mas percebo cada dia mais que é necessário estar sempre em busca de mais aperfeiçoamento.

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S19

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S19**
- Idade: **42**
- Formação: **MAGISTÉRIO – GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**
- Ano de conclusão do curso: **1992 – CURSANDO**
- Escola(s) em que trabalha: **ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL EDEMUNDO FONTOURA DA MOTA**
- Endereço: **NOVO CABRAIS**
- Rede () particular (**X**) municipal () estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **15**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S19 – Quando eu concluí a 8ª série, fui convidado para trabalhar como professor substituto de 1ª a 5ª série, sendo que a professora... ahh... a que estava eu estava substituindo entrou em licença maternidade. Passado os 90 dias fiquei permanente por 9 anos... claro que continuei estudando. Fiz o Normal de férias em Cachoeira do Sul. Em 1990 fiz concurso público, passei e comecei a trabalhar nomeado. Ahh... voltando a pergunta, foi decorrência das circunstâncias.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S19 – Alfabetizar... é a maneira pela qual o professor transmite conhecimentos, preparando o aluno para a leitura e a escrita.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S19 – Eu uso o que está no meu alcance: jogos lúdicos, folhas mimeografadas, recorte, colagem, hora do conto, painéis, filmes. Eu busco sempre aperfeiçoar a qualidade e a maneira mais simples de fazer o aluno aprender e a entrar em contato com as letras... ahh... procuro sempre a diversidade, não deixando as aulas ficarem repetitivas, usando assim, de várias formas os itens citados acima.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S19 – A partir de agosto eu introduzo a produção textual.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S19 – Nos primeiros dias tem o período preparatório onde entra a coordenação motora fina e ampla, trabalho com o nome do aluno e... a partir daí começo nas vogais.

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais são os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S19 – Primeiro eu comunico os pais e após faço um trabalho de recuperação paralela em turno inverso, trabalhando com o aluno os pontos não atingidos, caso não tenho resultado procuro ajuda com a supervisora e a psicóloga. Os recursos... aula prática, como jogos com letras, quebra cabeça, diálogo, recortes, etc.

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura?

S19 – A maioria apresenta dificuldade de concentração na aula, para eles qualquer movimento estranho é motivo de desvio do pensamento. Também em casa há pouco recurso e ajuda por parte de alguns pais, isso se dá por serem alunos da zona rural.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S19 – O método fônico... ahh... tem a ver com o som?

Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S19 – Onde o professor é o mediador e parte da realidade do aluno.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S19 – O método mais eficiente é o tradicional. Eu uso os dois, porque a fala e a escrita andam juntas.

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S19 – Ahh... há falta de interesse por parte dos professores em buscar métodos e leituras que despertem o gosto de ler nos alunos. Também há casos em que o aluno gosta de ler.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S19 – O magistério... pra mim... abriu muitos horizontes por parte da didática e aulas práticas, pois até então me auxiliava muito nos livros. Foi concluindo o magistério que aprendi que o conhecimento parte também do aluno e a importância da minha realidade em sala de aula cresceu o dobro. Melhor ainda seria se o meu magistério fosse num período mais longo como é agora.

ENTREVISTA COM PROFESSOR ALFABETIZADOR – SUJEITO S20

1. PERFIL DO PROFESSOR

- Nome: **S20**
- Idade: **38**
- Formação: **MAGISTÉRIO – GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**
- Ano de conclusão do curso: **1999 – CURSANDO O ÚLTIMO SEMESTRE**
- Escola(s) em que trabalha: **ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO GUIA LOPES**
- Endereço: **CANDELÁRIA**
- Rede () particular () municipal (X) estadual
- Anos de experiência com alfabetização: **07**

2. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistadora – Qual é a sua trajetória até chegar à condição de alfabetizador? Foi uma escolha pessoal ou decorrência das circunstâncias?

S20 – Quando eu passei no concurso fui nomeada para uma escola do interior e assumi a turma que tinha vaga lá, uma 3ª série, mas no próximo ano pedi pra sair, então assumi aqui no Guia que é perto da minha casa. Quando cheguei tinha, na verdade, duas vagas, na 3ª e na 1ª, daí eu vim pronta pra pegar a 3ª, mas a supervisora me encorajou a trabalhar com a primeira porque eu era calma, tranqüila, tinha jeito com criança. Fiquei apavorada porque eu nunca tinha alfabetizado, mas enfrentei o desafio. E estou até hoje com a 1ª, não me arrependo, gosto muito e tenho, mesmo, bastante jeito com os pequenos.

Entrevistadora – O que é alfabetizar?

S20 – Pra mim alfabetizar... já tá dizendo, né? é o alfabeto. Tu ensinar as crianças o alfabeto, as letras, conseguir ler e escrever.

Entrevistadora – Que materiais de apoio você utiliza? Por quê? Como?

S20 – Materiais de apoio... ai, assim oh, principalmente a criatividade, em tudo eu vejo material de apoio, num filme, numa música, em caixas, em cartazes, na rua, onde tiver letra, onde tiver coisa escrita tem material de apoio. Eu uso livro didático, mas conforme o que eu preciso, conforme o projeto, o tema que eu to trabalhando eu aproveito as atividades boas sobre aquilo que ele oferece.

Entrevistadora – Em que período do ano o aluno tem contato com textos escritos na sala de aula?

S20 – Durante o ano todo, desde o começo, desde o primeiro dia de aula a gente já faz, assim, quem somos, quantos somos.

Entrevistadora – Quais atividades são desenvolvidas nos primeiros dias de aula?

S20 – No primeiro dia eu faço mais o reconhecimento da sala, de mim mesma, deles, faço brincadeiras pra eles falarem sobre eles, construo o alfabeto da sala com eles, cartazes...

Entrevistadora – Quais são as suas atitudes e que providências toma frente ao aluno que não consegue aprender a ler? Quais são os recursos que você utiliza para trabalhar com essa criança?

S19 – Jesus! Isso é uma calamidade, né? Presto mais atenção nessas crianças, dou um atendimento maior a elas, chamo atenção deles pra estarem sempre atentos, né?

Entrevistadora – Quais as dificuldades vivenciadas pelas crianças no processo de aprendizagem da leitura?

S20 – Ahh... dificuldade de memorização das letras do alfabeto, falta de incentivo em casa, não fazem tema e não tem o material básico.

Entrevistadora – Quais são os seus conhecimentos acerca do método fônico?

S20 – No método fônico se estuda o som das letras e sílabas, formando palavras e frases.

Quais são os seus conhecimentos acerca do método global/ construtivista?

S20 – Procura-se partir de um texto significativo para o aluno e, então se estuda a estrutura das palavras.

Entrevistadora – Na sua opinião, qual o método mais eficiente para alfabetizar crianças? Qual é o método que você utiliza em sala de aula, fônico ou global? Quando e por quê?

S20 – Não existe um método ideal, o que existe é a metodologia do professor que se deve adequar à realidade do grupo e o contexto ao qual ele está inserido. No início do ano eu utilizo mais o método fônico, mas sempre parto de uma situação significativa, né? para então estudar a palavra, a letra, a sílaba. No segundo semestre eu trabalho mais a produção de textos e frases, sempre procurando dar um significado as atividades. a metodologia utilizada em meu trabalho não é fielmente construtivista nem totalmente fônica, acho que é uma mescla dos dois, pois dou início aos trabalhos partindo do global, mas acabo atacando as sílabas, letras e seus sons, dentro da história, receita...

Entrevistadora – As pesquisas sobre leitura no Brasil apresentam resultados alarmantes. A que você atribui o péssimo desempenho dos estudantes brasileiros nos testes de leitura?

S20 – Deve ser a falta de hábito da leitura, né? os pais não incentivam esse hábito, até proibem os filhos de retirarem livros da biblioteca para não ter responsabilidade.

Entrevistadora – Avalie sua formação como professor (curso de magistério, faculdade, etc). O que foi bom e o que poderia ter sido melhor?

S20 – A formação de magistério me deu uma base legal, muito conhecimento, né? confecção de material, recursos, idéias... Utilizei tudo o que podia no início da docência. A partir daí, fui estudando e aprimorando meu trabalho sempre. O curso superior também me clareia e norteia, principalmente na questão metodológica.

ANEXO F

RELATÓRIO DAS OBSERVAÇÕES

SUJEITO S1

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S1**

Data: **11/07/2007**

Número de alunos: **23**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em fileiras de duplas.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, das cores, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, sem figura da letra inicial).
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas xerocadas.
- Bastante utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula e algumas atividades com a letra cursiva.
- Planejamento feito em projetos semanais observando um tema centralizador.

SUJEITO S2

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S2**

Data: **04/07/2007**

Número de alunos: **16**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em volta de duas grandes mesas retangulares.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Sala dividida em cantinhos: cantinho da leitura com livros temáticos (Semana Monteiro Lobato), cantinho de Ciências com as experiências realizadas pelos alunos em exposição.
- Atividades diárias feitas em folhas e encadernadas no final do trimestre, não utilizam caderno.
- Espaço específico do quadro-negro para um aluno registrar as atividades do dia (Data, Educação Física, Projeto Lixo Reciclável, Merenda, Reflexão², Tema).
- Pouca utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Planejamento feito em projetos semanais observando um tema centralizador.

² Esta reflexão é um período na igreja onde o pastor conta uma história que traz uma mensagem.

SUJEITO S3

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S3**

Data: **19/07/2007**

Número de alunos: **21**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em fileiras.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas mimeografadas e xerocadas.
- Bastante utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula e algumas atividades com a letra cursiva.

SUJEITO S4

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S4**

Data: **19/07/2007**

Número de alunos: **21**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em fileiras em duplas.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas mimeografadas e xerocadas.
- Bastante utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula e algumas atividades com a letra cursiva.

SUJEITO S5

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S5**

Data: **08/06/2007**

Número de alunos: **17**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em volta de uma grande mesa retangular.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Sala dividida em cantinhos: cantinho da leitura com livros e almofadas, cantinhos da exposição com trabalhos dos alunos, cantinhos dos jogos (jogos com letras, figuras e palavras).
- Atividades diárias feitas em folhas, não há uso sistemático de caderno.
- Pouca utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Atividades recreativas e lúdicas no pátio diariamente.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador oferecido pela escola.

SUJEITO S6

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S6**

Data: **03/08/2007**

Número de alunos: **20**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em fileiras.
- Ambiente da sala de aula limpo, sem cartazes pelas paredes da sala.
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas xerocadas e mimeografadas.
- Muita utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra cursiva.

SUJEITO S7

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S7**

Data: **03/08/2007**

Número de alunos: **19**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em volta grupos de quatro alunos.
- Ambiente da sala de aula limpo, sem cartazes pelas paredes da sala, somente o alfabeto com os quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, sem figura da letra inicial).
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas xerocadas e mimeografadas.
- Muita utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula, algumas atividades em letra cursiva.

SUJEITO S8

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S8**

Data: **03/08/2007**

Número de alunos: **16**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em volta de uma grande mesa retangular.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo cartazes pelas paredes da sala: do ajudante, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Atividades diárias feitas em folhas, não há uso sistemático de caderno.
- Pouca utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Atividades recreativas e lúdicas no pátio diariamente.

SUJEITO S9

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S9**

Data: **15/08/2007**

Número de alunos: **20**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em volta de uma grande mesa retangular.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Sala dividida em cantinhos: cantinho da leitura com livros e almofadas, cantinhos da exposição com trabalhos dos alunos, cantinhos dos jogos (jogos com letras, figuras e palavras).
- Atividades diárias feitas em folhas, não há uso sistemático de caderno.
- Pouca utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Atividades recreativas e lúdicas no pátio diariamente.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador.

SUJEITO S10

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S10**

Data: **06/06/2007**

Número de alunos: **22**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em grupos de quatro ou cinco alunos.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Sala dividida em cantinhos: cantinho da leitura com livros e almofadas, cantinhos da exposição com trabalhos dos alunos, cantinhos dos jogos (jogos com letras, figuras e palavras).
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas xerocadas e mimeografadas.
- Pouca utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Atividades recreativas e lúdicas no pátio diariamente.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador.

SUJEITO S11

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S11**

Data: **22/08/2007**

Número de alunos: **20**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em volta de uma grande mesa retangular.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do tempo (ensolarado, nublado ou chuvoso), do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Sala dividida em cantinhos: cantinho da leitura com livros e almofadas, cantinhos da exposição com trabalhos dos alunos, cantinhos dos jogos (jogos com letras, figuras e palavras), cantinho da limpeza (uma pia para lavar as mãos).
- Atividades diárias feitas em folhas, não há uso sistemático de caderno.
- Pouca utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Atividades recreativas e lúdicas no pátio diariamente.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador oferecido pela escola.

SUJEITO S12

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S12**

Data: **22/08/2007**

Número de alunos: **25**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos fileiras em duplas.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do tempo (ensolarado, nublado ou chuvoso), do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas.
- Muita utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula, algumas atividades realizadas em letra cursiva.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador oferecido pela escola.

SUJEITO S13

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S13**

Data: **25/06/2007**

Número de alunos: **18**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em fileiras em duplas.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Sala dividida em cantinhos: cantinho da leitura com livros e almofadas, cantinhos da exposição com trabalhos dos alunos, cantinho ecológico (exposição de plantas ou animais conservados no álcool).
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas.
- Muita utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Atividades recreativas e lúdicas no pátio diariamente.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador.

SUJEITO S14

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S14**

Data: **02/08/2007**

Número de alunos: **23**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em fileiras.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas xerocadas e mimeografadas.
- Muita utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.

SUJEITO S15

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S15**

Data: **03/07/2007**

Número de alunos: **20**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em fileiras de duplas.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Sala dividida em cantinhos: cantinho da leitura com livros e almofadas, cantinhos da exposição com trabalhos dos alunos, cantinhos dos jogos (jogos com letras, figuras e palavras).
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas xerocadas ou mimeografadas.
- Muita utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula, algumas atividades em letra cursiva.
- Atividades recreativas e lúdicas diariamente.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador.

SUJEITO S16

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S16**

Data: **08/06/2007**

Número de alunos: **21**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em fileiras.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Atividades diárias feitas no caderno e em folhas xerocadas.
- Muita utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador oferecido pela escola.

SUJEITO S17

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

1. DADOS

Sujeito: **S17**

Data: **08/06/2007**

Número de alunos: **15**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em volta de uma grande mesa retangular.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Sala dividida em cantinhos: cantinho da leitura com livros e almofadas, cantinhos da exposição com trabalhos dos alunos, cantinhos dos jogos (jogos com letras, figuras e palavras).
- Atividades diárias feitas em folhas, não há uso sistemático de caderno.
- Pouca utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Atividades recreativas e lúdicas no pátio diariamente.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador oferecido pela escola.
- A professora faz atendimento individualizado constantemente.

SUJEITO S18

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

2. DADOS

Sujeito: **S18**

Data: **22/08/2007**

Número de alunos: **22**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em fileiras em duplas.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Atividades diárias feitas em folhas, há uso sistemático de caderno.
- Muita utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador.
- A professora faz atendimento individualizado constantemente.

SUJEITO S19

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

3. DADOS

Sujeito: **S19**

Data: **23/08/2007**

Número de alunos: **17**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos em fileiras.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Sala dividida em cantinhos: cantinho da leitura com livros e almofadas, cantinhos da exposição com trabalhos dos alunos, cantinhos dos jogos (jogos com letras, figuras e palavras).
- Atividades diárias feitas em folhas e uso sistemático de caderno.
- Muita utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra cursiva.
- O professor faz atendimento individualizado constantemente.

SUJEITO S20

ASPECTOS IMPORTANTES REGISTRADOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

4. DADOS

Sujeito: **S20**

Data: **22/08/2007**

Número de alunos: **21**

2. OBSERVAÇÕES

- Alunos dispostos fileiras em duplas.
- Ambiente da sala de aula dinâmico e criativo, contendo muitos cartazes pelas paredes da sala: cartaz dos aniversariantes, do ajudante, com o nome dos alunos, dos números até 10, das produções dos alunos, do alfabeto nos quatro tipos de letras (script maiúscula e minúscula e cursiva maiúscula e minúscula, com figura da letra inicial).
- Atividades diárias feitas em folhas, há uso sistemático de caderno.
- Muita utilização do quadro-negro.
- Predominância da letra script maiúscula.
- Planejamento feito em projetos observando um tema centralizador oferecido pela escola.
- A professora faz atendimento individualizado constantemente.